

Margly Octavia Genofre de Carvalho

ESCUTA SENSÍVEL: PROTAGONISMO NA EDUCAÇÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Marques

SOROCABA/SP

2017

Ficha Catalográfica

C325e Carvalho, Margly Octavia Genofre de
Escuta sensível : protagonismo na educação / Margly Octavia
Genofre de Carvalho. -- Sorocaba, SP, 2017.
183 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Marques.
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba,
Sorocaba, SP, 2017.
Bibliografia: f.154-160.

1. Professores e alunos. 2. Professores - Formação. 3. Prática
de ensino. 4. Escuta (Psicologia). I. Marques, Waldemar, orient. II.
Universidade de Sorocaba. III. Título.

Margly Octavia Genofre de Carvalho

ESCUITA SENSÍVEL: PROTAGONISMO NA EDUCAÇÃO

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Waldemar Marques
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
UFAL – Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Hylío Laganá Fernandes
UFSCar – Sorocaba

Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Profa. Dra. Maria Alzira de Almeida Pimenta
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Àqueles que praticam e acreditam
que a Escuta acolhe e nos torna
mais perceptivos e sensíveis ao
outro. Ouvimos com o sentido,
escutamos sentindo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por iluminar e direcionar o meu caminho com muita bênção.

À minha mãe querida, aos meus irmãos e ao meu marido, pelo carinho, Amor, incentivo, auxílio e compreensão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Waldemar Marques, pela confiança, orientações e atenção neste trajeto de aprendizagem. Aprendi novos olhares para a vida e para a educação.

Aos professores doutores Luiz Fernando Gomes, Pedro Laudinor Goergen, Hylio Laganá Fernandes e Maria Alzira de Almeida Pimenta, cujas observações e sugestões contribuíram para o aprimoramento da pesquisa e para o meu aprendizado.

Aos meus amigos, todos, por fazerem parte da minha história de vida.

Àqueles que participaram e estiveram comigo nesta etapa da minha vida.

A minha gratidão vem da alma.

RESUMO

Este estudo defende a tese que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação. O objetivo primeiro da pesquisa foi verificar se a relação entre professor e aluno está centrada no saber-fazer (razão) ou no saber-ser. Partindo da ideia de que a escuta sensível visa a valorização das expressões como fator fundamental para a compreensão do ser humano, e assim, beneficiar tanto professores quanto alunos e que deve ser uma prática, destaca-se a importância do professor protagonista nessa ação. Como a formação do professor não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual, este estudo busca responder às seguintes questões: Qual a formação do professor? Ou seja, a formação do professor está centralizada no desenvolvimento humano integral (saber-ser)? O escutar professor-aluno acontece no processo ensino e aprendizagem? A partir da escuta, como criar um clima no ambiente escolar que estimule o interesse e a participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do seu curso? A pesquisa tem a abordagem qualitativa e a pesquisa-ação como procedimento metodológico. E traz como suporte teórico, entre outros autores, Ardoino, Barbier, Gatti e Morin. Para a coleta de dados foram utilizados diferentes instrumentos: observação participante, diário de campo (diário de itinerância do pesquisador em pesquisa-ação) e materiais diversos como: atas, plano de gestão e outros. O foco desta investigação foi observar o professor em sua prática e ação docente e não os alunos. O estudo de campo foi realizado na Faculdade de Tecnologia de Sorocaba com a participação de docentes dos cursos da área de mecânica. Os resultados revelaram que entre os discursos teóricos voltados à educação holística e a prática docente há um distanciamento entre o pensamento e a ação. Temos nesse panorama um paradoxo entre a teoria e a prática. Pela análise do Currículo Lattes dos professores constata-se que não há nenhuma informação concreta ao verificar se a formação do professor está centralizada em um saber-ser. O escutar professor-aluno acontece no processo ensino e aprendizagem, mas a escuta sensível não predomina nas práticas e ações dos docentes. A escuta sensível nos incita a ter diferentes visões da mesma situação, direcionando os caminhos e ações docentes.

Palavras-chave: Escuta sensível. Formação de professores. Prática docente. Relação professor e aluno. Educação holística.

ABSTRACT

This study defends the thesis that the teacher needs to have training for sensitive listening and a holistic view on education. The first objective of the research was to verify if the relationship between teacher and student is centered in the know-how (reason) or the know-how. Starting from the idea that sensitive listening aims at valuing expressions as a fundamental factor for understanding the human being, and thus, to benefit both teachers and students and that should be a practice, the importance of the teacher protagonist in this action stands out. Since teacher training can not be thought of as merely an intellectual activity, this study seeks to answer the following questions: What is the teacher's training? That is, teacher training is centralized on integral human development (know-how)? Does listening to teacher-student happen in the teaching and learning process? From the listening, how to create a climate in the school environment that stimulates the interest and the effective participation of the student in the classes and activities of his course? The research has the qualitative approach and the action research as a methodological procedure. And it brings as theoretical support, among other authors, Ardoino, Barbier, Gatti and Morin. For the collection of data, different instruments were used: participant observation, field diary (researcher's roaming diary in action research) and various materials such as minutes, management plan and others. The focus of this investigation was to observe the teacher in his / her practice and teaching action and not the students. The field study was carried out at the Faculty of Technology of Sorocaba with the participation of teachers from the mechanics courses. The results revealed that between the theoretical discourses focused on holistic education and the teaching practice there is a distance between thought and action. We have in this panorama a paradox between theory and practice. By the analysis of the Curriculum Lattes of teachers it is verified that there is no concrete information when verifying if the formation of the teacher is centralized in a knowing-to be. Listening to teacher-student happens in the process of teaching and learning, but sensitive listening does not predominate in the practices and actions of teachers. Sensitive listening encourages us to have different visions of the same situation, directing the ways and actions of teachers.

Keywords: Sensitive listening. Teacher training. Teaching practice. Relationship teacher and student. Holistic education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Corpo Docente Especializado, com Titulações e Experiências no Ensino Superior e Pesquisa Tecnológica e Servidores, da FATEC – Sorocaba.....	74
Gráfico 2	Tempo de docência dos professores do curso de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos, na FATEC – Sorocaba.....	77
Gráfico 3	Titulação dos docentes dos cursos de Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos da FATEC – Sorocaba.....	78
Gráfico 4	Os cursos que os professores de mecânica lecionam na FATEC – Sorocaba: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos.....	78
Gráfico 5	Formação dos professores dos cursos de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos da FATEC – Sorocaba.....	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 EDUCAÇÃO SUPERIOR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	14
2.1 Educação.....	14
2.1.1 Educação holística ou Plena do ser.....	18
2.2 Educação Superior.....	22
2.3 Ensino, Aprendizagem e Vida.....	27
2.4 Formação de professores.....	31
2.4.1 Felicidade, sensibilidade, prática e ação docentes.....	36
2.4.2 Exercício da docência.....	39
2.4.3 Integração das tecnologias na educação.....	42
3 ESCUTA SENSÍVEL.....	47
3.1 Escutar e ouvir.....	47
3.2 A educação para o sensível.....	50
3.3 Educar na biologia do amor.....	53
3.4 A escuta sensível.....	55
3.4.1 Contextos escolares.....	57
3.4.2 Diferentes contextos.....	59
4 CAMINHOS PERCORRIDOS.....	62
4.1 A pesquisa qualitativa.....	62
4.2 Pesquisa-ação.....	66
4.2.1 Olhares sobre a pesquisa-ação.....	68
4.3 O contexto da pesquisa.....	73
4.4 Participantes da pesquisa.....	75
4.5 Diretrizes para o desenvolvimento da pesquisa.....	79
4.6 Instrumentos de coleta de dados.....	81
4.6.1 O diário de campo.....	82
4.6.2 Cartas ao amigo.....	84
4.7 Construir o vínculo afetivo.....	120

5 RETOMANDO O CAMINHO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS.....	122
5.1 Observações, encontros e registros no diário de itinerância.....	122
5.2 A escuta dos professores.....	128
5.3 Retomando as questões de pesquisa.....	140
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 150
 REFERÊNCIAS	 154
 ANEXO A – Cronograma de recepção aos calouros	161
ANEXO B – Programação dos minicursos para recepção aos calouros.....	162
ANEXO C – Programação da III SIPAT.....	163
ANEXO D – Slogan da III SIPAT.....	164
ANEXO E – Palestra realizada na programação da III SIPAT.....	165
ANEXO F – Atividades da III SIPAT.....	166
ANEXO G – Projeto Barco hovercraft e Drone.....	172
ANEXO H – Ata (22-02-2016).....	176
ANEXO I – Ata (15-06-2016).....	179
ANEXO J – Conecta Docente.....	182

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em educação abrimos uma gama de possibilidades para discussões, questões e direcionamentos. Na posição de pesquisadora e professora implicada na educação, observo docentes em pleno exercício de suas atividades que veem a educação atual como um modelo fragmentado, desconectado da realidade e do contexto cultural. Entendo que a educação não é a mera transmissão de informações ou do conhecimento, mas sim uma transformação na convivência, a partir do acolhimento e da escuta do outro.

A escolha do tema da tese, escuta sensível, está intimamente relacionada com as minhas histórias de vida pessoal, profissional e acadêmica. Sou professora atuante na educação, graduada em Biologia, Matemática e Tecnologia em Projetos Mecânicos. Leciono em escola pública, na cidade de Sorocaba, interior do Estado de São Paulo. A minha ação junto aos alunos sempre teve limite, compromisso, respeito, escuta, valorização e carinho. Com o tempo, adquiri crenças, e entre elas, que a educação se faz com amor, exemplo e com experiência própria, as vivências.

Esta pesquisa tem conexão com o meu trabalho de mestrado cujo tema foi a biologia do amor. A escuta sensível e a biologia do amor são temas que enfocam o ser humano como um ser total, constituído por suas várias dimensões, entre elas: física, emocional, social e espiritual, as quais se influenciam reciprocamente.

Tanto a escuta sensível como a biologia do amor estão pautadas na humanização das relações e no desenvolvimento do ser humano. A valorização do outro, o estar com o outro e o ato de escutar são gestos que proporcionam a sensação de acolhimento.

Segundo Barbier (2002, p. 94), "a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado". Para o autor, a escuta sensível estabelece uma ligação entre o "escutar/ver" que se apoia na empatia. Carl Rogers (1977, p. 87), define a empatia como "a capacidade para entender as percepções e os sentimentos de outra pessoa", ou seja, é a capacidade de o interlocutor se colocar verdadeiramente no lugar do outro e ver o mundo como ele o vê. A escuta sensível busca a valorização das expressões como fator fundamental para a compreensão do ser humano.

Cada professor e/ou pesquisador faz a seu modo uma leitura de mundo

conforme a sua vivência e forma de escutar/ver o outro e seu entorno. Defendo que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação.

O interesse em realizar este estudo ocorreu ao problematizar, por intermédio de observações e conversas informais com docentes e discentes, leituras/pesquisas diversas (jornais, internet, artigos, livros e outros) que a relação que se estabelece entre professor e aluno está centrada em um saber-fazer (razão), e assim, ficando em segundo plano a preocupação com a formação do sujeito. Jacques Ardoino (1971, p. 70) denomina a formação do sujeito em um saber-ser. O "saber-ser" e o "saber viver" necessitam da presença do outro. "A ação formativa [deve] produzir um "conhecimento experimental" dos problemas, que se pode opor ao conhecimento intelectual." Assim, a formação do ser em sua totalidade se estabelece a partir das interações com o outro e em seus diversos contextos.

Este estudo tem em vista mostrar e evidenciar que a dimensão da escuta sensível é matricial para a profissão de professor, ou seja, a escuta sensível como uma das condições essenciais para a formação e prática docente.

O objetivo primeiro da pesquisa é verificar se a relação entre professor e aluno está centrada no saber-fazer (razão) ou no saber-ser (ARDOINO, 1971). E os objetivos secundários consistem em conhecer e refletir/discutir sobre a relação entre professor e aluno ao fazer referência às práticas pedagógicas, ao ensino, à aprendizagem e à vivência do educando.

Partindo da ideia de que a escuta sensível visa à valorização das expressões como fator fundamental para a compreensão do ser humano, e assim, beneficiar tanto professores quanto alunos e que deve ser uma prática, destaco a importância do professor protagonista nessa ação. Como a formação do professor não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual, neste estudo, busco responder às seguintes questões: **Qual a formação do professor? Ou seja, a formação do professor está centralizada no desenvolvimento humano integral (saber-ser)? O escutar professor-aluno acontece no processo ensino e aprendizagem? A partir da escuta, como criar um clima no ambiente escolar que estimule o interesse e a participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do seu curso?**

A investigação se compõe de um estudo teórico e de um estudo empírico. A pesquisa de campo foi realizada na Faculdade de Tecnologia de Sorocaba (FATEC –

Sorocaba) com a participação de docentes dos cursos da área de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos. A FATEC – Sorocaba tem em sua grade de ensino nove cursos. A escolha desses cursos se justifica por três fatores predominantes: são os dois primeiros cursos implantados na FATEC – Sorocaba; apresentam o maior quadro de professores; os laboratórios são estruturados e representam o maior número em relação aos demais cursos.

Destaco que neste estudo, o foco foi analisar o professor em sua prática e ação docente e não os alunos. Pois, em minha dissertação de mestrado, eu já observei os alunos a partir das atividades propostas e desenvolvidas pela professora-pesquisadora.

Para a coleta de dados foram utilizados diferentes instrumentos: observação participante, diário de campo (diário de itinerância do pesquisador em pesquisa-ação) e materiais diversos como: atas, plano de gestão, PowerPoint (slides) e outros. E, com procedimentos metodológicos da pesquisa-ação.

Ao considerar a pesquisa-ação um processo dinâmico e criativo, e que permite a flexibilidade e a ousadia na sua maneira de conduzir e construir uma investigação, apresento a coleta de dados desta pesquisa no formato de carta. Estas cartas revelam o contexto e os sujeitos da pesquisa. Ou seja, as cartas relatam, por meio de discurso indireto do pesquisador, os dados obtidos para análise e considerações.

A relação entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa foi estabelecida por uma implicação, num processo de análise, que permitiu entender a diversidade de expressões dos participantes e aumentar o conhecimento da pesquisadora e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

A escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir, próprio do pesquisador ou educador que adota a pesquisa-ação. A escuta do pesquisador poderá captar os significados do não-dito. O silêncio também é uma forma de expressão do sujeito; é a manifestação de ações subjetivas do indivíduo. “A atitude requerida pela escuta sensível é a de uma abertura holística.” (BARBIER, 1998, p. 189). Para Barbier (1998), a escuta sensível afirma a coerência do pesquisador. Uma escuta que pode ser percebida e compreendida por intermédio de diferentes olhares em diversos espaços da vida; a escuta sensível como elemento essencial para o desenvolvimento do ser humano.

Esta tese está organizada da seguinte maneira. No **Capítulo Dois**, focalizo a

educação superior e a formação de professores de maneira integrada. Discuto a questão da educação integral ou plena do ser humano com base na formação escolar, na escuta sensível e na visão holística. Menciono também a formação do professor como mediador da ação educativa que necessita de uma sólida formação teórica e prática que deve ser desenvolvida dialeticamente.

No **Capítulo Três**, discuto a escuta como uma habilidade que precisa ser desenvolvida na formação do ser humano, a educação para o sensível ao focalizar as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora os conhecimentos e a escuta sensível em seus contextos.

No **Capítulo Quatro** abordo as características peculiares e as intenções da escolha de uma metodologia qualitativa; neste caso, a escolha está centrada na pesquisa-ação. Apresento os dados coletados durante a pesquisa de campo e as implicações ocorridas no processo de pesquisa-ação. Os caminhos foram traçados conforme parâmetros metodológicos e direcionados pela pesquisadora. Os relatos apresentados foram construídos a partir da observação e interpretação da investigadora.

No **Capítulo Cinco** trago a análise e discussão dos dados coletados. Neste capítulo, para realizar a análise, parto da observação e pesquisa participante obtidas do contexto e dos sujeitos da pesquisa, cujas interações, ações e implicações ocorridas são repletas de significados e interpretações.

Para finalizar, nas **Considerações Finais**, faço algumas reflexões sobre a temática e o percurso desta pesquisa, e aponto as contribuições que esta tese se propôs.

2 EDUCAÇÃO SUPERIOR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Neste capítulo focalizo a educação superior e a formação de professores de maneira integrada. Discuto a questão da educação integral ou plena do ser humano com base na formação escolar, na escuta sensível e na visão holística que se apoia em um conjunto de propostas que visa o conhecimento integrador e inovador, o desenvolvimento da autoestima, do autoconhecimento, dos valores e a formação de alunos autônomos, reflexivos e cidadãos. Ao falar em educação superior faço referência a transformar, desenvolver e formar o cidadão com o objetivo de proporcionar uma vida com qualidade individual e social. Menciono também a formação do professor como mediador da ação educativa que necessita de sólida formação teórica e prática que deve ser desenvolvida dialeticamente.

2.1 Educação

A educação é um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo, pois se atribui a ela a responsabilidade pelas ações e comportamentos do ser humano. Essa, porém, pode ser refletida sob diversos ângulos, sendo um deles a questão da educação na formação do ser, principalmente quando se refere à formação escolar, independente do nível de ensino, seja esse fundamental, médio ou superior. Nesse contexto educacional, o professor é considerado um dos protagonistas da formação do ser humano. E nesta pesquisa, foco a escuta sensível do professor na sua formação e prática.

Educação e ensino não são sinônimos, embora muitos autores, inclusive acadêmicos, utilizem a mesma terminologia. Educar tem sua origem no latim *educare*, por sua vez ligado a *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora) + *ducere* (conduzir, levar), e significa literalmente “conduzir para fora”; ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. Assim, educar é trazer para fora, é extrair de uma pessoa algo que a torne transformada; é uma ação interativa e dialética realizada entre as pessoas que atuam na sociedade e nela estão inseridas. Paulo Freire (1987, p. 39) destaca que “os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, portanto, os homens se educam em comunhão.

Etimologicamente, a palavra ensinar tem sua origem no latim, *ensignare*, que significa indicar, fazer sinal (*signum facere*) ou apontar numa direção, como mostra o

prefixo in-. Ensinar é fazer conhecer através de um signo; o signo é o que permite concluir a existência de uma coisa ausente. A palavra ensino é utilizada tanto para designar a ação e as práticas de ensinar quanto para os diferentes níveis e modalidades de ensino no sistema educacional. O significado das palavras varia em razão das práticas sociais dos povos, revelando as diferentes concepções que decorrem dessas práticas.

Na visão de Edgar Morin (2005, p. 10), os termos educação e ensino se confundem, e esse se refere à educação como uma palavra forte: "Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano." Define ensino (2005, p. 11) como "arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile." Ao estabelecer a referência entre os dois termos, ensino e educação, Morin tem em mente o ensino educativo (2005, p. 11) cuja missão é "transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre." Destaca ainda, que "a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a poética de nossas vidas." (MORIN, 2005, p. 11).

A educação, na visão deweyana, é uma constante reconstrução da experiência, de forma a dar-lhe cada vez mais sentido e a habilitar as novas gerações a responder aos desafios da sociedade (DEWEY, 1897). Educar, portanto, é mais do que reproduzir conhecimentos, é incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo, preparar pessoas para transformar algo.

Segundo Jacques Delors (2001, p. 90-102), a educação deve se organizar em torno de quatro aprendizagens fundamentais que são os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Resumidamente, cada aprendizagem visa: (1) Aprender a conhecer: adquirir os instrumentos da compreensão. Tem como propósito que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, possibilitando viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades pessoais e profissionais para comunicar, além do prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. (2) Aprender a fazer: para poder agir sobre o meio. Esta aprendizagem está relacionada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como enfrentar diferentes situações e a trabalhar em equipe. (3) Aprender a viver juntos: a fim de participar e cooperar com os outros em

todas as atividades humanas. Aprendizagem que propõe a descoberta progressiva do outro; e ao longo da vida, o desenvolvimento de projetos estimulando a participação em atividades sociais como: ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações, e outros. Importante destacar que a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de superação de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor-aluno. (4) Aprender a ser: conhecimento de si mesmo e a relação com o outro. A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade, espiritualidade. Deve agir com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal.

No universo educacional temos muitas propostas e desafios aos educadores e profissionais da educação. José Barata-Moura (2004), ao definir educação, sinaliza que a educação é um processo vital, de formação e construção do ser humano a partir das nossas relações interativas, e um processo reversível e abarcante onde nós nos educamos em ambientes informais, formais ou institucionais. Segundo o autor, uma educação superior requer compromisso de racionalidade, experiência de pesquisa e exercício criativo da crítica, aprofundando uma área consolidada do saber. A educação superior nos dá subsídios para sairmos do senso comum e buscarmos a teoria, ou seja, a fundamentação para as nossas questões, exercitando a crítica, autonomia e a criatividade de cada ser humano. Barata-Moura (2004) menciona que somos seres da cultura e nos educamos a partir e através da nossa formação e interação. O entrelaçamento da educação superior com as necessidades e partilha do mundo contemporâneo solicita soluções de maior consistência e alcance social. Exigem-se novas práticas e posturas cidadãs.

A educação cidadã tem reflexo na vida das pessoas e da sociedade. Leva ao conhecimento, aos princípios que fundamentam as práticas sociais e respeito às normas democráticas. A escola pode colaborar com isso, trabalhando metodologias que resgatem os valores, o afeto, desenvolvendo a cultura do acolher, da aprendizagem significativa, centrada no educando e nas suas reais necessidades. Atuar sobre a dimensão afetiva pressupõe propiciar condições para que as pessoas conheçam a si mesmas, seus próprios sentimentos e emoções, que construam o autorrespeito e valores. Garantir seu desenvolvimento adequado, respeitando as diferenças e características individuais, é essencial para o enriquecimento de nossas

experiências e para a interação com o mundo.

A educação torna possível o acesso ao conhecimento, à participação e proporciona condições para que o sujeito construa sua cidadania. Cidadania é igualdade de oportunidades entre as pessoas, da consciência de que é possível transformar e conviver com as diferenças e que o bem-estar individual passa pelo bem-estar coletivo (SERRÃO; BALEEIRO, 1999).

“O direito à educação é um direito social. Porque só em socialidade se produz educação; porque o viver de agentes cultos se projeta de dentro e para a sociedade.” (BARATA-MOURA, 2004, p. 33). Em sociedade exercitamos nossos direitos e deveres ordenados por meio de regras, compromissos, responsabilidades, respeito, valores, manifestações, anseios e outros.

Na realidade, necessitamos de parâmetros educacionais que habilitem/preparem o aprendiz a viver em uma sociedade divergente e em constante processo de transformação. E assim, cabe à escola, estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo, a função de se reafirmar como espaço de produção cultural e intelectual. Para Ervin Laszlo (1997), buscamos um paradigma que reconheça a inexistência de divisão categórica entre o mundo físico e o mundo vivo, entre mente e consciência, razão e emoção, lembrando que vida e mente são elementos constituintes de um processo de grande complexidade e que a vida traz consigo uma rede infinita de nós, de relações e de diversos elementos que interagem uns com os outros. A educação deve “incentivar novas formas de relações entre as pessoas com base no respeito, na parceria, na cooperação, e isso deve acontecer no próprio estilo de vida da escola.” (PEREIRA; HANNAS, 2000, p. 38).

A educação possibilita novas relações entre os seres humanos por meio de processos que resgatem sua autoestima e melhorem sua capacidade de se relacionar, de conviver, de respeitar as diferenças individuais e culturais, de amar e de lutar pela cidadania plena. Sendo assim, a educação precisa ser reconhecida como uma mola propulsora para nos ensinar a aprender a viver/conviver e preparar o cidadão para corresponder e enfrentar as condições do mundo contemporâneo. A sociedade contemporânea passa por transformações em todas as esferas, entre elas: vida pública e privada, relacionamentos humanos, atividade profissional, Estado e instituições sociais.

2.1.1 Educação holística ou Plena do ser

Uma educação pautada na escuta sensível requer uma visão holística que se apoia em um conjunto de propostas que visa: o conhecimento integrador e inovador, o desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento e a formação de alunos autônomos, reflexivos e cidadãos, ou seja, com valores individuais e sociais. "O docente com visão holística propicia ações que levem à criação, à imaginação e às atividades que promovam a aprendizagem, contemplando o homem integralmente." (BEHRENS, 2013, p. 101).

Ao mencionar a visão holística da educação é essencial conhecer a sua origem. Etimologicamente, a palavra holismo vem do grego *holos*, e significa inteiro, integral, totalidade, realidade. O prefixo *holos* faz menção a um universo constituído de conjuntos integrados, e sendo assim, não pode ser reduzido a simples soma de suas partes, ou seja, a fragmentação do todo. A abordagem holística é inclusiva e integrativa ao considerar interdependência entre as partes e o todo. A formação holística tem como objetivo reintegrar o ser humano à percepção e vivência do todo e, portanto, é contrária à especificidade e fragmentação dos saberes e o caráter fragmentado do ser humano. A formação integral do ser humano possibilita um novo modo de ser, de perceber, de pensar, de sentir e de agir.

"Todo o ser humano deve ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida." (DELORS, 2001, p. 99). A educação integral amplia a concepção da educação proporcionada pela escola e pela família e abre espaço para o envolvimento e a responsabilidade de toda a sociedade em relação às novas gerações. Sendo assim, tanto na escola como na família, faz-se necessário proporcionar ao educando práticas reais de vivência solidária, ao mesmo tempo em que pratica o conhecimento de si mesmo, como ser integral que é. Entendo que o conteúdo programático formal, oferecido pela escola, é fundamental, porém é preciso que esse conteúdo seja contextualizado e associado à vivência do aprendiz, e assim, contribuir para a realização de suas ações, decisões, técnicas, autonomia, criatividade e reflexões.

Saliento que a formação do ser humano não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual, pois é um processo global e complexo. Aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos,

escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensina-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências propiciadas, pelos problemas criados e pela ação desencadeada. Compartilhar ideias, experiências e questões sobre a vida, favorece o desenvolvimento emocional, cultural e social de quem aprende. Um dos objetivos da educação é preparar o cidadão para resolver situações da vida, e a ação educativa tem como elemento fundamental o aperfeiçoamento das relações sociais.

Claudio Naranjo (2005), psiquiatra chileno, indicado para o prêmio Nobel da Paz de 2015, é afirmativo quando diz que já é hora de termos uma educação para o desenvolvimento humano. E vai além, quando diz que se queremos uma sociedade diferente, ou seja, mais humana e íntegra; urge a necessidade de termos professores comprometidos e dedicados ao desenvolvimento humano com competências para modificar práticas educacionais. Para o autor, a instituição educativa, como órgão social, esquece de sua função que é formação do ser em todas as suas dimensões, entre elas: intelectual, emocional, social e espiritual. E assim, precisa resgatar o seu papel que é formar pessoas mais solidárias, sensíveis ao outro. Em seus estudos, Naranjo confirma que a nossa educação e sociedade valorizam o ensino cognitivo desprezando os demais aspectos do ser humano, e por isso, chama a atenção para a urgente necessidade da valorização do indivíduo como um ser total, priorizando uma educação holística. Destaca que a forma tradicional de educação acarreta uma grande insensibilidade no aprendiz e que a educação holística desperta a capacidade amorosa do ser, e que tem como característica a afetividade; base da boa convivência e da participação.

Morin (2005) e Naranjo (2005) consideram que a educação, ao visar o desenvolvimento humano, favorece para que o indivíduo se torne melhor e seguramente mais feliz. Sendo assim, essa educação nos leva a ser o que somos em potência; mais completos. Esse modelo de educação apresenta o caráter transformador.

O termo feliz pode trazer diversas interpretações, principalmente na educação. A origem da palavra feliz vem do latim *felix*, que quer dizer fértil, frutuoso (que dá frutos), fecundo. Com o passar do tempo, por extensão metafórica de sentido, já que o que é fértil é também propício, favorável, *felix* tornou-se sinônimo de afortunado, alegre, satisfeito. Nos últimos dois séculos a felicidade tem sido um dos principais parâmetros para conferir sentido à vida humana, porém, novas

pesquisas mostram que não são as nossas conquistas, o nosso esforço, as nossas realizações que nos tornam felizes; é o oposto, ou seja, é a felicidade que, em grande parte, determina nossas conquistas. A psicóloga Sonja Lyubomirsky (2006), após estudo sobre felicidade, diz: "Cheguei à conclusão de que, ao contrário do que muitos imaginam, é a felicidade que leva ao sucesso – e sucesso tanto no trabalho quanto na vida pessoal, na escola, em tudo." E vai adiante, quando afirma que pessoas felizes têm mais capacidade de perseguir seus objetivos e adquirir os meios de conquistá-los.

Para Naranjo (2015b), as práticas educativas que visam o desenvolvimento humano aspiram harmonizar e equilibrar as partes intelectual e emocional do sujeito, e assim, parte do seu trabalho tem como objetivo levar educadores ao desenvolvimento de competências humanas para modificar práticas educacionais no mundo.

Entendo que as práticas educativas que têm em vista o desenvolvimento integral do ser humano contribuem com a formação de indivíduos autônomos e com uma visão ampla de mundo, capazes de nele intervir, transformando sua realidade e atuando como cidadãos competentes, comprometidos, participativos, criativos, reflexivos e críticos; tendo como referência os valores humanos e a educação plena do ser.

Na minha dissertação de mestrado (CARVALHO, 2012) apresento reflexões sobre minha prática como professora de Biologia no ensino médio, pois sempre acreditei que o conteúdo programático da minha disciplina poderia ser expandido e ampliado, de modo a preparar o jovem para a vida, buscando o equilíbrio entre emoção e razão na formação plena do ser. Como professora passei a fazer uso de práticas pedagógicas que transcendiam o currículo escolar nos processos de ensino e aprendizagem. Como pesquisadora saí do estágio da intuição e do senso comum, e comecei a olhar para a minha prática e a refletir sobre ela. Elaborei, então, as seguintes questões de pesquisa que nortearam o meu trabalho: O que ensinar e como ensinar, sem interferir no programa curricular da minha disciplina, Biologia, de maneira a contribuir para que a educação seja efetivamente integral? Como criar um clima em sala de aula e fora dela que estimule a autoestima, o autocontrole, o respeito, a cooperação, o diálogo e a solidariedade? Como perceber se as ações solidárias e humanizadoras estão acontecendo? Como suporte teórico para essa pesquisa dialoguei, entre outros autores, com Humberto Maturana, Leonardo Boff e

Fernando Hernández. Minhas reflexões foram realizadas a partir de quatro atividades que foram propostas aos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual, no período de dois anos. Os dados que foram coletados se referem às postagens em blogs e aos portfólios dos alunos, além das observações da pesquisadora-professora durante o processo de pesquisa. Os resultados mostram que os alunos passaram a ser protagonistas de sua aprendizagem, a valorizar a si mesmos, o outro e a família, a entender as suas emoções, a realizar atos de solidariedade, a respeitar as diferenças e a exercer os valores humanos nas suas vivências. Esses resultados revelam que a escola pode e deve se preocupar com a formação integral do ser e que essa preocupação não precisa estar restrita à disciplina de Biologia.

Como citado no início desse estudo, sou professora das disciplinas de Biologia e Matemática. E, portanto, também comprovo, como pesquisadora e professora, por meio da minha prática educativa, que mesmo no ensino de Matemática, nós educadores podemos favorecer o desenvolvimento total do aluno. Trabalhar com práticas diferenciadas na disciplina de Matemática continua sendo um desafio para mim como profissional, pois ainda há resistência por parte de alguns professores e pais de alunos que acreditam que esse “tipo” de trabalho, que visa a formação integral do ser, não é função do professor de Matemática. Mais uma vez saliento a relevância da escuta sensível ao direcionar a prática docente. No entanto, a formação, a fundamentação, a prática e a sensibilidade do professor são primordiais em seu contexto ao identificar uma problemática ou para atingir seus objetivos educacionais.

O sujeito é composto de características objetivas e subjetivas. As objetivas são mais facilmente identificadas, reconhecidas, porém, as subjetivas têm traços mais “tímidos”, ocultos que necessitam de sensibilidade para que possam ser descobertas.

O professor é um fator de influência na educação de crianças, jovens e adultos, e por isso, a formação e prática docente necessitam ser conduzidas e estabelecidas para o desenvolvimento de competências existenciais e não somente técnicas. Para Naranjo (2015b) essas competências existenciais foram negligenciadas ao longo dos anos. Ele classifica as competências existenciais como amor ao próximo (empático), amor aos ideais (devocional), amor a si (desejos), a consciência do presente; o autoconhecimento (quem sou) e o desapego.

Pela educação, seja essa formal ou informal, temos a possibilidade de direcionar o desenvolvimento do ser humano com o objetivo de ampliar a sua visão de mundo, o seu conhecimento, as suas emoções, os seus valores, e assim, proporcionar e construir uma trajetória de vida com mais equilíbrio, responsabilidade, realizações e felicidade. A escuta sensível do professor é um canal de direcionamento para uma aprendizagem voltada para a formação integral do ser; percebida e compreendida por intermédio de diferentes olhares, em diversos espaços da vida, e um deles é o espaço escolar. "A escuta sensível é uma prática incessante, permanente, que busca a todo momento reconhecer o indivíduo na sua singularidade. A escuta sensível não conforma-se com o superficial, ela busca a essência, a completude." (CERQUEIRA, 2011, p. 12). Singularidade no sentido da sua particularidade, do seu próprio eu, único. E, completude no sentido de se tornar completo, inteiro, na totalidade do seu ser.

2.2 Educação Superior

Neste trabalho, considero a educação superior o mais elevado nível da educação e o ensino superior como o grau universitário, quer em universidades quer em faculdades. O nível se refere a uma escala de valores que vem "por sobre" outras formações, e o grau faz menção a cada uma das divisões desenvolvidas em etapas progressivas. Como já mencionei, a palavra ensino é utilizada tanto para designar a ação e as práticas de ensinar como os diferentes níveis e modalidades do sistema educacional. Conforme Barata-Moura (2004, p. 32), "uma educação denomina-se de "superior" porque aprofunda uma área consolidada do saber, proporciona um determinado título profissional, se desdobra numa circunstância científica de investigação." A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996, art. 43, I) ao mencionar a educação superior indica que cabe a esse grau de ensino promover e instigar "a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo."

O ensino superior nos dá subsídios para sairmos do senso comum e buscarmos a teoria/fundamentação para as nossas questões, exercitando a crítica, autonomia e a criatividade de cada ser humano. Para Barata-Moura (2004), uma educação superior requer compromisso de racionalidade, experiência de pesquisa e exercício criativo da crítica, com foco em uma área do saber. O autor destaca a

educação superior como um direito de todos os indivíduos e não como um privilégio individual, pois reconhece-se a educação superior benéfica em proveito de todos. Ao falar em educação faço referência a transformar, desenvolver e formar, e não simplesmente a um complemento ou adorno que se acrescenta ao indivíduo ao longo da sua vida.

Neste capítulo, ao fazer menção à educação superior, a proposta é de focalizar, de forma sucinta, algumas finalidades, funções e posições em sua tarefa de transmitir, produzir e disseminar conhecimento com compromisso e responsabilidade social, possibilitando a construção de sociedades mais justas e igualitárias

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e inicia sinalizando a abrangência da educação. De acordo com o art. 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. E, no art. 2º expõe os princípios e fins da Educação Nacional: a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Nesses dois primeiros artigos, fica claro, que a educação prima por uma educação plena do ser e, portanto, compete também às instituições de ensino se dedicarem ao desenvolvimento humano, incluindo todos os níveis: fundamental, médio e superior.

Quando falamos em educação abrimos várias possibilidades de discussões, questões e direcionamentos, e assim, nos deparamos com debates nos países de todo o mundo, envolvendo a possibilidade de alterações em seus sistemas de educação superior (ES) e de pesquisa, no sentido de estimular e desenvolver novas formas de aprendizagem e de produção, gestão e aplicação do conhecimento. Esses debates têm evidenciado a necessidade de mudanças para organizar sistemas e instituições que promovam a equidade e inclusão social, e ao mesmo tempo, manter a qualidade da formação; além de revelar que as instituições de educação superior (IES) precisam atuar com mais sentido e pertinência social. Essas discussões mostram a complexidade dos desafios, mas expõem novas perspectivas de atuação, além de proporcionar oportunidades de consolidar metas e

estratégias que colaborem para alcançar o objetivo de expansão da educação superior de qualidade.

No contexto nacional urge a necessidade de uma discussão mais ampla acerca das funções e desempenho pela educação superior e de suas instituições. Debates que precisam levar em consideração a competência para atender demandas de conhecimentos e de formação, decorrentes do processo de desenvolvimento socioeconômico, científico e tecnológico, além de apoiar e promover a sustentabilidade social e econômica.

Juan Carlos Tedesco (2012, p. 85), ao se referir à universidade e à democratização do conhecimento, diz que “o vínculo entre universidade e democracia é multidimensional e complexo, e assume significados diferentes, dependendo do contexto histórico e cultural em que estamos localizados” e, por isso, é necessário olhar para o sistema educacional como um todo.

A educação superior abrange todo tipo de estudos, treinamento ou formação para pesquisa em nível pós-secundário, oferecido por universidades ou outros estabelecimentos educacionais aprovados como instituições de educação superior pelas autoridades competentes do Estado. No entanto, a especialização, para um profissional graduado, é um fator de expressão em sua carreira, proporcionando maiores possibilidades de trabalho, expansão e qualidade. A educação superior contribui para essa qualificação, pois compreende vários cursos e programas. Porém, quanto à elevação da qualidade da educação superior, vale destacar que:

A qualidade está vinculada à pertinência e à responsabilidade com o desenvolvimento sustentável da sociedade. Isso exige impulsionar um modelo acadêmico caracterizado pela indagação dos problemas em seus contextos; a produção e transferência do valor social dos conhecimentos; [...] um trabalho de extensão que enriqueça a formação, colabore na identificação de problemas para a agenda de pesquisa e crie espaços de ação conjunta com distintos atores sociais, especialmente os mais excluídos e marginalizados. (Declaração CRES, 2008, grifo nosso).

As discussões que tratam a questão da qualidade da educação destacam a inovação como uma das competências para essa transformação. Ou seja, a qualidade de renovar-se, de modificar padrões preestabelecidos, de romper paradigmas e de reinventar-se.

Uma questão de relevância na educação superior se refere aos problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos que vêm de novos grupos sociais e que estão tendo acesso às universidades, e assim, somos instigados a repensar o ensino universitário.

Tedesco (2012, p. 88) afirma que a questão da aprendizagem não está concentrada apenas nos novos setores sociais que estão acessando a educação superior; “hoje, é necessário modificar as formas de ensino e aprendizagem para todos, é necessário ensinar a arte de aprender ao longo da vida”. O autor menciona que “a velocidade das mudanças no conhecimento implica que a aprendizagem obtida durante um curso de graduação não servirá por muito tempo e será necessário renová-lo permanentemente.” Para Tedesco, as decisões sobre a atualização e a educação ao longo da vida serão assumidas de maneira autônoma pelo profissional, pelo cientista, pelo egresso da universidade.

É usual na educação, incluindo a educação superior, a valorização ou a supervalorização da dimensão cognitiva para a preparação do aluno em concursos ou avaliações externas que ainda exigem conhecimentos formais, analíticos. Tedesco (2012, p. 91) menciona que a revisão da abordagem tradicional da pedagogia universitária, para enfrentar as necessidades de aprendizagem, que requerem uma formação com maiores níveis de responsabilidade social, “implica responder à articulação entre a dimensão cognitiva, a dimensão ética e a dimensão emocional das pessoas.” O autor reconhece a complexidade da questão, porém considera necessário assumir que a aprendizagem relacionada com os valores de responsabilidade social vai além da dimensão cognitiva. Acredita que as informações e os conhecimentos são necessários, mas não suficientes para a formação do ser, e sendo assim, reforça que uma estratégia pedagógica voltada para alcançar esses objetivos de aprendizagem implica conceber e programar a realização de experiências que mobilizem essas três dimensões de forma articulada. Diz também que a universidade tem um papel importante a cumprir e, por isso, é necessário redefinir o significado do ensino universitário, “adquirindo assim uma dimensão social mais significativa do que no passado.” (TEDESCO, 2012, p. 93).

Para Naranjo (2015a), a educação atual cria a falsa sensação de que apenas o conhecimento racional é a chave para o sucesso profissional e pessoal. Uma das preocupações do psiquiatra é a formação dos professores-educadores, e um dos seus objetivos é preparar os professores para que eles se aproximem dos alunos de forma mais afetiva e amorosa, para que sejam capazes de conduzir os aprendizes ao desenvolvimento do autoconhecimento, respeitando suas características pessoais. Falar de educação amorosa, principalmente na educação superior, causa estranheza ou até rejeição, porém, o termo inteligência emocional é um pouco mais

disseminado e aceito. "Tudo o que é intelectual interessa. Não se dá importância ao emocional. Esse aspecto é tratado com preconceito. É um absurdo, porque, quando implementamos uma didática afetuosa, o aluno aprende mais facilmente qualquer conteúdo." (NARANJO, 2015b). Temos sim, na educação, a necessidade de articulação entre a dimensão cognitiva, a dimensão ética e a dimensão emocional do ser humano, porém sabemos que essas mudanças são difíceis de serem implementadas, principalmente quando se relacionam a comportamentos enraizados no perfil da instituição, no caso, a universidade.

Segundo José Dias Sobrinho (2013, p. 15), "A Universidade precisa ser reflexiva, isto é, continuamente pôr em questão o sentido e as consequências de suas atividades e de sua produção." O autor aponta que a educação visa a formar integralmente o cidadão, e menciona que as melhores universidades são aquelas que, "mediante práticas de responsabilidade coletiva, com elevados graus de relevância científica e pertinência social, produzem e difundem conhecimentos na perspectiva da formação humana, do bem-estar social e do desenvolvimento solidário." Dias Sobrinho destaca que o fim da educação é a formação humana integral: epistêmica, moral, estética, política, cultural, corporal e tudo o mais que constitui o humano em suas dimensões pessoais e universais. Acrescenta que conhecimentos em geral, ciência, tecnologia e inovação são produções humanas que necessitam ser estimuladas e valorizadas sempre quando contribuem para a coexistência humana e para um futuro melhor da humanidade; contribuindo para práticas da solidariedade, da cooperação e da responsabilidade social, e não da competitividade e do individualismo compulsivo.

Entendo que Pedro Goergen (2001) complementa a fala de Dias Sobrinho (2013) quando destaca que a docência e a pesquisa constituem o cerne do trabalho universitário, e que compete ao professor universitário a "intransferível tarefa de contribuir para a formação e conscientização dos alunos." Goergen (2001) considera que a função do docente do ensino superior vai muito além de proporcionar condições que habilitem o aluno ao exercício de atividades técnicas ou científicas; tarefa essa que "implica formar cidadãos em condições de assumir uma postura crítico-reflexiva diante dos problemas da sociedade na qual está inserido e capazes de interagir e contribuir para a transformação desta sociedade", ou seja, "formar cidadãos capazes de pensar e atuar cientificamente." O autor afirma que o ensino e a pesquisa não são atos isolados, mas "gestos sociais que têm sua tessitura

composta na confluência de muitos gestos. São gestos, diria, intertextuais por natureza, cujo sentido ultrapassa em muito o significado apenas utilitarista e pragmático daquilo que se pesquisa e se ensina.”

2.3 Ensino, Aprendizagem e Vida

Ensino, aprendizagem e vida são temas centrais presentes em discussões que focalizam o cenário educacional. As mudanças que estão acontecendo na sociedade contemporânea são tão expressivas que urge reinventar a educação, em todos os níveis e de todas as formas. Roberto Crema (2014) diz que o maior obstáculo em um momento de mudança, incluindo a educação, é “o apego ao passado, aos valores do ter e do poder, à obsessão do lucro e resultado a qualquer preço, o medo de desabrochar e de Ser. Por outro lado, uma grande crise é sempre uma grande oportunidade de aprender e evoluir.” Crema (2014) compara um bom educador com um bom jardineiro que “prepara um solo fértil, adubando-o de forma bem dosificada, podando justamente – cada planta necessita de uma poda especial – dialogando e cantando para a biodiversidade de seu jardim.” E complementa quando diz que o bom jardineiro não compara um lírio com uma rosa e, portanto, não exige dos dois o mesmo currículo e a mesma performance naturalmente. Somos únicos em nossa essência e vocação, e por isso, “necessitamos de uma escola do olhar, da escuta e da atenção. É tempo de educar educadores.” (CREMA, 2014).

Mudar a educação é, antes de tudo, mudar o olhar e ter um novo parâmetro de direcionamento. No atual cenário educacional, a escuta sensível pode e deve ser uma das protagonistas dessa mudança/transformação. Uma escuta que pode ser percebida e compreendida por intermédio de diferentes olhares em diversos espaços da vida; a escuta sensível como elemento essencial para o desenvolvimento do ser humano. Ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também.

A escuta sensível não é simplesmente a interpretação de fatos e situações, ela vai além ao buscar a compreensão pela empatia. Rogers (1977, p. 87) define empatia como “a capacidade para entender as percepções e os sentimentos de outra pessoa”, que consiste na capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, para que possamos dessa forma nos imaginar naquela situação pela qual ele passa, e assim, nos aproximarmos mais dele; pois, sem um grau de identificação com o

outro, é pouco provável que você saiba o que agrada e o que incomoda. Uma escuta, que exige, além da sensibilidade do ouvinte/receptor, a capacidade de ousar ao permitir e facilitar que o aprendiz desvele o seu potencial vocacional. Crema (2014) denomina de vocação a voz íntima de nosso desejo mais essencial, e acrescenta que não cabe à pedagogia “priorizar as informações e os conhecimentos, que se encontram nas bibliotecas virtuais da Internet e por toda parte, numa verdadeira curva exponencial”; trata-se, sim, de “facilitar que o aprendiz possa aprender a discernir; possa desvelar a sua condição de Sujeito, para se reorientar em seu passo a passo, no caminho com coração.” Entendo que Crema emprega a palavra coração para fazer referência a uma educação com amor; amor que não é sentimento e sim o domínio de nossas ações. Para Maturana (2009), há em cada um de nós uma biologia do amor que pede para ser acionada, que deseja uma condição favorável para emergir e expressar-se. A biologia do amor e a escuta sensível se complementam e se inter-relacionam, pois são práticas que oferecem ou permitem a sensação de acolhimento; são práticas humanizadas.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura), por meio de seus documentos, enfatiza uma educação centrada no aprendiz ao apresentar os quatro pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Em geral, as escolas tradicionais, apenas contemplam em seus programas, e de forma fragmentada, aos dois primeiros pilares: aprender a conhecer e aprender a fazer.

Morin (2012, 2014) menciona que o modelo de ensino que foi instituído nos países ocidentais é aquele que separa os conhecimentos artificialmente através das disciplinas. E assim, as disciplinas como estão estruturadas só servem para isolar os objetos do seu meio e isolar partes de um todo. O autor, porém, salienta que todos os conhecimentos estão interligados e, por isso, ocorre a necessidade de uma educação que proporcione as correlações entre os saberes, a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem; caso contrário, a educação será sempre ineficiente e insuficiente para os cidadãos do futuro. Morin afirma que o modelo de passar conteúdo e cobrar sua devolução é insuficiente. Com tanta informação disponível, o importante para o educador é encontrar a ponte motivadora para que o aluno desperte e saia do estado passivo, de espectador. Aprender hoje é buscar, escolher, comparar, pesquisar, produzir e comunicar. É essencial conectar sempre o ensino com a vida do aluno.

Uma questão muito pertinente na educação atual, em qualquer nível é: Como instigar o aluno a ter interesse pela aprendizagem, e ao mesmo tempo, ensinar sem “massificá-lo”? Esse é um desafio/problema que o professor enfrenta diariamente; essa é uma problemática enfrentada inclusive pela universidade. Juan Diaz Bordenave e Adair Martins Pereira (2011), afirmam que a melhora dos métodos de ensino jamais deve ser considerada um fim em si, mas um meio importante para que a universidade cumpra suas funções sociais. A educação superior precisa e deve ser o direcionamento concreto para a formação docente e, sendo assim, necessita educar o olhar do professor para mudanças e transformações, que de maneira direta ou indireta, estão sendo solicitadas pela sociedade e o meio acadêmico.

“É necessário situar o verdadeiro papel do ensino como função da universidade em relação à sociedade. A definição de seu papel fornecerá uma orientação essencial para o tipo de metodologia de ensino a ser adotado.” (DIAZ BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 11). O ensino, em geral, enfoca conhecimentos que tem pouca relação direta com a vivência do educando e com os problemas da comunidade em que está inserido. E a pesquisa universitária tem apresentado uma investigação que estuda problemas relativamente superficiais, e muitas vezes, sem relevância para a sociedade e sentido para a vida do aluno.

Na visão de Diaz Bordenave e Pereira (2011, p. 12-13),

Melhorar os métodos de ensino sem modificar o modo de a universidade realizar suas funções está sujeito ao julgamento contido naquela frase evangélica que fala do vinho novo colocado em odres velhos. Isto não significa que toda tentativa para melhorar os métodos de ensino seja vã. A ação de dirigentes, professores e alunos em favor de modelos “problematizadores” pode conscientizá-los sobre a necessidade de trocar os odres velhos por novos.

O ensino tem relação com o tipo de educação que seguimos como modelo. Destaco dois tipos de educação: a educação “bancária” (FREIRE, 2003) e a educação “problemática” ou “libertadora”.

Segundo Diaz Bordenave e Pereira (2011, p. 10), a educação “bancária” se sobressai nas seguintes particularidades: a) Está baseada na transmissão do conhecimento e da experiência do professor; b) Atribui uma importância suprema ao “conteúdo da matéria” e, conseqüentemente, espera que os alunos o absorvam sem modificações e o reproduzam fielmente nas provas; c) Seu objetivo fundamental é produzir um aumento de conhecimento no aluno, sem preocupar-se com ele como pessoa integral e como membro de uma comunidade; d) Como consequência

natural, o aluno é passivo, grande tomador de notas, exímio memorizador. Porém, a educação “problemática” ou “libertadora” tem por base as seguintes ideias: a) Uma pessoa só conhece bem algo quando o transforma, transformando-se ela também no processo; b) A solução de problema implica na participação ativa e no diálogo constante entre alunos e professores, a aprendizagem é concebida como a resposta natural do aluno ao desafio de uma situação-problema; c) A aprendizagem torna-se uma pesquisa em que o aluno passa de uma visão “sincrética” ou global do problema a uma visão “analítica” do mesmo – através de sua teorização – para chegar a uma síntese provisória, que equivale à compreensão. Desta apreensão ampla e profunda da estrutura do problema e de suas consequências nascem “hipóteses de solução” que obrigam a uma seleção das soluções mais viáveis. A síntese tem continuidade na práxis, isto é, na atividade transformadora da realidade.

A educação “problemática” ou “libertadora”, mesmo não declarando que focaliza a formação integral do ser, sinaliza a sua intencionalidade quando destaca a importância da participação ativa e no diálogo constante entre alunos e professores na solução de problemas e na prática de atividades transformadoras da realidade. A educação é permeada por diversas manifestações, principalmente em sala de aula, as quais são expressas por meio de palavras, escritas, desejos, dúvidas, problemas, questionamentos, confrontos, subjetividade e outros.

Quando se fala em mudanças e transformações na educação temos que ter claro em nossas ações que nem tudo pode e que nem tudo serve para a educação. Cada pesquisador e/ou professor, constrói a seu modo, uma leitura de mundo conforme a sua vivência e forma de escutar/ver o outro e seu entorno. São fundamentais as implicações teóricas e metodológicas para alicerçar a prática docente. Os diversos olhares na educação produzem o confronto das diferenças, e assim, experimentamos seus desconfortos; e portanto, se faz necessário sair da zona de conforto e reconstruir um novo olhar.

Na educação não podemos simplesmente aceitar as diferenças, mas também ousar e sermos protagonistas das diferenças. Joaquim Barbosa (2000, p. 10) considera importante a escuta sensível do professor, e que “ouvir os alunos é uma proposta metodológica com todas as implicações teóricas, práticas e de problemas que apresenta uma epistemologia.” O autor acrescenta ao dizer que “cada questão de um aluno, cada fala própria, cada escrita, contém potências de questionamentos e evocação de alguma novidade ou dúvida que aqueles que se propõem a ser

professores não podem ignorar”, e que a sala de aula é um espaço de pesquisa e formação do pesquisador. Barbosa menciona a importância da relação direta entre professor e aluno, e que essa implicação, junto com a escuta sensível do professor, possibilita caminhos e critérios dentro de uma sala de aula, valorizando e potencializando a dinâmica das relações humanas. A escuta do pesquisador é essencial para a condução e considerações da sua pesquisa, ampliando o seu olhar e sua percepção.

Os diferentes olhares sobre a educação acontecem porque projetamos na educação nosso olhar parcial, nossas escolhas e nossas vivências, e sendo assim, percebe-se que ensino, aprendizagem e vida estão interligados, ou seja, implicados.

2.4 Formação de professores

Atualmente, a fragilidade na formação de professores exige e precisa de mais debate, principalmente entre aqueles que estão na prática educacional. Infelizmente, a nossa sociedade contemporânea não valoriza e reconhece o trabalho do professor como sendo um dos protagonistas da educação, ou seja, um dos responsáveis para uma educação mais humana e global. Quando se fala em formação de professores várias questões são formuladas, e entre elas, cito duas relevantes: uma delas é a respeito de uma educação de qualidade e a outra é a importância de se analisar a prática pedagógica.

Bernadete Gatti (2011), pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, relaciona oito desafios a serem enfrentados na área de formação de professores para que o país alcance qualidade na educação: 1) Enfatizar o sentido sociocultural dos conhecimentos; 2) Definir um perfil claro do professor; 3) Formar formadores de professores; 4) Integrar as áreas de conteúdo; 5) Criar uma carreira atrativa; 6) Favorecer o módulo escolar; 7) Orientar melhor o currículo; 8) Planejar o fornecimento de insumos; entendendo como insumos os materiais escolares que são fornecidos às escolas.

Bernadete Gatti (2011), ao mencionar os oito desafios da formação dos professores, afirma que muitos dos professores (professores-formadores) que estão dando aulas para os futuros professores, mesmo aqueles que apresentam titulação de mestre ou doutor, não apresentam a prática e vivência em sala de aula, e assim, suas aulas são apenas discursos sobre práticas pedagógicas. Diante desse fato,

faço a minha intervenção quando pergunto: “E a escuta sensível do professor-formador?” O professor-formador tem que compreender que os futuros professores vêm de realidades diferentes e que apresentam valores, anseios, perfis e formações diferenciadas. Por isso, cabe ao professor-formador se colocar no lugar dos alunos para direcionar a sua ação em sala de aula. Em síntese, é a escuta sinalizada pela empatia do professor. Se nesse caso, o professor não tem a vivência em sala de aula, ou seja, a prática, ele pode e deve, por intermédio da sua escuta, elaborar aulas e projetos que venham ao encontro da expectativa, do desejo e da necessidade dos alunos.

Gatti (2009), ao discutir a formação de professores, entre vários aspectos, destaca que o núcleo do processo educativo é a formação do aluno.

Esta formação se constitui pelo entrelaçamento de processos cognitivos, afetivos, sociais, morais, dos conhecimentos, dos fazeres, das tomadas de decisão, da solução de impasses, da lida com as ambiguidades e as diferenças, do uso das técnicas ou de recursos diversos, etc., na direção de um pensar que possa distinguir fatos e questões, ter sentido crítico na direção de uma autonomia para escolhas. (GATTI, 2009, p. 92).

O professor como mediador da ação educativa, necessita de sólida formação teórica e prática que deve ser desenvolvida dialeticamente. Trabalhar a formação com autonomia possibilita a compreensão das metas e dos objetivos da educação numa escola democrática. Na medida em que o aluno apresentar as suas ideias, manifestar as suas emoções e os seus sentimentos, o professor aprende a escutar e a respeitar a opinião do outro. Essas questões devem ser trabalhadas pelo professor: o saber ouvir e o respeitar. Autonomia requer liberdade; liberdade com responsabilidade.

O professor precisa da prática e da fundamentação teórica para a construção de um saber/fazer pedagógico, e assim, adquirir a preparação conveniente para conduzir o ensino conforme a necessidade e contexto dos aprendizes. Gatti (2009) enfatiza que o professor só adquire sua identidade profissional quando começa a lecionar, pois só a sua formação não lhe dá essa particularidade. Portanto, necessário se faz a prática atrelada à teoria, uma identidade profissional que se constrói no contexto social, político e histórico em que o professor está inserido. Na formação de professores é fundamental valorizar os saberes da experiência, e assim, a cada nova experiência há a oportunidade de uma reflexão em relação à prática docente. O conjunto das diversas experiências, mediante conexão teórica, traz uma contribuição significativa para a formação da identidade profissional do

professor.

Em relação ao currículo de formação de professores, Gatti (2009) destaca que até a década de 1990, era estabelecido um currículo mínimo. Atualmente há diretrizes gerais onde as instituições escolhem o seu caminho. Uma das alternativas, devido à flexibilidade do currículo, é nomear temas importantes que podem ser abordados e, assim, designar disciplinas que têm possibilidades de discutir esses temas. A dinâmica de ensino utilizando temáticas possibilita uma aproximação maior do aluno com o seu estudo e, desse modo, o interesse é despertado. Nós, professores, sabemos e comprovamos, por meio de conversas com estudantes universitários, que muitos assuntos focados em cursos de formação de professores nada têm a ver com o contexto atual que vivenciamos.

Investigações relacionadas aos cursos de Pedagogia, que são responsáveis pela formação de professores para os primeiros anos da educação básica, constata que o currículo proposto nesses cursos têm característica fragmentária, apresentando um conjunto disciplinar bastante disperso. Observa-se também, que na análise das ementas das disciplinas de formação profissional, prevalecem os referenciais teóricos, com pouca ênfase nas práticas educacionais. E, portanto, pode-se considerar que a parte curricular que possibilita o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para a atuação nas escolas e em sala de aula é bastante simplificada.

Gatti (2006) afirma que a formação do professor gera preocupação e que há problemas tanto nos cursos de Pedagogia como nos cursos de Licenciatura; problemas que vêm ocorrendo há mais de 40 anos e não foram resolvidos. Por isso, se faz necessário repensar a grade curricular da formação do professor e na qualidade dos cursos que formam professores, sejam cursos de Pedagogia ou das diversas licenciaturas. Para a pesquisadora, todo profissional precisa de formação suplementar; uma formação permanente com cursos de extensão de especialização e no próprio ambiente de trabalho.

As pesquisas sobre a profissão docente têm destacado as diferentes dimensões da função do magistério, entre elas: a formação inicial e continuada, condições de trabalho para um ensino de qualidade, remuneração, organização e política docente, acesso, carreira e promoção, avaliação, estabilidade, disciplina, saúde, direitos, deveres e material pedagógico de apoio. As pesquisas apresentam diversos olhares ou prismas, com ênfase na importância do professor para garantir

uma educação de qualidade para todos. Destaca-se também a dimensão cognitiva, a humanista e a ética dessa profissão. Tanto a dimensão humanista como a ética “integram o direito subjetivo à educação que a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 consagrou para servir de pré-requisito à reconstrução das sociedades em direção a uma cultura de paz.” (GATTI; BARRETO, 2009, p. 7).

Emílio Fanfani (2005) menciona que os professores estão sendo, cada vez mais, solicitados a desempenhar uma prática contextualizada que atenda às especificidades do momento, à cultura local, à diversidade das trajetórias de vida dos alunos e expectativas escolares. Uma prática que não exige apenas competências cognitivas na ação de ensinar, mas também uma prática em que se deve agregar valores e atitudes indispensáveis a uma postura profissional aberta, capaz de criar e experimentar alternativas para os desafios que se apresentam.

As novas condições de trabalho docente exigem dos professores mais do que competências no ato de ensinar, **exigem qualidades e atitudes pessoais como interesse, paixão, paciência, vontade, convicções, criatividade** e outras não passíveis de ser padronizadas, tampouco desenvolvidas em cursos e capacitações formais. Nessas condições **é a pessoa do professor, com seu modo de ser, conviver, interpretar o mundo que passa a estar envolvida na qualidade do trabalho e não apenas o cumprimento de uma função definida no nível sistêmico.** (GATTI; BARRETO, 2009, p. 232, grifo nosso).

Entendo que Gatti e Barreto (2009) também defendem que a formação do professor não deve enfatizar o “ensinar”, transmitir informações apenas, mas sim, criar um ambiente de aprendizado em que o futuro professor tenha mais satisfação, alegria, paixão e envolvimento ao aprender algo novo ou recriar o conhecimento. Criar ambientes que favoreçam a participação, a comunicação, a interação, a prática e o confronto de ideias dos alunos, e por que não, afirmar a necessidade de uma formação para a educação integral: educar para conhecer; educar para fazer; educar para conviver e educar para ser.

As escolas, independentemente do nível de ensino, ainda se preocupam principalmente com o conhecimento intelectual deixando de lado, infelizmente, o conhecimento emocional. Formar e educar para o equilíbrio emocional pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes positivas diante de si mesmo e dos outros, o aprender a colaborar, a viver em sociedade e em grupo, o gostar de si e dos outros. Ter equilíbrio emocional é ter clareza e domínio para sair de situações problemáticas, para lidar com adversidades, procurando resolvê-las da melhor maneira possível, buscando meios para solucionar todo e qualquer tipo de problema,

de forma pacífica. "A educação é eficaz quando nos ajuda a enfrentar as crises, as etapas de incertezas, de decepção, de fracasso em qualquer área e a encontrar forças para avançar e achar novos caminhos de realização." (MORAN, 2013, p. 16).

Pesquisadores e estudiosos da educação como Naranjo (2015a), Morin (2014), Crema (2014), Moran (2013) e Maturana (2009) sustentam a ideia de que a formação de professores deve investir em uma didática afetiva. O objetivo é preparar os professores para que eles se aproximem dos alunos de forma mais afetiva e amorosa, para que sejam capazes de conduzir o aprendiz ao desenvolvimento do autoconhecimento, respeitando suas características pessoais. Há a necessidade de uma nova pedagogia que tenha como meta uma visão global que possa orientar a ação local, integrando saber e ser, conhecimento e amor, ação e contemplação.

Falar de afetividade e amorosidade na educação dá a ideia de algo romântico e fora da realidade em um ambiente escolar, porém, a afetividade se manifesta na atitude de acolhimento, empatia, cuidado e compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. Entendo que essas demonstrações são essenciais para a aprendizagem e convivência; independentemente do contexto.

Dentro da escola muitos alunos são excluídos pelos professores e colegas. São excluídos quando nunca falamos deles, quando não os valorizamos, quando os ignoramos continuamente. São excluídos quando supervalorizamos alguns, colocando-os como exemplos em detrimento de outros; quando exigimos, de alunos com dificuldades de aceitação e de relacionamento, resultados imediatos, metas que lhe são difíceis no campo emocional. (MORAN, 2013, p. 19).

A sensibilização do professor deve direcionar as suas ações diárias, pois, muitas vezes, sem perceber, ele exclui determinados alunos. Essa atitude do professor pode influenciar no aprendizado, comportamento ou interesse dos aprendizes. O papel do professor-educador é conduzir o aluno a descobrir, refletir, debater e constatar, e para isso é fundamental o respeito às características de cada um.

Só compreende o outro quem aprendeu a se conhecer; ninguém dá o que não tem. Como queremos que o professor escute o seu aluno ou o compreenda em sua totalidade se ele não foi formado ou preparado para essa prática? Entre várias ações que contemplem essa formação para a sensibilização do professor, menciono como essencial ter aulas de psicologia, com especialistas em orientação psicológica, com o objetivo de desenvolver a autoconfiança e autoestima, o respeito por si

mesmos, que percebam, sintam e aceitem o valor pessoal e dos outros.

Gatti (2006) afirma que um diploma não define um profissional, e que além dos cursos de formação de professores, com certeza, outros cursos superiores precisam ser repensados para um melhor desempenho. É fundamental que os professores reconheçam que a sua profissão possui uma responsabilidade social e compreendam que os conhecimentos estão interligados, para que assim, possam dialogar com vários campos de conhecimentos, e não somente a disciplina de sua licenciatura. “É preciso estabelecer um jogo dialético entre razão e emoção.” (MORIN, 2014).

2.4.1 Felicidade, sensibilidade, prática e ação docentes

A educação amplia a nossa visão de mundo, nosso conhecimento, nossas emoções e nossos valores, além de propiciar condições para que cada indivíduo construa a sua cidadania. Interessante observar que Terezinha Azerêdo Rios (2010, p. 112), relaciona a cidadania com a felicidade e propõe reflexão sobre a prática docente quando se refere à competência de “colaborar na construção de uma cidadania democrática, de uma sociedade na qual haja condições para uma vida feliz, uma possibilidade de bem-ser, mais do que bem-estar, para todos.” A autora identifica a cidadania com

a participação eficiente e criativa no contexto social, o exercício concreto de direitos e **a possibilidade de experiência da felicidade**, e esta foi entendida como concretização da vida, como realização – sempre buscada – do ser humano, algo que não se experimenta apenas individualmente, mas que ganha seu sentido mais pleno na coletividade. (RIOS, 2010, p. 112, grifo nosso).

Falar de felicidade na educação parece utopia, mas a felicidade na educação é palpável e concreta; a felicidade se revela na alegria e principalmente nas ações onde predominam a afetividade. Rios (2010) tem a ousadia de mencionar que a afetividade traz cor e calor à prática educativa.

A sensibilidade ou a escuta do professor traz movimento e flexibilidade à sua prática e ação docente. Rios (2010), ao se referir à qualidade de ensino, afirma que a melhor qualidade revela-se na sensibilidade do gesto docente na orientação de sua ação para trazer alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com os alunos. O rigor na prática docente está na construção e reconstrução do conhecimento que não exclui uma ação que tem como objetivo a felicidade. A

felicidade escolar não está somente nos momentos festivos, “ela está presente quando se aprendem os conteúdos necessários para a inserção na sociedade, quando se respeitam os direitos de todos, quando se aprimoram as condições de trabalho.” (RIOS, 2010, p. 131).

Uma metodologia que visa à melhoria da qualidade de ensino, no trabalho docente, entre outros aspectos, apresenta como referência as características do contexto em questão, o conteúdo que aponta para a possibilidade do exercício da cidadania, da criatividade e da construção e reconstrução do conhecimento.

Rios (2010, p. 108) destaca a ação docente de melhor qualidade em dimensões: a) dimensão técnica: que diz respeito à capacidade de lidar com os conteúdos – conceitos, comportamentos e atitudes – e à habilidade de construí-los e reconstruí-los com os alunos; b) dimensão estética, que diz respeito à presença da sensibilidade e sua orientação numa perspectiva criadora; c) dimensão política, que diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres; d) dimensão ética, que diz respeito à orientação da ação, fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem coletivo.

A ação docente deve estar em sintonia com a prática e a teoria, pois essa harmonia dá a conotação de um trabalho competente e prazeroso. E porque não dizer, feliz? Não é tarefa simples e isolada a mudança nas práticas e ação docentes visando a qualidade; requer um esforço coletivo e social de todos os envolvidos e comprometidos com a educação.

Defendo a relevância da sensibilização do professor para o exercício da sua prática e ação docente, mas uma sensibilidade pautada na formação integral do ser, da escuta e estabelecida a partir da biologia do amor. Uma sensibilidade praticada na humanização das relações e no exercício dos valores humanos que nos orienta para a solidariedade, a valorização do outro e o estar com o outro. O professor por meio da sua sensibilização precisa estar atento as suas ações, pois a falha em sua conduta pode gerar desconforto e até rejeição por parte do aprendiz.

Maturana (2009) considera que há em cada um de nós uma biologia do amor que pede para ser acionada, que deseja uma condição favorável para emergir e expressar-se. Render-se ou não render-se à biologia do amor, pode ser um desafio importante para a condição humana. “Existem duas emoções pré-verbais” diz Maturana (2009): “a rejeição e o amor”. A rejeição opera uma cognição pautada pela

separação, pela negação e pela exclusão do outro em relação ao observador. Quanto ao amor, este constitui o espaço de condutas que aceitam o outro, como um legítimo outro na convivência. Rejeição e amor não são, entretanto, opostos entre si, porque a ausência de um não leva ao outro, sendo mais apropriado dizer que ambos têm como oposição, a indiferença. É no plano das consequências do agenciamento do amor ou da rejeição, que se configuram caminhos cognitivos divergentes. A rejeição nega a convivência; o amor a constitui. Portanto, na educação, o amor não pode ser visto como um sentimento, e sim como o central da convivência, e está manifesto em nossos gestos e posturas, pois amar é o domínio das nossas ações.

A formação que se dedica ao desenvolvimento humano, e não somente à incorporação de conhecimento, permite que o educando seja mais completo como pessoa e profissional. O professor precisa se relacionar com o outro, ser um modelo de pessoa, e não apenas um modelo de saber. "O educador que não se educa e que não recebe orientação para trabalhar a área emocional dos alunos certamente terá sua formação profissional comprometida." (PEREIRA: HANNAS, 2000, p. 168). E assim, a necessidade de uma formação mais ampla do professor, o que engloba autoconhecimento, desejo contínuo de aprender, capacidade para lidar com o imprevisível e com a mudança, que, certamente, influenciará sua prática pedagógica, contribuindo para uma humanidade de seres integrados, felizes, solidários, criativos e reflexivos. "A reflexão não se dá aleatoriamente. Ela é provocada por questões-limites, por problema." (RIOS, 2010, p. 47).

Morin (2012) considera que o professor "vai se autoformar quando esse começar a escutar os alunos, que são os porta-vozes de nossa época. Se há desinteresse da classe, ele precisa saber o porquê. É dessa postura de diálogo que as novas necessidades de ensino vão surgir."

O docente com visão holística desenvolve ações e atividades educativas que visam o potencial de cada aluno dentro de suas possibilidades, vivências, interesses e limitações, e desse modo, contemplar o homem integralmente. Trabalhar diretamente com o ser humano é diferente de outras tarefas, requer um tratamento diferenciado para cada um deles, pois cada indivíduo é único. Parece utopia, mas apesar de ser um processo bastante amplo, cabe à universidade a tarefa da formação docente na sua totalidade, uma formação que integra o saber-fazer, o saber-ser, o saber-viver e o saber-escutar.

2.4.2 Exercício da docência

O exercício da docência não pode deixar de levar em consideração as exigências de uma sociedade sustentável e, portanto, o trabalho pedagógico deve ser direcionado a partir da vida cotidiana, a partir das necessidades e interesses das pessoas. Considero de extrema sensibilidade a afirmação de Gadotti (2000, p. 152) quando diz que “a presença física não é nada sem vibração, sem interesse. Um corpo presente não é nada”, ou seja, o importante é estar ligado, atento e envolvido nas ações, e não apenas corporalmente. Quantos de nós, independente da profissão, não agimos quase que mecanicamente em nossas funções? Porém, também há dias em que exercemos o nosso papel sem encanto e envolvimento, e voltamos para casa sem agregar nada novo, sem o pulsar de esperança para criar, renovar, planejar e sonhar. E isso também acontece na educação, tanto para quem ensina e para quem aprende.

Para Francisco Gutierrez (1999, p. 65), a educação para a cidadania planetária supõe o desenvolvimento de “novas capacidades”, tais como: a) sentir, intuir, vibrar emocionalmente (emocionar); b) imaginar, inventar, criar e recriar; c) relacionar e inter-conectar-se, auto-organizar-se; d) informar-se, comunicar-se, expressar-se; e) buscar causas e prever consequências; f) criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões; g) pensar em totalidade (holisticamente). A cidadania planetária presume o reconhecimento e a prática da planetaridade, ou seja, cuidar do planeta como um ser vivo e inteligente. Leonardo Boff (2002) acrescenta que um dos desafios de nosso tempo relaciona-se à consciência planetária: como encontrar um caminho civilizacional que saiba incluir a todos, incluindo a natureza. A educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida. Para Sathya Sudaram (2008), uma vivência cooperativa entre os seres humanos e uma consciência de pertencimento a natureza pede uma educação centrada nos valores humanos: verdade, paz, não-violência, amor e retidão.

O exercício da docência precisa ser baseado em valores. Porém, sabemos que esses valores são mutáveis, pois absorvem a influência da cultura, da sociedade, da ciência, do desenvolvimento global e local, da época e outros. A prática dos valores humanos não é apenas uma virtude, um dever; ela desenvolve um olhar global, um novo modo de ser e estar no mundo e que busca sentido em

cada ação. Os valores têm conexão com a nossa formação integral, e sobretudo, no âmbito da sensibilidade ao se relacionar com o outro e o meio ambiente. E assim, o exercício dos valores humanos na docência pode e deve refletir na vida pessoal e na sociedade como um todo.

A formação humana para a cidadania não é privilégio nem responsabilidade apenas de determinadas disciplinas, mas dever de todos os professores, de modo a associar a aprendizagem à vida cotidiana. O professor tem a função de ser o condutor do processo ensino e aprendizagem, mas, é essencial que ele adquira a sensibilidade e a sabedoria da espera, ao compreender no aluno o seu limite e aquilo que ele necessita em sua formação.

Morin (2005), ao referir-se aos desenvolvimentos disciplinares das ciências, relata que além das vantagens da divisão do trabalho, trouxeram os inconvenientes da superespecialização, da limitação e do despedaçamento do saber. A educação deve primar pela formação integral do ser humano, e sendo assim, o predomínio do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas "impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto." (MORIN, 2000, p. 14). O autor enfatiza que é preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

Um dos papéis do docente é ensinar a compreender. Para Morin (2000), o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos, e, por isso, deve ser uma das finalidades da educação. Morin (2000, p.93) considera que "educar para compreender a Matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra." O autor complementa ao dizer que ensinar a compreensão entre as pessoas é condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

A compreensão não pode ser quantificada, e vai além da explicação. A explicação é necessária e tem a sua função quando está relacionada à compreensão intelectual ou objetiva, porém, a compreensão humana vai além da explicação.

A compreensão é individual e, portanto, depende do conhecimento, vivência e sensibilidade de cada sujeito. É no exercício da docência, ao compreender o outro que o professor exerce a sua escuta sensível para o direcionamento das suas

ações.

Por conseguinte, se vejo uma criança chorando, vou compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em mim minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela. O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o *ego alter* que se torna *alter ego*. **Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.** (MORIN, 2000, p. 95, grifo nosso).

Alter ego ou alterego é um termo criado por Freud (1856-1939) para conceituar coisas que estão no ego de uma determinada pessoa, as quais podem ser transferidas para uma outra, que passam a funcionar como se fosse uma duplicata da primeira pessoa. Alter ego é uma locução substantiva com origem no latim *alter* (outro) e *ego* (eu) cujo significado literal é "o outro eu".

A escuta só se manifesta quando prestamos atenção ao outro e nos mostramos receptivos às novas maneiras de estar no mundo; por intermédio da empatia, da identificação e da projeção ocorre a compreensão. Ao compreender o outro respeitamos a sua singularidade, a sua verdade, as suas diferenças, o seu modo pessoal de compreender e de reagir, seus anseios e as suas vivências.

O professor que se propõe a escutar não deve pretender apenas querer saber como é o seu aluno, mas sim, como prosseguir a relação, como ampliar a conversa. A escuta também ocorre no silêncio e nos gestos – o corpo fala em suas expressões. A escuta só é verdadeira quando não há a intenção de interpretar; contudo, ela vai se compondo, e nos torna mais perceptivos e sensíveis ao outro.

Os saberes docentes norteiam e fundamentam o exercício da docência. Maurice Tardiff (2000) considera que os saberes profissionais dos professores são desenvolvidos e incorporados em seu trabalho diário para desempenhar suas funções e atingir seus objetivos. São saberes variados e provenientes de diversas fontes, que se ampliam à medida que o professor, em seu dia a dia, se depara com situações não habituais ou inéditas; proporcionando um maior sentido ao trabalho docente.

Ao considerar a complexidade da prática pedagógica e dos saberes docentes, é fundamental pensar de forma integrada a formação do professor no âmbito acadêmico, pessoal e profissional, e não como formações isoladas.

Quando pensamos em educação, costumamos pensar no outro, no aluno, no aprendiz e esquecer como é importante olhar os profissionais do ensino como sujeitos e objetos também de aprendizagem. Ao enfocá-los como aprendizes, muda-se a forma de ensinar. **Se nos vemos como aprendizes,**

antes de professores, adotamos uma atitude mais atenta, receptiva e temos mais facilidade de nos colocar no lugar do aluno, de nos aproximar da maneira como ele vê, de modificar nossos pontos de vista. (MORAN, 2012, p. 81, grifo nosso).

A postura do professor ao educar reflete seus valores, ideias, emoções, experiências, saberes específicos e motivações, contribuindo para a aprendizagem do aluno. Uma das funções do professor é ajudar o aluno a interpretar, relacionar, contextualizar e implementar ações baseadas nas informações obtidas em seu cotidiano. Contudo, para que o aluno perceba sentido no que está sendo ensinado é essencial que as informações façam parte do contexto pessoal, intelectual e emocional do aluno.

Moran (2012, p. 74-75) considera que o educador é especialista em conhecimento, em aprendizagem e, portanto, espera-se que, ao longo dos anos “aprenda a ser um profissional equilibrado, experiente, evoluído, que construa sua identidade pacientemente, integrando o intelectual, o emocional, o ético, o pedagógico.”

O exercício docente tem movimento, é vivo, e as situações vivenciadas são concretas. Assim, se faz necessário que o professor tenha conhecimento e flexibilidade na realização das suas ações e práticas educativas, saiba dialogar com a prática e a teoria, apresente capacidade de interpretar, saia da zona de conforto e enfrente os desafios, possua equilíbrio emocional, entre outros. A docência é uma atividade que está sempre em construção e relacionada com a formação, a prática e o contexto do professor.

2.4.3 Integração das tecnologias na educação

A tecnologia está cada vez mais presente na educação e possui inúmeros vetores, não necessariamente apenas aqueles relacionados à aplicação, ação e meta. O educador assume um papel fundamental como mediador do ensino e da aprendizagem integrando a tecnologia. É importante olharmos para os aplicativos tecnológicos como ferramentas criadas para responder a uma determinada função, e assim, cabe ao educador analisar com conhecimento e critério os recursos tecnológicos que coloca à disposição dos alunos. A funcionalidade das ferramentas tecnológicas se insere no campo de ação de uma atividade humana; atividade essa que é orientada para uma finalidade e incorpora um conjunto de ações e operações.

As ferramentas tecnológicas apresentam várias aplicações e razões para serem utilizadas, entre elas: registrar e reproduzir dados; acessar e recolher informações; organizar, produzir e divulgar informações; criar, expressar, comunicar e cooperar; colaborar, brincar e jogar. Suas funções devem ser exploradas no processo de aprendizagem, mas, sempre em estreita relação com a atividade humana que lhes dá sentido. As possibilidades do uso de recursos tecnológicos na educação transcendem o que pode ser exposto no papel, já que o meio digital é tão maleável quanto a criatividade do seu usuário. O importante é ter claro que no processo de ensino e aprendizagem essas ferramentas surgem de forma integrada a outras atividades comuns na educação, e não como substituição; e podem ser úteis e motivadoras, desde que aproveitadas com critério e responsabilidade.

O blog é uma das ferramentas tecnológicas que pode contribuir para a educação na forma de aprender, de ensinar, de informar, de conhecer, de criar e de compartilhar ações, promovendo redes comunicativas de acesso à informação e de divulgação, mas, sobretudo de construção compartilhada de saberes, de aproximação entre as pessoas e de construção de novas identidades sociais. Compartilhar experiências, ideias e questões sobre a vida facilita o desenvolvimento emocional, cultural e social de quem aprende (CARVALHO, 2015). Portanto, o blog é um dos recursos tecnológicos que possibilita ao aprendiz agir diretamente em contextos diversificados, de acordo com seus interesses, motivações e necessidades. Blog é um diário online que permite aos usuários registrarem diversos conteúdos que ficam disponíveis em ordem cronológica, ou seja, a última mensagem postada pelo dono do blog será a primeira visualizada. Esses conteúdos podem ser vistos e comentados por outras pessoas. A palavra blog vem da abreviação de weblog – web (tecido, teia, também usada para designar o ambiente de internet) e log (diário de bordo, registro).

O educador ao integrar a tecnologia digital à prática pedagógica tem como intencionalidade a aprendizagem do aluno. Essa prática requer do educador vários processos, entre eles, investigação, reflexão, construção de conhecimentos e seleção da ferramenta tecnológica pertinente aos objetivos da atividade proposta.

Os recursos digitais já estão incorporados no dia a dia de cada estudante, fato esse, independente da prática escolar. Segundo Pedro Demo (2011, p. 16), “a nova geração nem sempre se mostra tão hábil assim, em especial no que se refere a possibilidade de aprendizagem”, e vai além ao observar que “persiste ainda vazio

significativo entre o potencial das novas tecnologias e a prática escolar. Esta tende a continuar a mesma, e, quando lança mão de novas tecnologias, as usa para adornar vezes tradicionais.” Porém, a vida exige adaptações e aprendizagens constantes.

Enquanto se alastram oportunidades de aprendizagem não formal (fora da escola e da universidade), a oferta tradicional persiste rígida, autoritária, impositiva, instrucionista, contradizendo o desafio de flexibilidade que tanto a vida quanto o mercado postulam. (DEMO, 2011, p. 16).

Luiz Fernando Gomes (2013, p. 2) complementa a visão de Demo (2011) quando considera que a presença das tecnologias atuais de informação e comunicação no cotidiano educacional, tanto no ensino presencial quanto no ensino a distância deve ser transformadora, “pois ela potencializa e pressupõe um outro paradigma educacional, que passa pela descentralização do currículo, do empoderamento dos alunos e da presença forte das comunidades de aprendizagem e das redes de relacionamento.” A tecnologia pode potencializar o afeto, as relações entre as pessoas e grupos, o ensino e a aprendizagem. Não é a presença e o potencial da tecnologia que gera aprendizagem, e sim, as diferentes práticas usando as tecnologias é que são alternativas para o ensino.

“Tecnologias e conhecimentos integram-se para produzir novos conhecimentos que permitam compreender as problemáticas atuais e desenvolver projetos, em busca de alternativas para a transformação do cotidiano e a construção da cidadania.” (ALMEIDA, 2005, p. 40). No entanto, é importante considerar a formação e a autoformação do professor ao integrar as tecnologias digitais em suas ações no contexto educacional. No processo de formação, o professor tem a oportunidade de vivenciar diferentes papéis, como o de aprendiz e de observador da atuação de outro professor. “A reflexão sobre essas vivências incita a compreensão sobre seu papel no desenvolvimento de projetos que incorporam distintas tecnologias e mídias para a produção de conhecimentos.” (ALMEIDA, 2005, p. 44).

A educação superior deve e precisa ser um canal de formação para ampliar o olhar e as perspectivas do professor ao utilizar a tecnologia como interconexão entre aprendizagem e construção de conhecimento, cognição e contexto. Nessa visão, destaca-se a importância da preparação adequada dos professores para que sejam críticos e autocríticos, reflexivos, criativos, autônomos e de influenciar positivamente os alunos a transformar informação em conhecimento.

Em vista disso, salienta-se que o profissional do século XXI precisa ser comprometido com o bem-estar da sociedade, responsável pelo seu aprendizado

autônomo ao longo de toda a vida, capaz de lidar com a informação e preparado para identificar problemas e buscar as soluções.

A utilização pedagógica de recursos tecnológicos contribui para maior integração entre professores e estudantes e, até mesmo, destes entre si, aumentando a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. O professor, independentemente da educação ser presencial ou não, tem o papel de, enquanto agente promotor do processo de aprendizagem do aluno, desafiar, motivar para a exploração, reflexão e descobertas de novos conceitos.

Integrar as tecnologias na educação requer dos professores mudança nos hábitos e nas práticas consideradas autoritárias e monótonas, propiciando a relação dos alunos com as questões sociais, valores e crenças presentes na cultura e em todo e qualquer contexto social. Aprender é um processo ativo. O aluno, precisa ir à escola e encontrar um professor que o ajude a interpretar, relacionar, hierarquizar e contextualizar as informações. Conquistar o aluno para essas finalidades é um desafio para o professor que deve aderir aos recursos e estratégias didáticas midiáticas para facilitar essa relação e cumprir com seu papel de mediador do ensino e da aprendizagem.

Ao participar de um projeto, o aluno está envolvido em uma experiência educativa em que o processo de construção de conhecimento está integrado às práticas vividas; e assim, contribuindo na aprendizagem que visa o ser integral.

Gomes (2013, p. 11) declara:

as tecnologias atuais trazem certo incômodo e também desafios à escola e à universidade que, ainda, em grande parte dos casos, procura adaptar as tecnologias aos modelos tradicionais de ensino, quer no presencial, quer na EaD, buscando pouca ou nenhuma inovação nas práticas pedagógicas e aparentemente também pouca reflexão sobre o papel da universidade frente às demandas contemporâneas, sob o viés da tecnologia educacional.

Os desafios em integrar as tecnologias à educação e contribuir para a qualidade, o ensino, a aprendizagem e a formação do ser humano ainda são muitos. Professores e instituições educacionais devem ser aliados e, em conjunto, propor alternativas para as mudanças e transformações na educação. Não é tarefa fácil. Entretanto, a educação deve ser libertadora e inovadora. O impacto da sociedade de informação permite um aluno mais informado; o conhecimento não é mais centrado no professor, além de oferecer oportunidades para otimizar a relação professor e aluno. Essa integração tem provocado reflexões e modificações substanciais nos paradigmas de educação vigentes. Nesse contexto, a sociedade está inserindo

alterações na sua cultura e disseminando mudanças na estrutura convencional de ensino.

3 ESCUTA SENSÍVEL

Ouvir-ver-sentir é um exercício diário de escuta que requer sensibilidade, empatia, paciência, envolvimento, acolhimento e silenciamento dos pensamentos para sentir e compreender o que não foi dito. A escuta sensível, em alguns momentos, pede para que saiamos da cena para apreciar e reconhecer o outro como legítimo outro. Neste capítulo discuto a escuta como uma habilidade que precisa ser desenvolvida na formação do ser humano; a educação para o sensível ao focalizar as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora os conhecimentos; e a escuta sensível em seus contextos.

3.1 Escutar e ouvir

Escutar é diferente de ouvir, mas, no cotidiano, as pessoas empregam as palavras escutar e ouvir com o mesmo significado, pois consideram ambas como uma ação idêntica. Embora nos dicionários as palavras sejam sinônimas, elas apresentam diferenças marcantes e importantes.

Etimologicamente, as palavras ouvir e escutar procedem do latim. Ouvir vem do latim *audire* que significa ouvir. As palavras “áudio”, “auditoria”, “audiência” também vêm daí, mantendo mais proximidade com o som original. Escutar tem sua origem do latim *auscultare* que indica “ouvir com atenção”, mas também “ouvir às escondidas” e “obedecer”. O termo *auscultare* é derivado de “*aus*”, ouvido.

Seth S. Horowitz, neurocientista, focaliza a importância do sentido da audição e para a habilidade de escutar. De acordo com Horowitz (2012, p. 1), “ouvir é uma ação passiva, consequência do nosso sistema auditivo, que capta involuntariamente os sons à nossa volta numa reação a estímulos externos”; o escutar é uma ação ativa, pois necessita de foco, ou seja, uma atenção direcionada para aquilo que ouve. O cientista destaca que “ao questionar o que você consegue ouvir neste momento, ele incita o cérebro a tomar controle da experiência sensorial – e escutar em vez de só ouvir.” Ceccim (2001, p. 15) complementa a ideia de Horowitz (2012) quando considera que escutar requer “a percepção, sensibilidade de compreensão para aquilo que fica oculto no íntimo do sujeito. A audição se refere à captação dos sons, enquanto a escuta diz respeito à captação das sensações do outro, realizando a integração ouvir-ver-sentir.”

O pensamento consciente ocorre mais ou menos no mesmo tempo em que acontece o reconhecimento visual, necessitando uma fração significativa de um segundo por evento. Entretanto, ouvir é um sentido quantitativamente mais rápido. Enquanto você pode levar um segundo inteiro para perceber algo pelo canto dos olhos, virar a cabeça, reconhecer e responder por algo, a mesma reação a um som novo ou repentino acontece com uma rapidez pelo menos dez vezes maior. Ouvir é uma forma de alarme, um elemento importante à sobrevivência. A audição funciona fora de sincronia com a visão e está em ação mesmo quando estamos dormindo.

Segundo Horowitz (2012, p. 1) ouvir é fácil, “mas escutar, realmente escutar, é difícil quando potenciais distrações estão invadindo seus ouvidos a cada 50 milésimos de segundo”. Assim, nesse sentido, o escutar que integra o ouvir, o ver e o sentir pede implicação e entrega ao outro. O cientista acrescenta que “escutar é uma habilidade que corremos o risco de perder em um mundo de distração digital e sobrecarga de informações.”

Quem escuta, ouve; mas quem ouve não necessariamente escuta. Daí o dito popular: “entrou por um ouvido e saiu pelo outro”. A falta de atenção ao som ou à fala emitida faz com que o receptor não assimile a mensagem, ou seja, o que foi ouvido não teve sentido para ser registrado em sua memória.

É essencial reconhecer a importância do escutar. Horowitz considera que prestar atenção às informações não-visuais do nosso ambiente melhora desde a capacidade intelectual até as habilidades para dançar. O cientista afirma ser possível treinar a habilidade de escutar, pois atitudes aparentemente simples podem melhorar sua capacidade de escutar e as suas relações pessoais e de trabalho. E assim, sugere várias situações como, por exemplo: escute os sons que seu cachorro faz, às vezes eles significam que algo não está certo; ouça a voz das pessoas que são importantes para você, não só as palavras, mas os sons produzidos e as emoções que elas carregam. Ao compreender a diferença entre ouvir e escutar podemos considerar que o encanto da vida não está no volume e na batida, mas sim nos timbres e nas variações que são possíveis de discernir se simplesmente prestarmos atenção.

Ao prestar atenção a sons e vozes, e não apenas ouvir, estamos tendo uma atitude de reverência ou respeito. Destaco do livro: “A arte de ouvir o coração” (SENDKER, 2013) uma situação que ilustra e exemplifica a distinção entre o ouvir e o escutar.

Com muita paciência, Tin Win, estava ensinando Mi Mi a escutar. (...) Agora, ao conversar com as pessoas, primeiramente, **ela se concentrava no timbre**, que ela chamava de **cor da voz**. **O tom costumava dizer mais do que as palavras**. Na feira, ela sabia logo de cara se os clientes queriam pechinchar ou se aceitariam o preço que ela cobrava pelas batatas. Ela surpreendia os irmãos ao perceber, à noite, depois de algumas frases serem ditas, como o dia deles tinha sido, **se estavam felizes, entendidos ou irritados**. (SENKER, 2013, p. 147-148, grifo nosso).

Horowitz (2012), ao sugerir treinar a habilidade de escutar nos instiga a olhar para o outro; um olhar amoroso que aceita, acolhe e não julga. Mas, ao revelar a fragilidade das relações humanas, Bauman (2010) nos faz pensar sobre o predomínio do individualismo em detrimento do sentido de coletividade, e vai além quando menciona a vantagem dos contatos *online* sobre os presenciais; são mais fáceis e menos arriscados, é fácil conectar e se desconectar. A pessoa pode simplesmente desligar o seu contato *online*, sem necessidade de explicações complexas, sem inventar desculpas, sem censura ou culpa. Entre as coisas perdidas estão as habilidades necessárias para estabelecer relações de confiança com outras pessoas. Relações cujos encantos você nunca conhecerá, a menos que pratique. E a escuta tem o poder de resgatar esse encantamento. Quando escutamos silenciemos as nossas emoções para ouvir-ver-sentir o outro.

Para Bauman (2010), o individualismo está tão enraizado em nosso modo de agir e de relacionar que, quando agimos com gentileza e damos atenção às pessoas, a surpresa é grande. Ocorre até certa desconfiança com relação ao gesto. Perante tanta desatenção e falta de amabilidade ao nosso redor está sobressaindo o que dizemos e não o que escutamos. Escutar o outro se tornou um dom, e não uma habilidade conforme afirma Horowitz (2012).

Ao longo de nossa existência modificamos nossa maneira de olhar e enfrentar a realidade, e ao escutar o outro e a nós mesmos temos a possibilidade de mudar paradigmas ou ideias já estabelecidas. Escutar não implica em concordar, o escutar é uma atitude de aceitação para com o outro.

Minha intenção ao mencionar o ouvir e o escutar é a diferenciação entre ambos, porém saliento que a escuta tem um papel relevante na psicanálise. Enquanto a audição permite a apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta refere-se à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, das expressões e gestos, posturas e condutas.

A escuta requer sensibilidade, interesse e atenção do ouvinte. Portanto, ao

escutar precisamos estar atentos ao sentido que damos às ações e atitudes do outro. A escuta é uma habilidade que se estabelece a partir das emoções, visões de mundo e formação do ser humano.

3.2 A educação para o sensível

A visão holística na educação tem como propósito a busca permanente de sentido para a vida. Sentido manifesto no modo de ser e agir, e na atitude perante o saber. Sentido que se alicerça na integração, no desenvolvimento e na harmonização de todos os níveis do ser, entre eles as dimensões: física, emocional, social, espiritual e estética.

Morin (2000, p. 35) considera que “o conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital.” O autor amplia a sua reflexão ao destacar que o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. Sendo assim, é preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo organizacional. Para Morin (2000, p. 37), “o planeta Terra é mais do que um contexto: é o todo ao mesmo tempo organizador e desorganizador de que fazemos parte”, portanto, “o todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes.”

Falar da compreensão do todo é muito complexo e amplo. Ao defender que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação, sinalizo a necessidade da formação integral do ser humano. Uma formação com o objetivo de reintegrar o ser humano à percepção e vivência do todo e, portanto, é contrária à especificidade e fragmentação dos saberes e o caráter fragmentado do ser humano. Para Morin (2005), vivemos em um mundo ainda marcado pela fragmentação e pelo pensamento linear que proporcionam percepções desconectadas da realidade.

Pereira e Hannas (2000, p. 30) complementam a visão de Morin (2005) quando consideram que “a educação reflete a cultura de uma época que está impregnada de determinada visão de mundo, do homem, da vida, mesmo que não se tenha consciência disso”. Vão além, quando afirmam que o “maior problema da

educação, hoje, é que a visão de mundo que está em sua base é fragmentada, limitada, reducionista.” A transformação na educação depende da mudança dessa base.

A educação para o sensível visa as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora os conhecimentos. Precisamos dar sentido ou significado àquilo que fazemos.

Ao criar condições para que o aprendiz seja autêntico, a educação para o sensível possibilita o autoconhecimento, o desejo contínuo de aprender, desenvolver a capacidade de resolver problemas criativamente e a capacidade para lidar com o imprevisível, com a mudança. Para Pereira e Hannas (2000, p. 39) a educação é uma questão de ver, de desvelar, e assim, consideram que “é da descoberta de si mesmo que brota o cuidado com o outro, natural e espontaneamente, ele vem de dentro para fora, não é forçado.”

Ao educar para o sensível temos várias nuances de aprendizagens, percepções e conhecimentos. Portanto, é essencial mostrar ao educando as diversas maneiras pelas quais um mesmo tema pode ser considerado, proporcionando assim, instigar a curiosidade, a reflexão e a atitude de busca e pesquisa. “Para que o professor eduque de forma não dogmática é necessário que ele também tenha sido educado dessa forma; se não foi, deverá buscar mais abertura.” (PEREIRA; HANNAS, 2000, p. 59). É necessária uma formação docente centrada em uma educação reflexiva e holística, propiciando a construção de novos conhecimentos que envolvam os diferentes saberes.

O professor-educador que não seja capaz de lidar internamente e em profundidade consigo mesmo, não se encontra aparelhado para proporcionar experiência semelhante a uma outra pessoa humana; não será capaz de proporcionar ao educando uma experiência de implicação consigo próprio quem não foi capaz de experimentá-la em si. (BARBOSA, 1998, p. 8).

Para Morin (2005, p. 16), o conhecimento só é conhecimento “enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações.”

João Francisco Duarte Júnior (2012), considera que o conhecimento é construído, basicamente, através do sentido que damos à vida. E que, nessa relação, entre o ser humano e o entorno/derredor, por intermédio dos nossos órgãos

dos sentidos, é que elaboramos um guia, um sentido para a nossa existência. Para o autor, o nosso conhecimento é radicalmente distinto de todos os outros animais; é um conhecimento abstraído e armazenado por meio de signos. Pelos signos conhecemos tudo e a nós mesmos num trabalho reflexivo.

O que define os signos é sua função representativa. Eles são criados para representar o real (objetivo e subjetivo) e comunicar suas experiências. Como tais, resultam de uma convenção social que atribui a determinadas coisas a função de representar ou significar outras. Uma das características dos signos é que, pela sua própria natureza, admitem múltiplas significações (polissemia) o que faz que eles não garantam uma interpretação única nem, por isso mesmo, segura da realidade que significam. Cabe aos indivíduos interpretá-los em função do contexto em que eles se apresentam, correndo sempre o risco de cometer erros de interpretação (PINO, 1991).

A construção do sentido da vida necessita do conhecimento sensível, dada pelo corpo, e do conhecimento inteligível. Duarte Júnior (2012), denomina o produto de nossa inteligência simbólica de conhecimento inteligível, e a nossa capacidade de sentir, de perceber e nos movermos fisicamente, de saber sensível. O verbo saber, etimologicamente, significa saborear e, portanto, por meio dos sentidos, o mundo é saboreado através dos seus sons, cores, odores, texturas e sabores. Porém, cabe a cada um de nós, por intermédio das formas sensíveis do ser humano, se relacionar com a vida.

Duarte Júnior (2012, p. 365) diz que o primeiro passo para uma vida mais feliz e aut centrada é “educar os nossos sentidos para que eles nos permitam mais e mais saborear as sutilezas do mundo.” Para o autor, “a competição desenfreada (rumo ao nada) nos impede de ter prazer com o fato de estarmos vivos, e esse prazer é, em sua essência, estético.” Estética se origina do termo grego *aisthetiké*, que significa “aquele que nota, que percebe”. A estética representa a dimensão sensível do ser, expressa pelo corporal e emocional. Duarte Júnior, ao fazer referência sobre a importância de se falar de educação estética na contemporaneidade destaca:

Ora, restabelecer a nossa capacidade de nos maravilharmos com o mundo, de nos sentirmos vivos num cotidiano que não seja feito de agendas lotadas e níveis de produtividade, **de perceber nossa integração sensível com a realidade ao redor, de entender que o conhecimento não é dado apenas por fórmulas matemáticas e reflexões lógico-conceituais**, e, sobretudo, de que mais dinheiro e mais consumo de quinquilharias não implica em mais felicidade, muito pelo contrário, **é fundamentalmente**

recuperar-se a percepção estética da existência. (DUARTE JÚNIOR, 2012, p. 365, grifo nosso).

A afirmação do autor reforça que a estética é uma das bases da formação humana; uma dimensão que nos instiga a ter um olhar sensível e criativo a tudo e a todos, e assim, contribuir para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e reflexivos em suas práticas e ações, além de tornar possível o desenvolvimento de uma sociedade mais solidária e feliz. A estética é uma dimensão da existência, do agir humano.

3.3 Educar na biologia do amor

A educação como processo formativo do ser humano deve visar uma prática e ação educativa em que os educandos sejam conduzidos a uma vida harmônica, saudável e feliz. E, prevenir a formação de comportamentos egoístas, individualistas, excessivamente competitivos e tantos outros que hoje são comuns, mas, indesejáveis.

Falar de amor na educação pode conduzir a diversas interpretações, pois, em geral, as pessoas associam a palavra amor a sentimentos. Porém, o amor é o central da convivência, manifesto em nossos gestos e posturas. Na visão de Maturana (2009, p. 33, grifo nosso), o amor não é um sentimento, é o domínio de ações.

Prega-se o amor, mas ninguém sabe em que ele consiste porque não se veem as ações que o constituem, e se olha para ele como a expressão de um sentir. (...) **O amor não é um sentimento, é um domínio de ações** nas quais o outro é constituído como um legítimo outro na convivência.

Educar e aprender são fenômenos fundamentais que envolvem todas as dimensões do ser humano, em total integração do corpo e espírito, e do ser com o fazer (MATURANA, 2009).

A biologia do amor e a escuta sensível são temas que enfocam o ser humano como um ser total e que favorecem a transformação da convivência, o desenvolvimento do sujeito e a harmonização das dimensões do ser humano. O ser humano que tem uma prática humanizada, facilita o espaço para as ações solidárias, o espaço para estar disponível ao outro num simples gesto de escutar; uma prática diferenciada que proporciona a sensação de acolhimento.

A educação, como a biologia do amor e a escuta sensível, precisa e deve se

colocar à disposição do outro em um processo de acolhimento.

A palavra acolhimento, da mesma forma que a palavra amor, pode trazer diversas interpretações na educação, principalmente quando relacionada como manifestação de um sentimento. A palavra acolher vem do latim *acolligere* que significa “levar em consideração, receber”; ou seja, quem acolhe respeita. E, portanto, é essencial que cada signo seja interpretado em função do contexto em que eles se apresentam, e mesmo assim, estamos sujeitos a cometer erros de interpretação.

Educar uma criança para que ela se torne um adulto socialmente responsável é essencial uma educação amorosa, que vê a criança, que a escuta, que a acolhe com respeito (MATURANA, 2009). Ao escutar o outro é necessário a empatia e a disponibilidade ao outro, sem julgar, e sim, acolher.

“A biologia do amor visa ao ser humano pleno, envolvendo a sua totalidade no sentido harmônico das suas relações social, espiritual, física e mental, e à sensibilidade do amor ao acolher, aceitar e cuidar nos constitui humanos.” (CARVALHO, 2015, p. 36-37). Tanto a biologia do amor, como a escuta sensível, requerem um aprendizado, pois, para amar e escutar é necessário aprender e desenvolver a arte de saber sair de si mesmo para se ter uma pré-ocupação com o outro, para querer o bem do outro.

Uma educação amorosa pede um professor que tenha competência intelectual, emocional e ética. A coerência entre o que o professor fala e o que faz na vida é um fator importante para o sucesso pedagógico. “A pessoa fala mais que as palavras. A junção da fala competente com a pessoa coerente é didaticamente poderosa.” (MORAN, 2012, p. 80).

Naranjo (2015a, p. 2) defende que a forma mais eficaz de ajudar todos os alunos, não só os melhores, a efetivamente aprender, é a formação de educadores amorosos, afetivos e acolhedores. Para o autor, essa é uma das alternativas para “mudar o mundo”, e vai adiante quando afirma: “Se queremos mudar o mundo, temos que investir em educação.”

Para Naranjo (2015a, p. 2), “temos um sistema que instrui e usa de forma fraudulenta a palavra educação para designar o que é apenas a transmissão de informações.” Por isso, a necessidade de formar professores capazes de transmitir valores, cuidar e acolher. Quem acolhe leva em consideração a necessidade do outro. Quem acolhe respeita as características de cada um.

O papel do professor é possibilitar ao aluno a descoberta, a reflexão, a criação e a constatação através das vivências e pesquisas. “Tudo é mais efetivo quando a criança entende o que faz mais sentido para ela.” (NARANJO, 2015a, p. 4). Acrescento que o aprendizado com sentido sempre produz conhecimentos e transformações em nosso agir, seja para a criança, o adolescente ou o adulto.

No entender de Crema (2014), o amor na educação precisa ser representado nas ações de fraternidade, respeito e solidariedade. Cabe a cada um de nós, educadores, termos o domínio das nossas ações ao conduzir as práticas educativas.

Educar a criança, o homem do futuro, exige ação com amor. Considero instigante a afirmação de Alessandrini (1998, p. 20) ao levar em conta que essa ação com amor é “mobilizada pela coragem – cor: coração, agem: agir; “agir com o coração” – diante das oportunidades de aprendizagem que a vida lhe apresenta.”

3.4 A escuta sensível

Saber ouvir atentamente cada um, compondo as diferentes visões, é um exercício básico de cidadania, papel fundamental da aprendizagem e desenvolvimento humano. A arte de ouvir com atenção é a escuta sensível, que orienta as práticas e ações, e revela a diversidade de contextos e a necessidade do outro em sua totalidade. A escuta sensível é a possibilidade de abertura ao outro, e sendo assim, essa escuta permite a expressão do outro, mesmo que haja discordância. Quem escuta acolhe.

No processo da escuta sensível há uma troca mútua, entre quem fala e quem escuta. A escuta não é passiva, ela é dialógica. À medida que se escuta as necessidades do outro, há uma aproximação deste, um conhecimento, e, ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também. A escuta nos permite a aproximação. Esta é a proposta da escuta sensível: entrar em totalidade com o outro.

A escuta em um grupo consiste em criar condições para uma melhor compreensão de cada um e de todos, em vista de uma maior autonomia em suas ações. Para Barbier (1998), a relação com a sensibilidade está compreendida num processo de desenvolvimento intelectual, de movimentos existências e de prática.

Etimologicamente, a palavra sensibilidade é derivada da palavra sensível, que tem sua origem no latim, *sensibilis*, particípio passado de *sentire*, que significa

perceber, sentir. A sensibilidade envolve as sensações. Sensação é a informação que os sentidos recebem do mundo exterior ao corpo. Por isso, podemos pensar que o corpo inteiro, e não apenas os tradicionais cinco sentidos, é um lugar de conhecimento. Temos que entender que a nossa sensibilidade para com o outro não deve ser fragmentada; as diferentes sensações se compõem para a representação da totalidade.

Falar de sensibilidade não é só se basear na definição de um sentir ou perceber; sua interpretação tem uma certa complexidade. Barbier (1998, p. 183) chama de sensibilidade a “forma elaborada do sentimento de ligação (reliance): uma “empatia generalizada” em relação a tudo o que vive e a tudo que existe. No cerne da sensibilidade existe um Sentimento fundamental a que chamo de “amor” ou “compaixão”. “ Porém, Barbier (1998, p. 184) considera que podemos distinguir vários tipos de sensibilidade: a sensibilidade sensitiva, que se apoia nas sensações dentro das relações perceptivas da pessoa no mundo; a sensibilidade afetiva, que se rompe em emoções diante das situações que abalam as estruturas estabelecidas; a sensibilidade intuitiva que descobre a parte ligada, mas ainda não consciente, do ser-no-mundo e se expressa em particular por um sentido da criação simbólica e mitopoética; e a sensibilidade noética que é a expressão de uma pessoa que pôde avançar bastante no seu processo de individualização. O autor acrescenta que essas sensibilidades: sensitiva, afetiva, intuitiva e noética se apresentam em ordem crescente em direção ao sentimento de amor como sentimento englobante.

Ao considerar que a sensibilidade está relacionada com o potencial criador e com a afetividade de cada ser humano, saliento que a sensibilidade do professor é fundamental para ouvir, ver, sentir e compreender o outro na sua essência de sujeito que faz parte de um contexto, e assim, poderá captar os significados do não-dito.

A escuta sensível não é uma mera interpretação de fatos e situações. Ao contrário, ela busca a compreensão pela empatia, ou seja, a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Rogers (1977), exemplifica um caso de empatia, ao considerar que quando uma pessoa percebe que está sendo escutada, os olhos umedecem, como se estivessem chorando de alegria. É como se ela estivesse dizendo: “Graças a Deus, alguém me escutou. Alguém sabe como eu me sinto”. A escuta sensível se faz protagonista em vários momentos de nossas vidas, por empatia ao buscar a compreensão do outro ou ao direcionar as nossas práticas e ações.

Moran (2012) considera que é preciso sensibilizar e capacitar professores para a pesquisa e ações inovadoras, entre elas: ultrapassar a aprendizagem meramente intelectual e vivenciar mais os projetos e as experiências, e explorar novas possibilidades nas suas atividades didáticas, na sua carreira e em sua vida.

A escuta sensível nos conduz a diferentes olhares para os diversos contextos das nossas vidas, e a sua prática deve ser constante, na relação e na troca com o outro. Ou seja, o vínculo que se estabelece com o outro, abre possibilidades para novas formas de sentir, querer e agir. Resta-nos saber como temos colocado em ação nossa missão de educar para a vida. A ação de escutar exige, por parte daquele que escuta, implicação com o contexto, e sendo assim, é essencial viver com plenitude esse momento de escuta.

3.4.1 Contextos escolares

Escutar o outro é o primeiro passo para respeitá-lo. Necessitamos de uma escola do olhar, da escuta e da atenção.

Na escola, os professores recebem alunos que têm histórias de vida completamente diferentes. Professores e alunos de uma mesma sala de aula são participantes de uma mesma história; cabe a eles estabelecer um vínculo afetivo com comprometimento, em que a sintonia entre eles poderá ser a responsável pelo sucesso ou não de suas trajetórias. O professor mediante sua postura tem a possibilidade de interferir no ensino e aprendizagem do aluno, no que se refere ao interesse, rendimento escolar, afetividade e crescimento pessoal. Por definição, escola é o estabelecimento público ou privado em que se ministra ensino coletivo, porém, a escola simboliza um espaço vivo e dinâmico na formação do ser humano em sua totalidade.

A sala de aula dentro de uma instituição escolar é um dos espaços destinados ao ensino e a aprendizagem; ela é o grande palco das mais variadas manifestações: erros e acertos, real e imaginário, liberdade e opressão, alegria e tristeza, dúvidas e certezas, medo e coragem, amigos e inimigos. O antagonismo está presente; necessário se faz compreender e interpretar as diferenças e preconceitos.

Entender a diversidade de expressões que se propagam em uma sala de aula como as palavras, as escritas, os desejos, os problemas, os confrontos, e outros, requer a sensibilidade do professor/ouvinte. Para Barbier (1998, p. 178), "a

mais refinada sensibilidade desenvolve na pessoa a faculdade de sentir. Não a de sair da emoção, mas de depurá-la, de certo modo até elaborá-la.”

O processo da escuta sensível pode ser considerado como “uma prática que deve acompanhar as diversas fases da evolução humana, pois ela também é uma das promissoras para o desenvolvimento integral do sujeito, na medida em que este constitui-se como tal na relação com o outro” (CERQUEIRA; SOUSA, 2011, p. 16), ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também.

É fundamental considerar as experiências de cada aluno, vinculadas à sua maneira de perceber, vivenciar e interpretar o seu mundo, ou seja, o seu contexto de vida; “passando a focalizar a diversidade presente nos diferentes alunos, nas diferentes salas de aula, nas diferentes escolas.” (OLIVEIRA, 1997, p. 9). Nesse processo é necessário que ocorra uma escuta criativa que valorize e potencialize a competência da expressão humana. A escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais; ela propicia uma maior aproximação desses sujeitos que se relacionam.

A escuta na ação educativa, que lida com a diversidade e com a percepção da totalidade, deve promover novas sínteses do conhecimento, abrindo espaço para o desenvolvimento do potencial humano e cultivar a vivência de valores. E, portanto, proporcionar novas relações com o outro, novas ideias, novas sensações, novas visões de mundo e de si mesmo; uma escuta que nos desperta o desejo de mudar.

A escuta sensível não é protagonista somente na educação, ela pode criar hábitos que se colocam como facilitadores na experiência de viver o dia a dia, na busca de caminhos para a promoção de mudança, desenvolvimento e evolução na organização da vida interior. Um convite para rompermos com antigos padrões e atitudes passivas e cômodas de enfrentar a vida.

Romper o velho exige coragem, força interna e um certo movimento de diálogo com tudo o que já fazia parte de nós mesmos. É tempo de realizar o novo porque não é tarde demais. É importante correr em direção aos sonhos, concretizando-os e **seguindo a energia do coração que nos aponta o que fazer – por vezes visto pelos outros como estranho ou diferente, mas que tem um colorido próprio, o que torna gratificante realizá-los.** (ALESSANDRINI, 1998, p. 16, grifo nosso).

A ação educativa, fundamentada em uma escuta sensível e visão holística, propicia um aprimoramento do olhar do professor, que reflete em sua prática e ação docente. Porém, sinalizo que o professor como pessoa e profissional também precisa ser escutado, “enxergado” e acolhido.

3.4.2 Diferentes contextos

A prática ou exercício da escuta sensível solicita a abertura holística do ser humano, no sentido de perceber a expressão do todo, ou do contexto em questão. Independente da área de conhecimento, a escuta sensível é um “instrumento facilitador” na identificação, compreensão e percepção do outro, na sua essência de sujeito que faz parte de um contexto.

Cerqueira e Souza (2011, p. 25) pontuam que “um dos grandes fatores que influenciam o que cada um torna-se é justamente os contextos do qual estes fazem parte, desta forma, não é possível ignorar a relevância do contexto social e sua influência na constituição humana.” As autoras exemplificam essa afirmação quando mencionam que o assassino não nasceu assassino, da mesma forma que o herói não nasceu herói. Porém, ambos sofreram influências do meio em que viveram e do contexto em que foram criados, onde foram desprezados ou acolhidos. Provavelmente, uma criança que cresce sem ser notada, escutada e amada torna-se futuramente um ser insensível, frio. E, da mesma forma, ama quem é amado e escuta quem é escutado. Mas, nos diversos contextos, permeados por diferentes ações, práticas e emoções, as exceções sempre existirão.

No contexto social nós interagimos com o outro, e como esse relacionamento é inevitável, se faz necessário a busca da qualidade em nossas interações. A disponibilidade ou abertura para o outro é um exercício fundamental para a conquista dessa qualidade nas relações interpessoais.

A escuta sensível em contextos hospitalares é um dos temas que tem despertado interesse nas pesquisas acadêmicas, principalmente, entre os psicólogos e psicopedagogos. Neste contexto, precisa e deve ocorrer a escuta pedagógica atenta e sensível, que surge da necessidade de atender crianças e adolescentes que precisam permanecer hospitalizados. Em geral, o tempo de internação é considerado longo e, portanto, além dos cuidados com a saúde é necessário o atendimento pedagógico.

O pedagogo, no contexto hospitalar, tem o papel de incluir a criança e o adolescente hospitalizado em seu mundo exterior e dar continuidade à aprendizagem escolar. Porém, é grande o desafio de construir uma prática educativa diferenciada da que acontece na instituição escolar. Prática que requer processos específicos e conhecimentos que auxiliem nas atividades pedagógicas realizadas

em âmbito hospitalar.

O período de internação para a criança e o adolescente representa para eles uma realidade diferente da sua vida cotidiana, e a atuação do pedagogo possibilita a integração deles com o hospital ao articular o processo internação, adaptação e escolarização. A prática pedagógica será mediadora e facilitadora no processo de adaptação da criança e do adolescente junto aos profissionais da saúde. A escuta pedagógica, sinalizada pelo diálogo, é um caminho que proporciona ao paciente expressar seus sentimentos e resgatar a sua autoestima. Mas, há também aqueles que têm a necessidade de falar dos seus medos e de sua doença; desse modo, precisam de alguém que os escute.

A escuta sensível com os pacientes hospitalizados, não tem a intenção de apenas ouvir o que esses têm a dizer, mas, compreendê-los em sua totalidade, ou seja, “penetrar em seus mundos, em suas emoções, prática esta que deve ser exercida por todos os profissionais atuantes no hospital.” (CERQUEIRA; SOUZA, 2011, p. 28).

Em geral, tanto o adulto quanto a criança e o adolescente tendem a ficar fragilizados no ambiente do hospital, estejam ou não internados. Por isso, é fundamental respeitar a tristeza dos sujeitos e suas emoções, além de ser solidário e respeitar a dor do outro. A escuta sensível dos profissionais que atuam em contextos hospitalares, através da dialógica ver-ouvir-sentir, possibilita compreender que, ainda que o diagnóstico seja o mesmo para várias pessoas, a reação será diferente de sujeito para sujeito. Determinada doença que, para o médico pode ser comum ou rotineira, para o paciente é algo novo e até assustador. E, portanto, a escuta sensível nos conduz a ter atitudes flexíveis, afetividade, respeito às limitações e medos, fortalecendo a individualidade e auxiliando na necessidade de cada um. Gestos que acolhem; a disponibilidade de estar com o outro.

Outro contexto, em que a escuta sensível precisa e deve estar presente é o contexto empresarial. “Uma empresa que tem seus funcionários com baixa estima, muitos problemas familiares, emocionais, e não se preocupa com isto, tende a ter sua produção e organização prejudicadas.” (CERQUEIRA; SOUZA, 2011, p. 48). Um trabalhador feliz e emocionalmente motivado produz mais, rende mais para a empresa.

Através da escuta sensível de seus líderes, muitas empresas estão investindo em cursos de formação continuada, palestras motivacionais, prêmios e gratificações

para seus funcionários. Uma escuta que tende a despertar a humanização da relação trabalhador e empresa e contribuir para o bem-estar e motivação dos empregados.

Cada contexto tem suas características e necessidades próprias, porém é preciso sensibilizar e capacitar os profissionais, independente da área de atuação, para ações e práticas que visam o bem-estar do outro e a humanização das relações.

Como pesquisadora, levei em consideração o contexto e os participantes da pesquisa, a forma em que os dados foram coletados e as implicações durante o processo de investigação. No próximo capítulo apresento os caminhos percorridos; traçados e direcionados na abordagem qualitativa, no pressuposto da escuta e na perspectiva holística.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS

Neste capítulo são apresentadas as características peculiares e as intenções da escolha de uma metodologia qualitativa. Neste caso, a escolha está centrada na pesquisa-ação. Também será apresentado o contexto e os participantes da pesquisa, a forma em que os dados foram coletados e as implicações ocorridas no processo de investigação. Os caminhos foram traçados conforme parâmetros metodológicos e direcionados pela pesquisadora. A sensibilidade da investigadora, sustentada no pressuposto da escuta e na perspectiva holística, foi essencial para ouvir, ver, sentir e compreender o outro na sua essência de sujeito que faz parte de um contexto.

4.1 A pesquisa qualitativa

Metodologia é a disciplina que estuda os métodos e é também considerada como a forma escolhida de se conduzir a pesquisa (THIOLLENT, 2011). Segundo Michel Thiollent (1984), a metodologia consiste em um conjunto de conhecimentos que permitem ao pesquisador encontrar meios para orientar a sua pesquisa. O que determina a escolha da metodologia é a natureza do problema. As escolhas são efetuadas em função dos objetivos das pesquisas e das características das instituições. Conforme Maria Inês Maciel (1999), a escolha do caminho a ser percorrido durante a investigação não é aleatória, porém, deve levar em consideração alguns aspectos essenciais, como a especificidade da problemática a ser investigada, a habilidade do pesquisador, os recursos disponíveis e principalmente os pressupostos teóricos que sustentam a pesquisa. O papel do pesquisador é fundamental para uma atuação crítica e criativa, onde esse descreve, interpreta, explica e apresenta evidências. Menciono a sensibilidade, a competência, e o preparo do pesquisador para não se perder nas aparências e no imprevisto durante o desenvolvimento da pesquisa.

Marli André (2005), destaca a dimensão ética, que não pode ser esquecida, porém, o pesquisador deve deixar claro os critérios utilizados em sua pesquisa, principalmente no que diz respeito aos sujeitos, unidades de análise e os dados apresentados e descartados.

Dentro do campo das ciências humanas e sociais, as pesquisas são

classificadas em duas visões metodológicas, o positivismo e o interpretacionismo. São dois posicionamentos epistemológicos que retratam as diferenças entre duas posturas. O positivismo obedece ao paradigma clássico e faz uso da pesquisa quantitativa, enquanto o interpretacionismo segue o paradigma chamado alternativo e opta pela pesquisa qualitativa, e assim, focaliza várias metodologias relacionadas às ciências humanas, entre elas: a pesquisa participante, a pesquisa com abordagem sócio-histórica, a pesquisa fenomenológica e a pesquisa-ação.

O positivismo adota os métodos quantitativos, e geralmente, aqueles que adotam essa linha "aceitam que o comportamento humano é resultante de forças, fatores ou estruturas internas ou externas que agem sobre as pessoas para gerar determinados resultados." (MOREIRA, 2002, p. 44). Conforme os positivistas, essas forças podem ser estudadas pelo método experimental ou por meio de levantamentos amostrais. Pesquisadores, no estudo das metodologias, mencionam que a partir da segunda metade do século XX houve um predomínio da abordagem positivista no estudo do comportamento humano, no campo das ciências sociais. Para a abordagem positivista, as pessoas podem ser estudadas através dos mesmos métodos usados para estudar os objetos físicos.

Nas ciências sociais, os estudos direcionados pela visão positivista são influenciados inicialmente pela abordagem das ciências naturais, que postulam a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações causa-efeito, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação, que permitem chegar a verdades universais. Conforme essa ótica os resultados da pesquisa são reproduzíveis e generalizáveis (HAYATI; KARAMI; SLEE, 2006).

Diferentemente, a pesquisa qualitativa apresenta um posicionamento metodológico em que a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim, que interpreta o mundo em que vive continuamente. Portanto, o processo de condução da pesquisa qualitativa resulta em uma espécie de diálogo entre os pesquisadores e os sujeitos de investigação. Para Daniel Augusto Moreira (2002, p. 50), a "interpretação deve ser olhada como um processo formativo, ao qual os sentidos são usados e revisados como instrumentos que guiam e ajudam a formar a ação."

Ainda hoje, muitos pesquisadores, independente da sua área de

conhecimento, consideram a pesquisa qualitativa como impressionista, não objetiva e não científica, pois esses, até agora, conservam a tradição experimental e dos grandes levantamentos amostrais. No entanto, para os pesquisadores qualitativos a abordagem quantitativa é restrita, denotando um retrato reducionista da complexidade social, não conseguindo captar o ponto de vista do indivíduo por utilizar grandes amostras, e afastando o pesquisador do cotidiano do objeto. A pesquisa qualitativa não se limita à escolha de uma teoria, de um paradigma ou método, e assim, possibilita à adoção de uma multiplicidade de procedimentos e pressupostos.

Em geral, a pesquisa qualitativa faz uso das palavras oral e escrita, com sons, imagens, símbolos e outros, e raramente utiliza as abordagens matemáticas no tratamento dos dados. Conforme Thiollent (2011), o pesquisador que utiliza os procedimentos argumentativos privilegia o qualitativo, mas não significa que os métodos e dados quantitativos sejam descartados. Ocorre a possibilidade de utilizar diferentes métodos de forma combinada, empregando-se mais de uma fonte de coleta de dados, associando o qualitativo ao quantitativo.

Neste trabalho, a abordagem qualitativa é o olhar que direcionará o processo metodológico. Robert Bogdan e Sari Biklen (1994, p. 47-50) indicam as seguintes características: tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; é descritiva; os pesquisadores estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; e o significado das ações é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. Essas particularidades, apontadas da pesquisa qualitativa, são possíveis de serem percebidas num estudo que contemple o ambiente escolar.

O que concede o pesquisador como o principal instrumento de pesquisa é a sua adaptação e envolvimento com o local de estudo. O pesquisador qualitativo se preocupa com o contexto, pois entende que as ações podem ter melhor compreensão quando são observadas em seu ambiente habitual de ocorrência. A sensibilidade do investigador é fundamental para ouvir, ver, sentir e compreender o outro na sua essência de sujeito que faz parte de um contexto. Para Barbier (1985), o contexto do pesquisador, sua formação, seus grupos de referência e os gostos intelectuais do momento desempenham um papel decisivo na elaboração e desenvolvimento de uma pesquisa.

Na prática da pesquisa qualitativa é usual explicar a natureza de alguns termos que estamos utilizando. Interação é o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca, em um contexto social; este conceito implica numa distinção entre ação e comportamento. Comportamento inclui tudo que o indivíduo faz. Ação é um comportamento intencional baseado na ideia de como outras pessoas o interpretarão e a ele reagirão. Na interação social, percebemos outras pessoas e situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboramos ideias sobre o que é esperado, os valores, crenças e atitudes que a ela se aplicam.

O olhar múltiplo para entender as ocorrências na educação destaca o pensamento heterogêneo como fundamental para o conhecimento, rompendo assim, com o pensamento linear, unitário e reducionista. Na visão de Jacques Ardoino (1998), a multirreferencialidade é uma pluralidade de olhares dirigidos a uma realidade e uma pluralidade de linguagens para traduzir esta mesma realidade e os olhares dirigidos a ela, uma realidade pensada como espaço temporal que envolve passado, o presente e o futuro. Ardoino desenvolveu a abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos sociais e, em especial para o âmbito educacional.

Conforme Barbosa (2000), um trabalho de pesquisa que abrange a educação, onde há uma relação estabelecida por dois sujeitos, não há como o observador se desvincular do observado. "É nesse jogo necessário, de se ver envolvido (implicado) e ao mesmo tempo distanciado por meio da reflexão, que o pesquisador buscará sentido para seu objeto." (BARBOSA, 2000, p. 14). A ideia de implicação no processo educacional não diz respeito somente aos processos cognitivos individuais, mas também aos processos afetivos e emocionais que afetam as pessoas e, assim, a própria relação. Apesar, da relação educativa ser embasada numa determinada racionalidade ela pode envolver, nos relacionamentos, motivações muitas vezes inconscientes como: desejos, experiências e projeções pessoais, identificações e outros. A relação sujeito e objeto favorece tanto o desvelamento do objeto como o desvelamento do sujeito. Nessa ligação temos um sujeito que traz questionamentos e discussões para a pesquisa a partir do seu conhecimento, vivência e leitura de mundo; e temos também um objeto, que é também um sujeito que tem voz própria e se posiciona conforme o seu contexto histórico-social. "O sentido criado pelo observador proporcionará autonomia e vida para ambos: observado e observador." (BARBOSA, 2000, p. 14).

A pesquisa qualitativa sinaliza como ações fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de pesquisadores e com os atores sociais envolvidos. Os instrumentos da investigação qualitativa apresentam, em geral, a facilidade de serem readaptados durante o processo de trabalho de campo. Contudo, saliento que é essencial ir para a atividade de campo prevendo as formas de realizá-lo, sempre com foco nos objetivos da pesquisa.

A escuta do pesquisador, além de ser um instrumento de investigação, é um exercício para a sua reflexão e análise. O pesquisador ao escutar abre espaço para compreender a dinâmica estabelecida nas relações que ocorrem entre os sujeitos da investigação.

Ao optar pela metodologia da pesquisa-ação o pesquisador descobre que “não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros.” (BARBIER, 2002, p. 14). O trabalho de implicação do pesquisador em ação o conduz, por meio da abertura concreta sobre a vida social, política, afetiva, imaginária e espiritual, a reconhecer que ele é mais que um especialista “e talvez, tão simplesmente, um ser humano.” (Krishnamurti, in BARBIER, 2002, p. 15).

4.2 Pesquisa-ação

A metodologia desta investigação é a pesquisa-ação. De acordo com Barbier (2002), na pesquisa-ação é criada uma situação de dinâmica social radicalmente diferente da pesquisa tradicional. O processo desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores. A pesquisa-ação utiliza os instrumentos tradicionais da pesquisa em ciências sociais, mas adota ou inventa novos. A técnica da entrevista é um dos principais instrumentos usados nas pesquisas em ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos. Conforme Menga Lüdke e Marli André (1986, p. 34), a grande vantagem da entrevista “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.”

Barbier (1998), dentre os muitos conceitos de pesquisa-ação, focaliza a escuta sensível do pesquisador. Para o autor, a escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir, próprio do pesquisador ou educador que adota a

pesquisa-ação. A escuta sensível se apoia na empatia, e assim, o pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos. Segundo Barbier (1998), a escuta sensível afirma a coerência do pesquisador. E assim, somente a escuta do pesquisador poderá penetrar e captar os significados do não-dito. O silêncio também é uma forma de expressão do sujeito; é a manifestação de ações subjetivas do indivíduo.

O pesquisador na pesquisa-ação desempenha seu papel profissional numa dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte (BARBIER, 2002). Esse diálogo, onde o antagonismo se faz presente, é necessário para a compreensão, interpretação e reflexão do pesquisador, pois ao mesmo tempo em que ele se implica ele se distancia do objeto. Além disso, o pesquisador atua como um sujeito autônomo e autor de sua prática e de seu discurso.

O conceito de Barbier (1998) se encaixa no caráter empírico da presente tese e em sua proposta de descrever situações concretas e de uma ação direcionada com base no objetivo e nas questões desta pesquisa. Especificamente, além de utilizar a escuta sensível do pesquisador como um instrumento de pesquisa, focalizo a escuta sensível na dimensão da formação e da prática do professor, ou seja, a conexão entre a formação do professor e a sua prática.

A configuração de uma pesquisa-ação depende dos seus objetivos e do contexto no qual é aplicada.

Um dos aspectos da pesquisa-ação é que o pesquisador é um participante engajado. Ele aprende durante a pesquisa. Ele milita em vez de procurar uma atitude de indiferença (BARBIER, 2002). A sensibilidade do investigador em pesquisa-ação é fundamental para ouvir, ver, sentir e compreender o outro na sua essência de sujeito que faz parte de um contexto.

Na pesquisa-ação os pesquisadores buscam que as pessoas implicadas no contexto social-cultural da pesquisa tenham algo a “dizer” e a “fazer”. E neste trabalho, por meio da minha escuta sensível e implicação, participei e presenciei durante o encontro com os professores, o “dizer” e o “fazer” dos sujeitos da pesquisa. Esse procedimento de pesquisa vai além dos levantamentos de dados ou de relatórios a serem arquivados, permitindo assim que os pesquisadores tenham

uma atuação ativa na própria realidade dos fatos observados.

A pesquisa-ação permite a flexibilidade e a ousadia na condução prática ou experimental, na capacidade de observação, na interação pesquisador e os participantes da investigação, no processo de coleta de dados e seus instrumentos e na análise dos dados obtidos.

4.2.1 Olhares sobre a pesquisa-ação

A pesquisa-ação e a pesquisa participante, muitas vezes, até mesmo entre pesquisadores, são tratadas como sinônimos, pois apresentam uma característica análoga que é a participação do pesquisador na investigação. Sigo o pensamento de Thiollent (2011, p. 21) de que a pesquisa-ação é diferente da pesquisa participante porque “toda pesquisa-ação é de tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo o que é chamado pesquisa participante, não é pesquisa-ação.” A pesquisa-ação possui um caráter participativo pelo fato de promover interação entre pesquisador e sujeitos do contexto da investigação.

A pesquisa participante tem como característica o modo de observação em que o pesquisador emprega para compreender o comportamento dos sujeitos observados ou do grupo. Desse modo, apenas o pesquisador participa do processo de investigação, e sendo assim, não envolve obrigatoriamente os sujeitos da pesquisa. Dependendo do envolvimento do investigador com a pesquisa, esse pode tornar-se: a) participante completo: o pesquisador, de nenhum modo, identifica-se como estudioso do ambiente observado, portanto o interesse científico é totalmente desconhecido do grupo analisado; b) participante como observador: oposto do participante completo, o pesquisador tem a permissão por parte do grupo a ser observado. Nesse caso, os sujeitos da pesquisa sabem do estudo científico e por esse fato pode haver alguns acordos e obrigações discutidas antes do início da pesquisa; c) observador como participante: o investigador não interage muito com os sujeitos pesquisados, pois não há a intenção de estabelecer um contato mais ativo com os sujeitos, nem tampouco desenvolver um relacionamento. Nesse processo o que poderá ocorrer é a aplicação oral de um questionário; d) observador total ou completo: a função do pesquisador é somente observar, não havendo nenhuma interação com os sujeitos. Ele poderá desenvolver suas atividades sem ser visto ou

fazer suas observações na presença dos sujeitos, sem manter nenhum tipo de relação interpessoal.

Neste trabalho, o caráter participativo da investigação aconteceu por meio de interação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa, porém, acompanhada de implicação entre os envolvidos.

Thiollent (2011) apresenta a ideia de que a pesquisa-ação é empregada quando os investigadores não querem limitar suas pesquisas aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das investigações convencionais. Esse procedimento de pesquisa vai além dos levantamentos de dados ou de relatórios, permitindo assim que os pesquisadores tenham uma atuação ativa na própria realidade dos fatos observados. Para o autor, a pesquisa-ação pode ser compreendida como um caminho ou conjunto de procedimentos para relacionar conhecimento e ação, ou obter da ação novos conhecimentos. Os conceitos e resultados de pesquisa são construções. No caso da pesquisa-ação, trata-se de construções complexas, relacionadas com as visões dos autores e as conceituações dos pesquisadores, o todo mutável no decorrer da ação.

Entre os praticantes da pesquisa-ação é comum, durante a investigação, pouco conhecimento e muita participação ou objetivos práticos de natureza bastante imediata: propor soluções quando possível e acompanhar ações correspondentes, denotando pouca valorização para com teorias, métodos e outros elementos reconhecidos pelo espírito científico. Para Thiollent (2011, p. 26), “na pesquisa-ação se devem manter algumas condições de pesquisa e algumas exigências de conhecimento associadas ao ideal científico”, pois no momento em que não há indagação sobre o papel do pesquisador interferente, há possibilidade de manipulação. Conforme o autor, não podemos esquecer que a pesquisa-ação, como qualquer estratégia de pesquisa, possui além dos objetivos práticos também objetivos de conhecimento que fazem parte da expectativa científica que é própria às ciências sociais, que requer métodos e fundamentação teórica para alicerçar a investigação.

Barbier (2002) identifica como uma das características da pesquisa-ação a interação entre investigadores e sujeitos implicados no contexto de pesquisa. “A pesquisa-ação obriga o pesquisador de *implicar-se*. Ele percebe como está *implicado* pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros.” (BARBIER, 2002, p. 14, grifo do autor). Conforme Ardoino

(1998), na medida em que os homens propõem e realizam projetos, juntos eles interagem tecendo a quotidianidade do agir. Ação essa que reconhece a alteridade e a implicação de cada um de seus parceiros, bem como os efeitos específicos de suas interações.

Além da implicação entre pesquisador e sujeito da investigação, no contexto de pesquisa, a escuta do pesquisador também é um aspecto presente e que se sobressai no processo e análise na pesquisa-ação. Na ótica de Thiollent (2011, p. 24), "seja como for, a atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude de "escuta" e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias." E como já mencionado, para Barbier (1998), a escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir, próprio do pesquisador ou educador que adota a pesquisa-ação, além de elucidação dos vários aspectos da situação.

Ardoino (1998) aponta que a compreensão da realidade se efetiva recorrendo a sistemas de referências ou de vários conceitos que procedem de diversas disciplinas (psicanálise, sociologia, filosofia, psicologia, psicologia social, etnometodologia, etc), leituras essas que podem ser traduzidas pela escuta do pesquisador. O autor reconhece a necessidade de um olhar múltiplo para compreensão dos fenômenos educativos. Com a ideia de estabelecer uma nova leitura da realidade introduziu um conceito que é a noção de multirreferencialidade. Assim, o conhecimento procedente da análise multirreferencial é tecido (bricolado) e se estabelece a partir de um diálogo que extrapola os limites disciplinares em que foram elaborados originalmente; é um diálogo que acontece com os vários campos do saber.

Barbier (2002, p. 85) afirma que a pesquisa-ação "não é uma nova disciplina em Ciências Sociais, mas uma maneira filosófica de existir e de fazer pesquisa interdisciplinar para um pesquisador implicado." Conforme o autor (2002, p. 18), esse modo de fazer pesquisa obriga o pesquisador "a percorrer diversos campos de conhecimento e a falar uma linguagem científica dotada de um certo poliglotismo". Considera que a abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998) dos acontecimentos, das situações e das práticas individuais e sociais constitui a maior referência a essa forma de agir do pesquisador. O autor leva em conta que a competência múltipla do pesquisador ultrapassa a classificação monodisciplinar, pois no decorrer de sua prática, ele é às vezes sociólogo, ou historiador, ou economista,

ou inventor, ou militante, ou qualquer outra especialidade.

A abordagem multirreferencial focaliza o homem-sujeito e tudo aquilo que o abrange, tornando-o um ser movido por afecções/afetos, ou seja, a capacidade de afetar e de ser afetado. Ambas as palavras, afecção e afeto, têm sua origem no latim, *affectus*, que significa: fazer algo a alguém, usar, manejar, influir sobre; além de vários outros sentidos. Enfatizo que o âmbito escolar é um espaço vivo, tem movimento, e assim, as relações existentes entre seus atores é permeada de afetos; cada ator é ativo em todas as suas potencialidades.

Observo, por meio de diversas leituras de livros, trabalhos acadêmicos e artigos, que vários educadores e/ou pesquisadores, inclusive eu, mencionam em suas práticas e pesquisas a interdisciplinaridade e a postura interdisciplinar. Mas o que é ser interdisciplinar? “É tentar formar alguém a partir de tudo que você já estudou em sua vida”, define Ivani Fazenda (2001). Segundo Fazenda (2003), o projeto interdisciplinar parte da dúvida, da pergunta, das indagações, do diálogo, da troca, da reciprocidade. A autora afirma que a interdisciplinaridade é compromisso com a totalidade, e o que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa; é a transformação da insegurança num exercício de pensar e construir.

A pesquisa-ação expressa uma concepção focalizada em uma abertura interdisciplinar, e assim vem de encontro com aqueles que almejam essa visão múltipla de olhar a realidade. A postura interdisciplinar depende do exercício das diferenças, do nosso olhar, do nosso escutar, da valorização do outro, e caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando um enriquecimento mútuo.

Barbier (2002, p. 32), em seus questionamentos e reflexões, salienta que “a pesquisa-ação supõe uma conversão epistemológica, isto é, uma mudança de atitude da postura acadêmica do pesquisador em Ciências Humanas.” Mudança essa que requer uma transformação da atitude filosófica do pesquisador envolvido com respeito à sua própria relação com o mundo. “Trata-se de lançar um outro olhar sobre a cientificidade das ciências do homem e da sociedade.” (BARBIER, 2002, p. 32).

É importante que o pesquisador que opta pela pesquisa-ação tenha conhecimento da metodologia utilizada, foco na sua proposta de investigação, determinação e ousadia na condução da pesquisa e consciência dos riscos institucionais e pessoais.

Barbier (2002, p. 33) destaca que “a pesquisa-ação não convém nem aos

“mornos”, nem aos aloprados, nem aos espíritos formalistas, nem aos estudantes preguiçosos”. O pesquisador ao fazer a sua escolha pela pesquisa-ação precisa estar consciente que essa metodologia oferece riscos institucionais e pessoais. Riscos institucionais para o investigador que se preocupa com a sua carreira acadêmica. Conforme Barbier (2002, p. 33), “a pesquisa-ação está longe de ser o melhor caminho para ser rapidamente bem-sucedido no mundo acadêmico”, pois, esse modo de conduzir a pesquisa não proporciona o reconhecimento e a legitimação do status de intelectual. Quanto aos riscos pessoais em razão da pesquisa-ação, na sua intersubjetividade, pode conduzir “inevitavelmente o pesquisador para regiões de si mesmo que ele, sem dúvida, não tinha vontade de explorar.” (BARBIER, 2002, p. 33).

Uma das posturas do pesquisador em pesquisa-ação é que ele se vê como semelhante ao sujeito da pesquisa (Barbier, 2002), além de apresentar uma conduta de ouvir o outro e atuar como um pesquisador-interventor em relação a um pedido de seu investigado. Barbier (2002, p. 48) afirma que o pesquisador-interventor “tem seu papel a desempenhar numa interação permanente e tem, no final, a última palavra, quanto à finalidade da ação empreendida.”

Saliento que há diversidade dos tipos de pesquisa-ação, porém, neste trabalho, não específico as diferentes pesquisas-ação usualmente classificadas e praticadas. Uma ideia fortemente associada a essa investigação é a prática de um plano experimental envolvendo atores em seu próprio campo e a elaboração de um paradigma de ação ou a resolução de um problema (BARBIER, 2002).

A relação pesquisadora e os sujeitos da pesquisa foi estabelecida por uma implicação, num processo de análise, que permite entender a diversidade de expressões dos participantes.

Neste estudo, eu me coloco como implicada no processo vivenciado e investigado, pois atuo como pesquisadora, instrumento de pesquisa e autora. O investigador em pesquisa-ação exerce diferentes papéis em determinados momentos de sua ação e de sua reflexão, “ele é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso.” (BARBIER, 2002, p. 19).

A pesquisa-ação representa pesquisas utilizadas e concebidas como meio de favorecer mudanças, mas também se faz acompanhar da experiência de vida, de reflexões e análises. Ocorre nessa dinâmica uma relação com o saber muito mais ligada à metodologia do que ao resultado. O investigador em pesquisa-ação busca,

mesmo que inconsciente, mudanças visíveis, porém é impossível prever as mudanças pessoais e coletivas que envolvem o conhecimento, transformação e o saber-ser dos atores implicados com a pesquisa. Mudanças ocorrerão.

Considerando a pesquisa como fonte importante de conhecimento e na compreensão da sociedade contemporânea, destaco a afirmação de Goergen (1986, p. 10): “A pesquisa, que é busca de conhecimentos e explicações sobre aspectos obscuros da realidade, tem seu objetivo maior exatamente na divulgação final dos seus resultados, para que estes possam servir a outros, para que possam ser usados.”

4.3 O contexto da pesquisa

Apesar de ter estudado há mais de trinta anos em uma faculdade de tecnologia, a FATEC – Sorocaba, e ter presenciado a postura dos professores como aluna, hoje retorno ao mesmo local como pesquisadora para observar e escutar os professores ao fazer referência à sua prática e acolhimento ao aluno.

A fim de retratar o local e algumas das características do contexto da minha pesquisa empírica, faço a seguir, uma breve apresentação sobre a FATEC – Sorocaba.

A Faculdade de Tecnologia de Sorocaba foi criada em vinte de maio de mil novecentos e setenta pelo governador do Estado de São Paulo, Dr. Roberto Costa de Abreu Sodré. Foi a primeira escola pública de nível superior em Sorocaba.

Em 1973 fixou-se no seu atual campus, nos altos da Boa Vista, num espaço de 174.000 m², incluindo 20 mil m² de Mata Atlântica, um dos últimos remanescentes deste tipo de vegetação em toda a cidade. Atualmente tem área construída de 9.456 m² incluindo salas de aula, laboratórios, oficinas, biblioteca, administração, cantina, vestiários, manutenção e portaria. São 12 prédios, 42 laboratórios e oficinas com equipamentos de última geração.

Considerada, segundo avaliação do MEC (IGC 2009), a melhor Faculdade de Tecnologia do Brasil, a Instituição possui oito cursos de graduação presencial em tecnologia: Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Eletrônica Automotiva, Fabricação Mecânica, Logística, Polímeros, Processos Metalúrgicos, Projetos Mecânicos e Sistemas Biomédicos. E um curso na modalidade de EAD (Ensino a Distância): Gestão Empresarial, que teve início em 2015.

Além dos cursos internos que são oferecidos aos alunos, a FATEC – Sorocaba os incentiva no seu contínuo desenvolvimento, seja participando de programas de intercâmbio e de pesquisa científica, ou ainda, promovendo eventos para a comunidade acadêmica e em geral, como a semana de tecnologia, simpósios e jornadas tecnológicas.

A FATEC – Sorocaba oferece ensino gratuito, cursos de curta duração em três anos, de qualidade e aliado às necessidades do mercado. Em seu quadro docente mais de 60% são mestres e doutores (figura 1), mesclando com profissionais que trabalham na indústria, e assim, trazendo essa experiência industrial para dentro do mundo acadêmico, para as salas de aula. Atualmente há cerca de 3000 alunos matriculados.

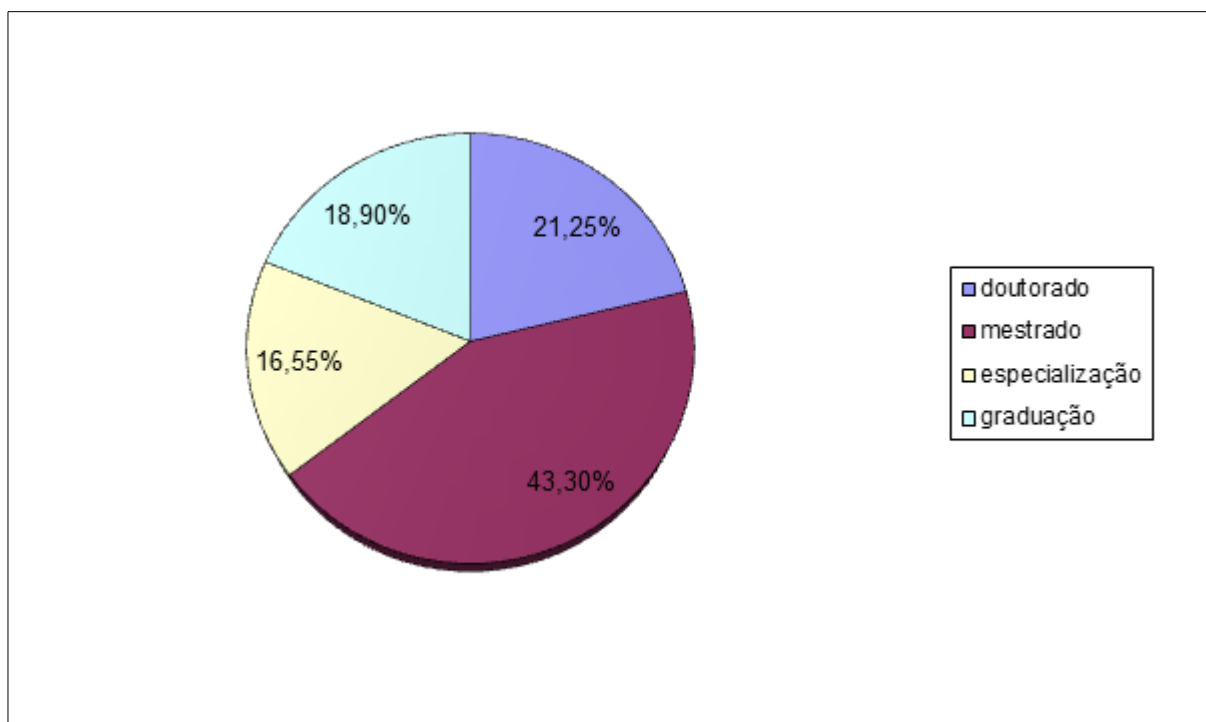


Gráfico 1 – Corpo Docente Especializado, com Titulações e Experiências no Ensino Superior e Pesquisa Tecnológica e Servidores, da FATEC – Sorocaba. Fonte: Informação fornecida pelo Prof. Me. Samuel Mendes Franco (2016).

A faculdade tem uma estrutura tecnológica de maquinários, tecnologia e de professores que oferece ao estudante a possibilidade e a oportunidade de trabalhar em todos os ramos de fabricação da região de Sorocaba, interior do Estado de São Paulo. Foi uma das primeiras instituições de ensino a instalar um núcleo no Parque Tecnológico de Sorocaba.

A pesquisa na FATEC – Sorocaba é muito importante, e uma das tecnologias inovadoras que está tendo, além da fabricação tradicional, é a impressão 3D em vários tipos de materiais, inclusive metais. A faculdade está sendo a pioneira na região de Sorocaba, trazendo máquinas e procedimentos que atendem não só a manufatura tradicional como engrenagens e componentes eletromecânicos, como dentro da área médica que tem um setor inovador onde se faz biomodelos (objetos tridimensionais que reproduzem o órgão a ser tratado) e acompanha cirurgias com planejamentos virtuais. É uma nova área de fabricação que abre caminho para a ciência médica.

Os núcleos de pesquisa à disposição dos alunos e interessados em geral, até o presente momento, são: (1) NAAP – Núcleo Avançado na Área de Projetos; (2) NATS – Núcleo de Avaliação de Tecnologia em Saúde; (3) NC2M – Núcleo de Corte e Conformação de Metais; (4) NEADMOV – Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnológicas em Análise e Desenvolvimento de Sistemas para Dispositivos Móveis; (5) NEL – Núcleo de Estudos Logísticos; (6) NEPA – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais; (7) NEPTAR – Núcleo de Estudos e Pesquisa Tecnológica em Automação e Robótica; (8) NTA – Núcleo de Tecnologia Automotiva; (9) NUPLAS – Núcleo de Pesquisas Tecnológicas e Econômicas do Setor de Plásticos; (10) NUPETU – Núcleo de Pesquisa Tecnológica em Usinagem.

Tudo isso tem proporcionado aos alunos uma formação profissional com qualidade e elevada taxa de empregabilidade, cerca de 95%. Há alunos que se efetivam no mercado de trabalho mesmo antes do término do curso.

4.4 Participantes da pesquisa

Neste estudo, optei em pesquisar os professores dos cursos da área de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos. A escolha desses cursos se justifica por três fatores predominantes: são os dois primeiros cursos implantados na faculdade; apresentam o maior quadro de professores; os laboratórios são estruturados e representam o maior número em relação aos demais cursos. Além desses três fatores relevantes, acrescento que o fato de eu ter cursado Projetos Mecânicos na FATEC – Sorocaba teve influência no critério de escolha dos cursos, pois não posso deixar de mencionar o meu lado afetivo com o curso e os professores.

Os cursos de Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos têm carga curricular de 2880 h, com duração de três anos, e são oferecidos em dois períodos: manhã e noite.

O tecnólogo em Fabricação Mecânica atua no segmento de fabricação, envolvendo usinagem, conformação, soldagem, montagem e outros processos mecânicos. Planeja, controla e gerencia os diversos processos, atuando no desenvolvimento e melhoria de produtos, dos processos de fabricação e na gestão de projetos, aliando competências das áreas de gestão, qualidade e controle ambiental. Exerce suas atividades em empresas do ramo metal-mecânico, incluindo indústrias manufatureiras e ferramentarias, podendo ainda atuar em institutos e centros de pesquisa, órgãos governamentais, escritórios de consultoria, dentre outros.

O tecnólogo em Projetos Mecânicos está habilitado a realizar projetos, com detalhamento técnico de sistemas mecânicos que envolvam máquinas, motores, instalações mecânicas e termo-mecânicas. Tem conhecimento de todos os materiais usuais em construção mecânica e suas aplicações práticas. Está capacitado a atuar na área de organização industrial mecânica, tanto para processos como para produtos industriais. Domina a técnica do projeto de dispositivos e ferramentas de produção mecânica. Pode dedicar-se ao ensino, à pesquisa tecnológica, bem como realizar vistoria, avaliação e laudo técnico, em seu campo profissional.

Ao observar o tempo de docência dos professores dos cursos de Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos na FATEC – Sorocaba, nota-se, entre os quarenta e sete professores na ativa, que vinte e cinco desses docentes apresentam 16 anos ou mais, de efetivo exercício na instituição (figura 2). Acredito que o tempo de casa dos docentes desses cursos é expressivo e significativo ao fazer referência à qualidade de ensino da FATEC – Sorocaba. Entre os critérios de qualidade que devem ser alcançados pelos cursos, para que tenham o reconhecimento do MEC, temos três fatores: organização didático-pedagógica do curso, corpo docente e instalações físicas. Em relação ao corpo docente são considerados, entre outros aspectos, a titulação, a qualificação e a experiência profissional docente e não docente. Destaco que os instrumentos que definem os critérios de qualidade para que os cursos tenham o reconhecimento do MEC, não são sempre os mesmos; como por exemplo: a pedagogia, a medicina, o direito e os cursos superiores de tecnologia possuem instrumentos específicos de avaliação.

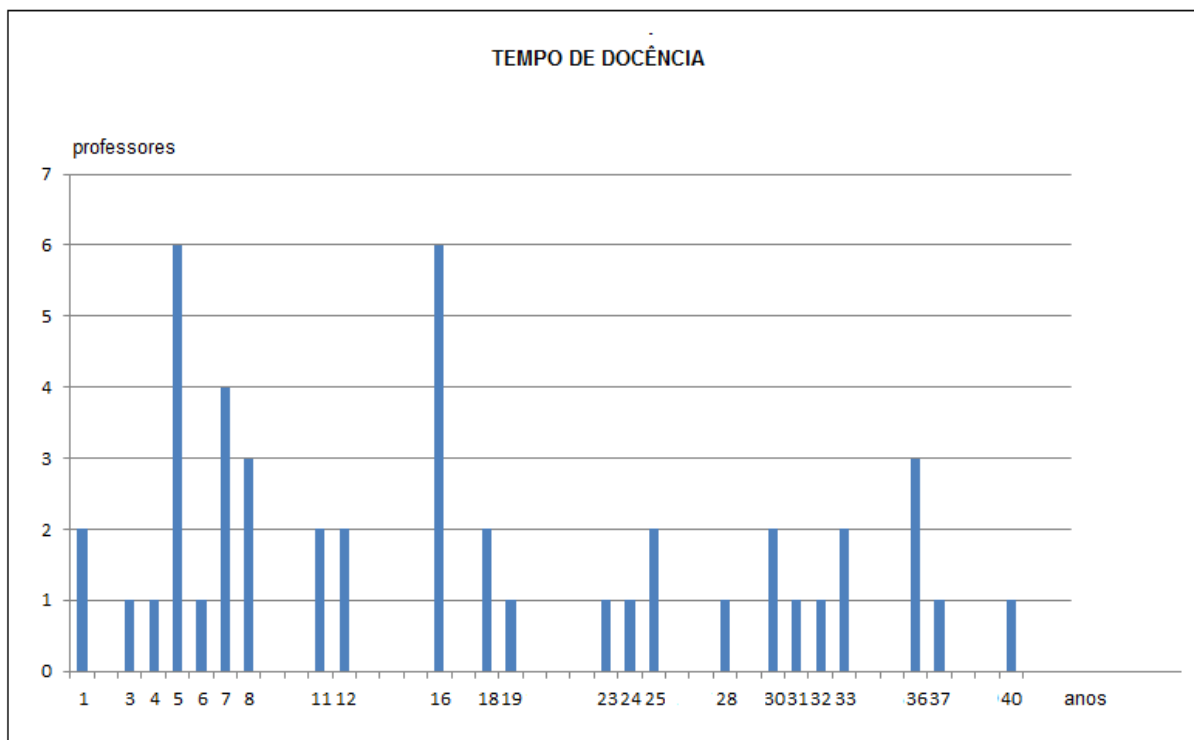


Gráfico 2 – Tempo de docência dos professores do curso de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos, na FATEC – Sorocaba. Fonte: Informação fornecida pelo Prof. Me. Samuel Mendes Franco com a autorização do diretor da FATEC – Sorocaba (2016).

Ao analisar o Currículo Lattes dos professores dos cursos de: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos, através do site da FATEC – Sorocaba (<http://www.fatecsorocaba.edu.br>) e da Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/>), trago alguns dados ao fazer menção ao perfil desses docentes. Retrato a titulação dos docentes (figura 3), os cursos que os professores lecionam (figura 4), e a formação desses professores em relação aos três tipos de curso de nível superior no Brasil: bacharelado, licenciatura ou tecnologia (figura 5).

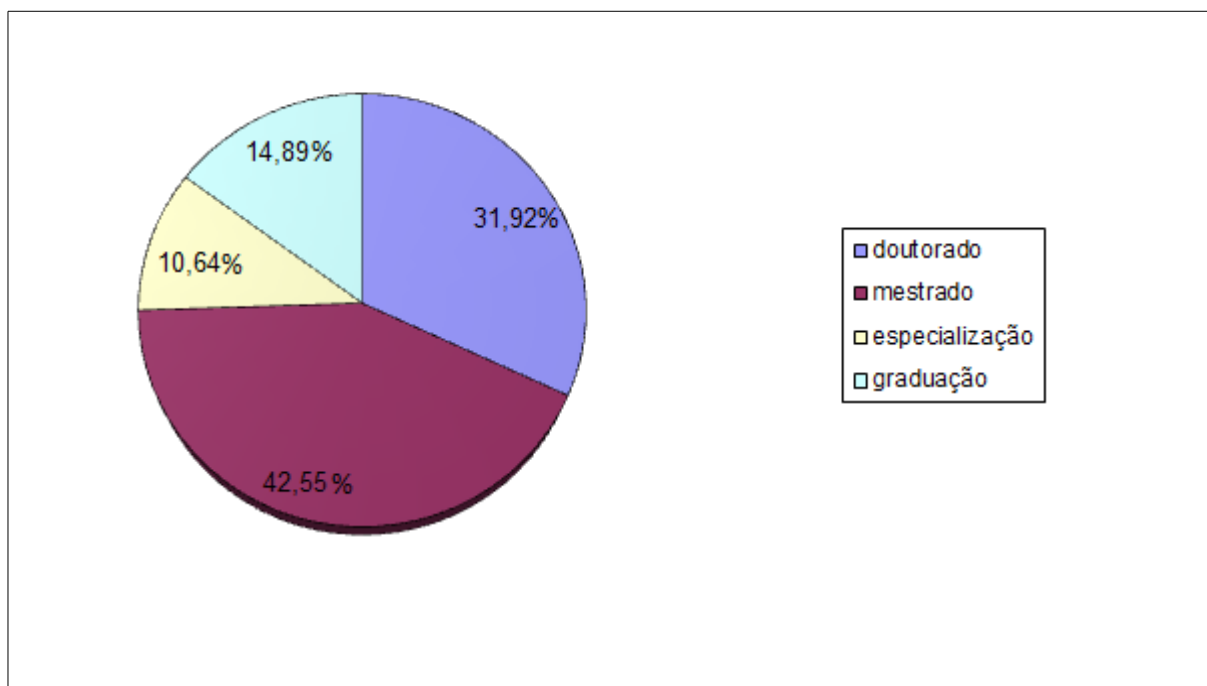


Gráfico 3 – Titulação dos docentes dos cursos de Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos da FATEC – Sorocaba, em 2016. Fonte: Dados obtidos através do site da FATEC – Sorocaba (<http://www.fatecsorocaba.edu.br>) e da Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/>).

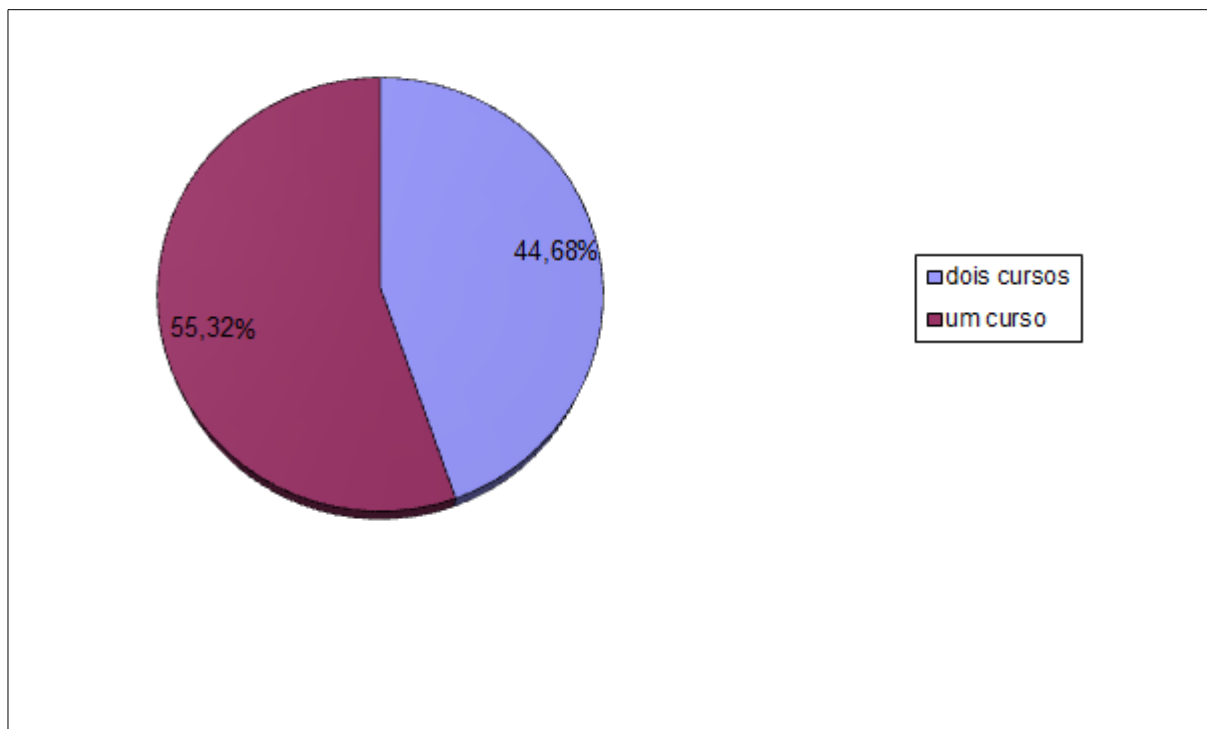


Gráfico 4 – Os cursos que os professores de mecânica lecionam na FATEC – Sorocaba: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos, em 2016. Fonte: Dados obtidos através do site da FATEC – Sorocaba (<http://www.fatecsorocaba.edu.br>).

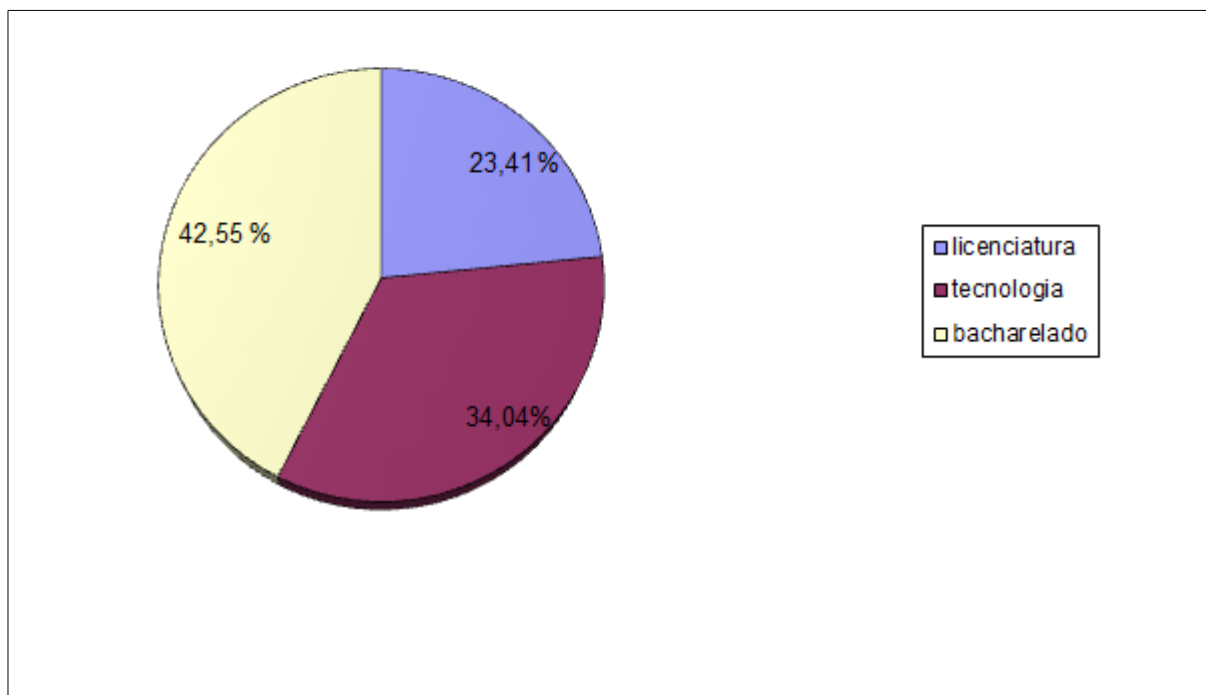


Gráfico 5 – Formação dos professores dos cursos de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos da FATEC – Sorocaba, em 2016. Fonte: Dados obtidos através do site da FATEC – Sorocaba (<http://www.fatecsorocaba.edu.br>) e da Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/>).

4.5 Diretrizes para o desenvolvimento da pesquisa

Acredito ser relevante em qualquer trabalho de investigação traçar e direcionar os caminhos percorridos e os objetivos desse para a sua realização, facilitando o planejamento, a execução e o desenvolvimento da pesquisa. Sabemos que imprevistos acontecem, porém, cabe ao pesquisador a partir da sua experiência, vivência, habilidade e coerência se posicionar e tomar as decisões cabíveis.

Neste estudo, eu, a pesquisadora, atuo como observador-protagonista. A minha ação está sustentada no pressuposto da escuta e na perspectiva holística. É um processo de investigação que se estabelece entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa em uma relação de implicação pautada pela interação, respeito, colaboração e acolhimento. Mas, é um processo tão intenso, que mesmo tendo todo o embasamento e parâmetro científico é difícil avaliar o impacto que ocorre, não descartando projeções e expectativas.

A dinâmica desta pesquisa é fundamentada na abordagem da escuta sensível, e o evoluir desta investigação é processo em aberto, se cria e se constroem relatos compostos de descrição, interpretação e registro dos

acontecimentos. Como já mencionei, Freud (1912, p. 126) nos alerta que "(...) o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente", e por isso, até as contradições entre as palavras e ações são repletas de significados na estruturação e análise dos dados. Porém, um fato ou acontecimento não anula o outro, e sim, se completam em sua construção.

Neste caminho percorrido a pesquisadora é impulsionada pela dúvida e questionamentos e não pela certeza. "Não há certeza absoluta, só a de (re)começar sempre, buscando na realidade as pistas sobre o melhor jeito de caminhar." (SERRÃO; BALEEIRO, 1999, p. 41).

O procedimento de investigação teve as seguintes etapas (BARBIER, 2002, p. 118): a identificação do problema e a contratualização; o planejamento e a realização em espiral; as técnicas de pesquisa-ação; teorização, a avaliação e a publicação dos resultados. O estudo teórico ocorreu concomitante ao estudo empírico.

O método de espirais cíclicas constitui em: planejamento → ação → reflexão → pesquisa → ressignificação → replanejamento → ações cada vez mais ajustadas às necessidades coletivas → reflexões → aprofundamento da pesquisa → ressignificação → replanejamento → novas ações →.... Esta ação é contínua e ocorre em todos os momentos da pesquisa, para que possa produzir conhecimentos e transformações das ações iniciais (FRANCO, 2005, p. 22). Esse processo é dinâmico, tem movimento, pois possibilita o retorno às vivências, a reinterpretação do compreendido, revisões do que já foi desenvolvido/realizado e correções com possibilidades de novas perspectivas para as ações praticadas. Portanto, é um proceder que se destaca por ser pedagógico, coletivo e compartilhado.

Como técnica de investigação, utilizo a observação participante, escuta sensível, grupos de encontro, registros coletivos da prática e diário de itinerância da pesquisadora. A escuta participativa da pesquisadora, acompanhada de implicação entre os envolvidos, facilitou no processo de captar as expressões/manifestações do interlocutor, inclusive aquilo que não foi dito.

À pessoa que se dispõe a escutar não basta que tenha ouvidos, é necessário que ela realmente silencie sua alma (BARBIER, 2002). O ouvinte não deve julgar, medir, comparar. A postura que se requer para uma escuta sensível é uma abertura holística; trata-se realmente de entrar numa relação de totalidade com o outro tomado em sua existência dinâmica. "Uma pessoa só existe pela existência de um

corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em permanente interação.” (BARBIER, 2002, p. 98).

Por se tratar de um processo dinâmico e criativo, o trabalho de análise foi iniciado durante a coleta de dados, envolvendo a percepção e a interpretação subjetiva da pesquisadora, sendo que, para Jana Bradley (1993), nesse tipo de estudo, o pesquisador é um intérprete da realidade.

Baseada na proposta de análise de Maria Cecília Minayo (2004), a interpretação dos dados obtidos neste estudo teve os seguintes passos: ordenação dos dados; classificação dos dados e análise final. Na análise final foi estabelecida a articulação entre os dados coletados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões de pesquisa com base em seus objetivos.

Finalizo com a apresentação dos dados e discussão dos resultados obtidos.

Para Marcelo Borba (2004), a pesquisa qualitativa se apresenta como uma forma em movimento de conhecer o mundo.

4.6 Instrumentos de coleta de dados

A metodologia desta investigação é a pesquisa-ação, e para a coleta de dados foram utilizados os seguintes procedimentos: observação participante, diário de campo (diário de itinerância do pesquisador em pesquisa-ação) e a análise de materiais diversos como: atas, plano de gestão, PowerPoint (slides) e outros. Nesta pesquisa, em que a abordagem é qualitativa, ocorre maior preocupação com o processo em si do que com os resultados, e assim, se faz necessário que a escuta sensível do investigador esteja voltada para os significados das ações dos pesquisados.

A observação participante foi essencial para compartilhar experiências e vivências, constatar, verificar e analisar as ações dos sujeitos da pesquisa no contexto da investigação.

Considero nesta pesquisa, as conversas informais como uma situação de permeio da observação participante, pois, por intermédio das conversas informais eu observei as atitudes dos sujeitos da pesquisa, e ao mesmo tempo participei. Portanto, as conversas informais não foram julgadas por mim como um instrumento de coleta de dados distinto. As conversas informais permitiram por parte dos professores, em relação à pesquisadora, uma maior desenvoltura na exposição de

opiniões, sugestões e relatos pessoais.

O pesquisador em pesquisa-ação atua como o principal instrumento de coleta de dados (BARBIER, 2002), ele faz parte da cena, ou seja, está implicado/envolvido com os sujeitos e o contexto da pesquisa. Barbier (2002, p. 129) reconhece que “todos os lugares habituais de encontro são propícios à escuta interessante”, inclusive aqueles que emergem de um acontecimento imprevisto.

A maior parte dos materiais obtidos, como: atas, plano de gestão, PowerPoint (slide) e outros, eu tive acesso por intermédio do coordenador/professor do curso de Projetos Mecânicos. Esses materiais complementaram as minhas observações e pesquisa participante, pois mostraram e comprovam ações já executadas, em andamento ou em projeto. Materiais ou documentos, sejam oficiais ou não, são fontes portadoras de elementos e/ou expressões para compreender a dinâmica e o trajeto das ações desenvolvidas.

A pesquisa-ação tem implicação, movimento e flexibilidade em suas ações, e sendo assim, pode ser comparada como um rio que tem força e vida próprias, em que o pesquisador “segue com ele, aproveitando suas correntes e possibilitando a descoberta das riquezas submersas. Porém, por mais que mergulhe nessas águas, não esgota os seus mistérios.” (SERRÃO, BALEEIRO, 1999, p. 35). Acrescento que a escuta do pesquisador, além de ser um instrumento de investigação, é um exercício para a sua reflexão e análise.

4.6.1 O diário de campo

As anotações de campo foram necessárias e relevantes durante todo o trabalho de investigação; elas são parte integrante da coleta de dados. Essas anotações constituem o diário de itinerância do pesquisador em pesquisa-ação, que a partir da sua observação, participação e implicação com o contexto e sujeitos da pesquisa atua como instrumento do material coletado.

Os registros dos encontros e momentos que tive com o coordenador/professor do curso de Projetos Mecânicos, com os professores, nas participações em eventos e outros, são resultantes das minhas observações, implicações, participações e interpretações. Quando eu não fazia anotações no instante ocorrido, seja por frases ou palavras-chave, recorria à minha memória o fato presenciado ou/e participado.

Considero que a nossa memória, aliada à escuta sensível, interesse, compreensão e atenção do ouvinte, tende a ser fiel aos detalhes, porém acrescento que precisamos estar atentos ao sentido que atribuímos às ações e atitudes do outro ou situações vivenciadas. Os dados registrados são a construção das informações de fundo ao que se pretende examinar. Saliento que essas informações obtidas não são estritamente objetivas, elas são geradas também pela emoção e subjetividade do pesquisador-observador-participante.

Para Barbier (2002), uma das características do diário de itinerância é a sua escrita diária, e que o escritor não hesita em voltar aos fatos já passados e acontecimentos marcantes de outrora. Nesse bloco de apontamentos, o pesquisador tem a liberdade e a ousadia de registrar o que sente, as suas reflexões, as situações vivenciadas por meio de conversas, participação ou observação, teorias que fundamentam os fatos ocorridos, e outros. O autor também compara o diário de itinerância com o diário íntimo quando faz referência ao seu caráter relativamente singular e privado. "A itinerância representa um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo." (BARBIER, 2002, p. 134).

O contexto e os sujeitos da pesquisa retratam o que motivou esta investigação e onde ela se desenvolveu, assim como sua influência no processo de implicação, coerência e condução da pesquisa. Neste trabalho, o contexto, os sujeitos da pesquisa e coleta de dados são apresentados através de cartas que têm como destinatário um amigo.

As cartas ao amigo, que eu apresento como representação de um diário itinerante, são datadas, e em sua maioria escritas no mesmo dia do ocorrido. A intenção do registro por intermédio de cartas é mostrar fidelidade às ocorrências e não alterar durante o percurso da investigação. Ao escrever as cartas imagina-se que são enviadas em seguida, e assim, o que foi escrito, seja por impulso ou não, não poderá ser reescrito, apenas justificado em outra carta. O relato, após o acontecido, retrata a emoção e a escuta sensível do autor/pesquisador sem ou com pouca interferência externa. Uma palavra ou ação aparentemente insignificante pode estar carregada de sentido, cujo significado só é identificado posteriormente.

Na pesquisa-ação o pesquisador pressupõe que as pessoas implicadas no contexto da pesquisa tenham algo a "dizer e a "fazer" e assim, depende da

qualidade de observação; da sensibilidade ao outro; do conhecimento sobre o contexto estudado; da integridade, coerência e conhecimento científico do investigador.

4.6.2 Cartas ao amigo

Considerando que a pesquisa-ação é um processo dinâmico e criativo, e que permite a flexibilidade e a ousadia na sua maneira de conduzir e construir uma investigação, inicio a apresentação da coleta de dados desta pesquisa no formato de carta. Estas cartas apresentam ou revelam o contexto, os sujeitos da pesquisa e a coleta de dados. Ou seja, as cartas relatam, por meio de discurso indireto do pesquisador, os dados obtidos para análise e considerações. Como já mencionei, nesta pesquisa a escuta do pesquisador através de seus registros no diário de itinerância é um instrumento de investigação.

Nestas cartas, a partir da minha sensibilidade e escuta para ouvir, ver, sentir e compreender o outro em um determinado contexto, descrevo e relato as minhas impressões/escuta com movimento, e não de uma maneira estática. O escutar nos permite compreender que o que é dito está cheio de emoções, crenças, experiências e valores formados pela história de vida de cada um.

Destaco, ao expor os dados obtidos, a coerência do pesquisador que ao escutar abre espaço para compreender a dinâmica estabelecida nas relações que ocorre entre os sujeitos da investigação.

Ao criar e escrever as cartas quero revelar não somente a escuta do pesquisador, mas também destaco a relevância do investigador ao ser escutado. Constato, conforme Barbier (2002), que a pesquisa-ação alicerçada na abordagem da escuta sensível mexe com a emoção do pesquisador, pois enquanto coleta os dados ele se envolve/implica com os sujeitos e o contexto da pesquisa. Porém, acrescento que o pesquisador, além de ser um sujeito que escuta, também deseja ser escutado. O pesquisador que permite ser escutado em sua completude nos revela não apenas processos e resultados, mas, ao mesmo tempo, em que se apropria da fala e da cultura, se constrói como pessoa e reconstrói a realidade em que vive.

Ao defender a tese que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação, incluo também o pesquisador. A

sensibilidade de cada pesquisador, aliada com a sua vivência, experiência, especialidade, ideologia e expectativa constrói a seu modo uma escuta e leitura de mundo. No proceder desta pesquisa há o diálogo entre a teoria e a prática.

Barbier (2002, p. 53) afirma:

Se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social.

Nesta pesquisa-ação considero que o pesquisador e os sujeitos da pesquisa são elos de uma corrente, e sendo assim, no processo de investigação, os caminhos individuais se entrelaçam, permitindo a união desses elos, tornando evidente as conexões entre eles. A implicação é a "solda" que permite a união desses elos. Elos que compartilham vivências e convivência em um processo que possibilita desenvolvimento e transformação individual e social. O desenvolvimento e a transformação estão associados a novos conhecimentos e ações. A transformação social tem que ser a partir da realidade.

Ao se estabelecer a integração entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, torna-se possível explorar a comunicação dentro do grupo, favorecendo as trocas interpessoais, a escuta e a expressão das ideias e emoções. A comunicação pode ser expressa de várias maneiras, entre elas: comunicação verbal e não verbal; comunicação escrita; ouvir e falar.

A ousadia e a intencionalidade de relatar a dinâmica da pesquisa em formato de carta é instigar o leitor/ouvinte a desenvolver a sua sensibilidade e habilidade ao escutar. Uma leitura que visa a escuta sensível exige atenção e implicações com o texto, pois escutar é uma habilidade que busca a valorização das expressões como fator essencial para a compreensão do ser humano. A escuta requer a percepção e a sensibilidade para compreender o que fica oculto no íntimo do sujeito.

Ao escrever as cartas quero propiciar uma relação entre pesquisador e leitor/ouvinte de uma maneira informal. Desejo, apesar do meu atrevimento, que o leitor, enquanto lê as cartas, faça parte deste universo de investigação. A carta atua como expressão de uma dialética que articula a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a ciência e a arte. Almejo que o leitor sinta ou tenha a sensação que esta pesquisa tem vida, movimento, êxtase e exige a sensibilidade do pesquisador como protagonista nesta articulação entre coleta de dados, registros, análises e divulgação final dos resultados. Nesta

pesquisa coloco o pesquisador na posição de quem escuta e de quem deseja ser escutado.

O destinatário das minhas cartas é um amigo. Mas quem é esse amigo? Ao escrever as cartas eu focalizo um amigo, mas esse amigo pode ser você ou qualquer outra pessoa que queira imaginar. A conotação que quero demonstrar com as cartas é ter alguém para compartilhar ideias, momentos e sentimentos. O propósito destas cartas, neste processo de escuta sensível, é envolver o leitor para compreender as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores e de símbolos. A escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais; e neste caso, através das cartas ela propicia uma maior aproximação entre pesquisador e leitor/ouvinte.

As cartas, ao relatar de uma maneira singela os acontecimentos, durante a coleta de dados, apresentam impressões da pesquisadora e servem como pano de fundo para entender outros relatos/descrições que serão apresentados nesta tese.

A intenção de apresentar as cartas datadas é para trazer mais fidelidade ao processo de desenvolvimento da investigação ao mostrar um panorama e sequência dos acontecimentos. Estas cartas simbolizam o diário de itinerância do pesquisador em pesquisa-ação ou o diário de "bordo" do etnólogo.

Barbier (2002, p. 133) considera o diário de itinerância como um instrumento de investigação "no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida." Considero o diário de itinerância como o "porta-voz" da escuta sensível do pesquisador na construção, implicação e sentido da pesquisa.

Sorocaba, 07 de outubro de 2015.

Meu amigo querido,

Tudo bem? Sinto falta das nossas conversas.

Tenho novidades. Acredito que você ficará contente com os acontecimentos. Hoje de manhã eu estive na Fatec com o objetivo de pedir autorização para realizar a minha pesquisa de doutorado. Obtive a permissão após conversar e expor a proposta de investigação ao diretor. Ele foi atencioso e ficou bastante entusiasmado com a minha pesquisa, além de apoiar a proposta.

Em síntese, a minha pesquisa tem como objetivo conhecer e discutir sobre a relação que se estabelece entre professor e aluno ao fazer referência às práticas pedagógicas, ao ensino, à aprendizagem e à vivência do educando, mas na visão e escuta do docente. A minha intenção de pesquisa é escutar os professores e não os alunos.

Os docentes participantes da pesquisa serão dos cursos da área de mecânica: Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos. A escolha desses cursos se justifica por três fatores predominantes: são os dois primeiros cursos implantados na faculdade; apresenta o maior quadro de professores; os laboratórios são estruturados e exprimem o maior número em relação aos demais cursos.

O diretor sugeriu, a princípio, a seguinte questão: "O desinteresse e a não participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do curso de mecânica. Porém, esse alheamento afeta consideravelmente a aprendizagem do aluno".

Como você sabe eu fiz o curso de Projetos Mecânicos na Fatec e, por isso, tenho conhecimento de parte da dinâmica dos professores e das propostas dessa instituição. Alguns professores que estão lá já ministraram aulas para mim ou estudaram comigo. Nossa, quanto tempo faz!

A partir de agora, conforme as orientações do diretor, o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos estará conversando e intermediando as ações comigo. Estudei com esse professor, e sei do seu envolvimento e dedicação em suas atividades desenvolvidas na Fatec.

O diretor ficou de conversar com o professor/coordenador para comunicar a minha autorização para a realização da pesquisa e alguns direcionamentos já

combinados. Pretendo agendar um encontro para a próxima semana.

Eu imagino que você esteja pensando na minha ousadia em fazer uma pesquisa sobre sensibilização e humanização em uma faculdade de tecnologia. Estou encantada com a possibilidade de poder realizar esse trabalho na Fatec.

Assim que eu tiver outras novidades lhe escrevo.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 18 de novembro de 2015.

Olá.

Tenho notícias sobre a minha pesquisa. Hoje, no período da manhã, eu tive o meu primeiro encontro com o professor e coordenador do curso de Projetos Mecânicos. O encontro foi no prédio 7 do campus da Fatec, na sala onde são ministradas aulas de laboratório dos cursos de Mecânica e Polímeros. Lá tivemos o nosso primeiro contato sobre a realização da minha pesquisa de campo. Fui bem recebida.

Iniciei a conversa mencionando a autorização do diretor da Fatec e o propósito da tese. O professor/coordenador me disse que já tinha conhecimento da pesquisa e da autorização do diretor, e que estará, a partir de hoje, me auxiliando na condução da investigação.

Mencionei ao professor/coordenador que a minha pesquisa focaliza a escuta sensível e que essa tem relação com a minha dissertação de mestrado cujo tema é a "biologia do amor". A escuta sensível e a biologia do amor são temas que enfocam o ser humano como um ser total e que a educação, a partir do acolhimento e da escuta do outro, permite uma transformação na convivência favorecendo o desenvolvimento humano na sua totalidade. Ele achou interessante e pertinente focalizar o acolhimento e a escuta sensível em uma faculdade de tecnologia. Fiquei contente ao receber o apoio do professor/coordenador; estou na expectativa de fluidez e eficácia nos procedimentos da pesquisa.

Conversamos bastante sobre a postura de acolhimento e escuta na educação superior, inclusive fizemos comparações da "época" que estudamos na Fatec e dos "tempos" atuais. Há uma grande diferença!

A nossa primeira ação foi determinar os critérios de escolha dos professores que deverão fazer parte da pesquisa. Fizemos uma lista com os prováveis professores, sujeitos da pesquisa. A cada nome descartado ou selecionado o professor/coordenador fazia um comentário. Levamos em conta vários fatores, entre eles: tempo de exercício na faculdade, horário de trabalho, professores que ministram aulas nos dois cursos de mecânica, professores motivados, professores flexíveis em sua prática e ação docente, professores que participam de reuniões

junto à coordenadoria, e assim por diante. Definimos, nesse primeiro momento, quinze nomes de professores.

Como não estávamos com uma listagem completa dos professores, me comprometi com o professor/coordenador entrar no site da faculdade e fazer uma lista com todos os professores dos dois cursos, inclusive assinalar os professores que lecionam nos dois cursos.

Fiquei de enviar por e-mail, para o professor/coordenador, uma cópia do meu projeto de pesquisa, o mesmo que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Sorocaba, para que ele possa socializar com o coordenador do curso de Fabricação Mecânica. Provavelmente será apenas o coordenador do curso de Projetos Mecânicos que mediará a relação entre mim, a pesquisadora, e professores participantes da pesquisa; porém, é fundamental que os dois coordenadores do curso de mecânica tenham conhecimento dos objetivos, metodologia e coleta de dados. Pretendo também, até o final da semana, enviar as listas de professores.

O professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos ficou de realizar uma reunião com o outro coordenador e professores dos cursos de mecânica para implantar, já no início do próximo ano, algumas ações que discutimos com ênfase no acolhimento e motivação dos alunos. Entre essas ações, menciono a programação de recepção aos calouros com atividades de interação entre professores e alunos. Combinamos que o nosso próximo encontro será no mês de fevereiro, após o início das aulas na faculdade.

Saí satisfeita dessa reunião, pois o professor/coordenador se mostrou solícito e bastante motivado com a minha pesquisa.

Enquanto aguardo o próximo encontro continuarei a minha pesquisa teórica.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 17 de fevereiro de 2016.

Meu amigo, boa tarde.

Já faz um bom tempo que eu não lhe escrevo contando sobre a minha pesquisa empírica. Você está lembrado que o meu último encontro com o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos foi em novembro do ano passado? Pois é, naquele dia ficamos de nos encontrar só em fevereiro do próximo ano, e esse dia já chegou. Nossa, o tempo está passando muito rápido! Neste intervalo me dediquei somente à pesquisa teórica.

Hoje, como no encontro anterior, o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos me recebeu muito bem. Ele iniciou a nossa conversa mencionando que tanto no final do ano passado, como neste início de ano, devido a pesquisa que estou realizando na Fatec, se lembrou muito de mim nas reuniões e do curso de que participou.

Esse professor também leciona em uma universidade e contou que lá, neste início de semestre, ocorreu uma dinâmica chamada Conecta Docente. Essa atividade foi aplicada por uma professora de Pedagogia, de Minas Gerais. O objetivo dessa dinâmica foi motivar os professores em suas práticas e ações docentes. Disse que foi impossível participar desse momento sem associar a proposta da dinâmica com a minha tese. Falou também que a ideia do Conecta Docente é muito "legal", porém considerou um projeto estático por não ter proposta de sequência, não haverá feedback das sugestões propostas. Pela nossa conversa cheguei à conclusão de que foi um projeto para motivar o professor que já tem inclinação para a pesquisa e criação, porém, esse momento serviu apenas para mais uma informação. Essa atividade teve duração de quatro horas. Destacou que no início do próximo ano a universidade realizará um outro evento com a mesma proposta do Conecta Docente, e que irá me convidar para participar. Falou: "Você vai gostar, tem tudo a ver com você."

O professor me mostrou um material impresso que lhe foi apresentado nessa atividade: "A Roda da Pedagogia V4.0" que enfatiza a aprendizagem por competências. (ver anexo J). Entusiasmado com essa proposta de aprendizagem, o professor/coordenador fez relações com o conteúdo que ele desenvolve em sua

disciplina na Fatec. Comentamos também, e muito, sobre a importância da escuta sensível do professor, da contribuição de trabalhos com projetos e dos conteúdos contextualizados nas diversas disciplinas dos cursos de mecânica. Em vários momentos ele perguntou a minha opinião sobre as suas propostas de ação como professor e coordenador para instigar e despertar o interesse dos alunos, principalmente no primeiro semestre de cada curso. Senti bastante motivação e entusiasmo por parte do professor/coordenador, tanto pela maneira como conduzia o assunto, como pelo tom da voz e pela sua expressão de contentamento.

Em seguida, o nosso próximo assunto em discussão foi sobre a programação especial de recepção aos calouros do primeiro semestre de 2016. Esse evento, devido a maneira como foi conduzido em sua elaboração e metas projetadas, foi realizado pela primeira vez na Fatec. Na visão do professor/coordenador alcançou os objetivos traçados, e por isso, deve acontecer novamente no próximo semestre deste ano. Entre esses objetivos, temos: a interação professor e aluno, aluno e aluno, e acolhimento aos alunos/calouros por parte dos coordenadores e professores dos cursos de mecânica. A princípio, eu achei que essas atividades tivessem sido desenvolvidas em todos os cursos oferecidos na Fatec-Sorocaba, mas, depois entendi que essa programação especial foi ação apenas dos cursos de mecânica. O professor/coordenador me disse que toda essa organização e ação envolvendo professores e coordenadores dos dois cursos de mecânica ocorreu depois do nosso último encontro.

Pelo que pude observar, a programação girou em torno das seguintes palavras-chave: acolhimento, motivação, valorização e reconhecimento da faculdade e do curso escolhido, e a interação dos alunos em diversos segmentos: aluno e aluno; aluno e professor; aluno e coordenador; aluno e diretor; aluno e laboratório, aluno e disciplina/conteúdo programático, etc.

O professor/coordenador mencionou ser de grande relevância que os alunos da Fatec-Sorocaba conheçam a trajetória dessa faculdade que completa 46 anos em 2016. Você acredita que tem alunos que estudam lá e desconhecem o reconhecimento e a importância da Fatec para Sorocaba e região? Já ouvi casos de pessoas de Sorocaba que passaram em frente à faculdade e pensaram que lá era uma fábrica. Dá para acreditar?

Destaco que houve no final do ano passado reuniões com professores e coordenadores dos cursos de mecânica para organizar e como proceder nessas

duas semanas de programação especial para os calouros. Eu não participei dessas reuniões, porém, o meu canal de contato na realização da pesquisa, até agora, tem sido o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos. Ele ficou de enviar por e-mail as atas das reuniões e o “Plano de gestão da coordenadoria de Projetos Mecânicos para o ano de 2016”, para a minha análise. Estou aguardando. Sinto credibilidade na minha pesquisa, sinalizada pelas discussões das ações em conjunto com o professor/coordenador e autorizada pelo diretor da Fatec. Sei e tenho certeza que as decisões sobre as ações discutidas e propostas serão tomadas ou dada em concordância por meio das coordenadorias dos cursos de mecânica e do diretor. Apesar da abertura e contato que estou tendo, há uma burocracia interna a cumprir. Entendo, pois, de uma maneira ou de outra, estou “invadindo” um espaço que era privado em suas discussões, decisões e ações.

A pesquisa-ação não é estática na obtenção de dados, pois ela exige e solicita implicações entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Considero a pesquisa-ação uma investigação flexível e imprevisível quanto aos procedimentos, coleta de dados, riscos para o pesquisador e resultado final.

Os dois encontros que tive até agora foram extensos, cerca de três horas cada um, os quais foram interrompidos não por falta de assunto a discutir, mas, por compromissos já agendados pelo professor/coordenador.

A programação especial de recepção aos calouros do curso de mecânica (ver anexo A) foi a seguinte: dia 03 de fevereiro de 2016 ocorreu a recepção aos calouros com apresentação do coordenador de curso e tour pela FATEC – Sorocaba, incluindo os laboratórios, com o acompanhamento de professores ou auxiliares de docentes dos cursos de mecânica.

Dias 04, 05 e 06 de fevereiro de 2016 foram oferecidos minicursos realizados nos laboratórios dos cursos de mecânica (ver anexo B). Os minicursos oferecidos: Torno CNC (Comando Numérico Computadorizado), Fresadora CNC, Pneumática, Metrologia, Soldagem, Centro de Usinagem e Robótica.

Os minicursos foram realizados nos laboratórios com a finalidade de mostrar o potencial e os equipamentos de cada um deles, e cada minicurso comportou grupos de 10 a 15 alunos/calouros. Esses minicursos foram oferecidos para os calouros dos cursos de mecânica do diurno e do noturno. Destaco que cada aluno só pôde se inscrever em um minicurso. A proposta era proporcionar ao aluno/calouro várias sensações: a troca de experiência entre os colegas de curso, a motivação ao

querer conhecer a dinâmica e as atividades de cada laboratório, a interação entre os alunos entre si e professores, e a tomada de decisão ao escolher o minicurso.

Dias 11 até 20 de fevereiro de 2016 aconteceu a Semana Zero. Durante essa semana, todos os calouros tiveram aulas de revisão de Matemática e Física. Foram os professores dessas disciplinas que elaboraram o plano de revisão e os exercícios para os alunos; foi elaborada uma única apostila envolvendo as atividades/exercícios de Matemática e Física. O professor aplicador dessa revisão não precisava ser titular dessas disciplinas. Cada professor, do primeiro semestre dos cursos de mecânica, teve acesso ao material elaborado para essa finalidade. Essa dinâmica foi decidida e aprovada em reunião de coordenação com os docentes de mecânica.

Ao fazer referência à Semana Zero, o professor/coordenador considerou que essa atividade promoveu uma maior interação entre todos os professores do primeiro semestre de cada curso de mecânica e que a intenção dessa revisão não foi, em momento algum, o nivelamento dos alunos. A ideia foi de fornecer algo a mais para os estudantes, principalmente para aqueles que tinham dificuldades nas disciplinas de Matemática e Física, pois, essas são requisitos básicos para as disciplinas técnicas.

Um fato que mereceu destaque pelo professor/coordenador foi que os alunos do curso de Projetos Mecânicos, do noturno, acharam fáceis os exercícios propostos na Semana Zero, e sendo assim, finalizaram a atividade antes do previsto para o seu término. Ocorreu a necessidade de adicionar outros problemas/exercícios. Os professores que depararam com essa situação aplicaram exercícios relacionados com suas disciplinas. Esse ocorrido comprovou o que a coordenação de Projetos Mecânicos já havia constatado: o nível dos alunos do noturno se sobressai em relação aos alunos do diurno. As médias das notas dos vestibulares já evidenciavam essa discrepância, além de que a concorrência pelas vagas desse curso é maior no período noturno.

Cada coordenador do curso de mecânica, ao receber/acolher os alunos/calouros, fez uma explanação sobre o histórico da FATEC – Sorocaba e seu reconhecimento entre as demais FATECs. A intencionalidade dessa apresentação, além do aluno conhecer e valorizar a faculdade que escolheu para estudar, foi proporcionar uma visão ampla da utilização da mecânica no cotidiano.

No encontro de hoje eu fiz várias perguntas/questionamentos sobre as

atividades que já foram desenvolvidas com os calouros. Entre essas questões temos: Qual foi a impressão por parte dos calouros e dos professores ao participarem dessa programação especial? A relação professor e aluno teve mais aproximação e acolhimento? Os veteranos se posicionaram em relação a essa “nova” dinâmica de recepção aos calouros?

O professor/coordenador relata que tanto os professores como os auxiliares de docentes que estiveram envolvidos com as atividades propostas, consideraram uma dinâmica muito produtiva em termos de acolhimento, interação, motivação e conhecimento. Os alunos veteranos que se manifestaram, gostaram e muito dessa maneira de interação e acolhimento, e mencionaram que esse evento não aconteceu com eles. Os calouros demonstraram interesse e envolvimento nas atividades propostas.

Saliento que a programação teve como objetivo motivar e acolher esses alunos.

Durante a nossa conversa, no dia de hoje, o professor, em vários momentos, manifestou que estava feliz com os resultados já obtidos das ações executadas e que as palavras acolhimento e escuta já fazem parte do seu repertório acadêmico. Fiquei contente por ele ter externalizado o que estava sentindo, foi muito natural a sua demonstração. Teve sensibilidade em sua expressão. Em minha escuta como pesquisadora destaco que ele também demonstrou encantamento, entusiasmo e responsabilidade para com as propostas de ações discutidas e para com aquelas já executadas.

Sei que em pesquisas há surpresas, principalmente em pesquisa-ação, porém, reconheço que o processo da pesquisa é de relevância para a análise, e não simplesmente os resultados obtidos.

Agendarei, por e-mail, o nosso próximo encontro. Não sei se o outro coordenador estará presente nessa reunião, acredito que sim.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 23 de março de 2016.

Meu amigo,

Tudo bem? Hoje de manhã tive mais um encontro com o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos para dar continuidade à pesquisa empírica. Como já lhe disse, a pesquisa teórica e a pesquisa empírica estão sendo realizadas concomitantemente, pois considero que a fundamentação teórica alicerça a prática. Cada vez mais estou implicada em minha investigação, e isso é bom, pois faz parte do processo de construção do saber/fazer pedagógico.

Cheguei na Fatec um pouco antes do horário marcado, às 9h30, e fui até a sala da coordenação dos cursos de mecânica. O professor/coordenador estava sozinho. Iniciamos a nossa conversa falando novamente da escuta sensível do professor e do acolhimento que a programação especial aos calouros proporcionou.

Em seguida, ele me entregou uma cópia da ata da "Reunião Ordinária da Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos", realizada em 22 de fevereiro de 2016, e pediu para que eu lesse. Perguntei se tinha algo específico que ele queria que eu observasse. Ele me respondeu: "Vai lendo que você vai perceber". Comecei a ler, e na segunda página, linha 42 (Anexo H), eu me deparei com a seguinte expressão: "proporcionaram um acolhimento". Imediatamente eu parei a leitura do relato da ata e sinalizei para ele a palavra acolhimento. Ele me disse: "Até em ata foi registrado que houve acolhimento." Transcrevo parte do conteúdo dessa ata para esclarecer o contexto: "Prof. Samuel destaca que os minicursos proporcionaram uma integração entre os alunos, de forma que trocaram ideias e discutiram os temas entre si, já que cada aluno foi inscrito em cursos diferentes. Segundo o Prof. Samuel ainda, as aulas de matemática também foram importantes meios para que os alunos interagissem entre si, além da revisão, proporcionaram um acolhimento." (linha 38-42, Anexo H).

Nessa ata, também está relatado que os alunos do curso de Projetos Mecânicos acharam fáceis os exercícios propostos na Semana Zero. "Prof. Samuel observa que a turma de Projetos Mecânicos noturno surpreendeu, eles acharam os exercícios fáceis." (linha 42-43, Anexo H).

Dando continuidade à nossa conversa o professor/coordenador falou que

queria mostrar para mim, em seu notebook, a programação do evento e os slides que ele apresentou na recepção aos calouros. A cada slide (PowerPoint) apresentado ele fazia um comentário. A apresentação focalizou a FATEC – Sorocaba em vários aspectos, entre eles: (1) “Quem somos?”, ou seja, o histórico da FATEC – Sorocaba em 45 anos, completo em 2015; (2) uma de suas metas é formar cidadãos comprometidos com o desenvolvimento humano; (3) possui laboratórios bem equipados e de última geração; (4) a relação existente entre a FATEC – Sorocaba e o Centro Paula Souza; (5) em 2009, a FATEC – Sorocaba foi reconhecida pelo MEC como a melhor Faculdade de Tecnologia do Brasil; (6) o campus da FATEC – Sorocaba possui uma reserva de preservação – Mata Atlântica.

Fomos interrompidos por uma aluna que precisava conversar com o coordenador, mas, mesmo assim, gentilmente ele me disse que era para eu continuar visualizando os slides.

Assim que a aluna saiu da sala o professor/coordenador deu continuidade à explicação de cada slide. Os slides continham fotos, gráficos e informações relevantes traçando a trajetória e as conquistas obtidas nesses quase 46 anos da Fatec. Pedi para ele me enviar por e-mail essa apresentação. Ficou de me mandar.

Nesse tempo em que estávamos conversando fomos interrompidos mais três vezes. Porém, acabei interagindo com cada um dos professores que lá estiveram.

O coordenador me apresentou a uma professora que adentrou à sala, nós já nos conhecíamos. Ela foi uma das minhas diretoras em escola estadual. A nossa conversa se iniciou com recordações. Fui solicitada pelo coordenador a falar um pouco sobre a minha pesquisa, ela se mostrou interessada com o trabalho que estou desenvolvendo.

O outro professor que entrou na sala eu não o conhecia, apesar de dizer que trabalha lá desde 1988 no curso de Análise Desenvolvimento de Sistemas (ADS). O coordenador me apresentou ao professor de ADS como pesquisadora e ex-aluna da Fatec, e fez comentários sobre a minha pesquisa. Logo depois, pediu para o professor expor pra mim o projeto que está desenvolvendo. O projeto é Gestão de Conhecimentos e visa agilizar processos e implicar alunos em sua execução. O coordenador, em vários momentos, me disse que o objetivo desse projeto se encaixa na proposta da minha pesquisa. Ao término da explicação o professor de ADS saiu da sala da coordenadoria.

Quando eu já estava me despedindo e agradecendo a atenção do

coordenador, entrou outro professor. Esse professor eu já conhecia, e foi selecionado como um dos sujeitos da pesquisa.

Agendei, para a próxima quarta-feira, no período da manhã, uma reunião com o coordenador e os professores sujeitos da pesquisa. O coordenador pediu para que eu preparasse algo sobre a proposta da minha pesquisa, para socializar com os professores e o coordenador de Fabricação Mecânica.

Hoje a minha conversa com o coordenador teve várias interrupções, porém obtive muitas informações e impressões desse encontro.

Quando sai da sala da coordenadoria passava do meio dia. O tempo passou tão rápido que nem percebi.

Sai da Fatec na expectativa da próxima reunião.

Até breve.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 30 de março de 2016.

Olá meu amigo,

Eu estava na expectativa de lhe escrever para contar como foi a minha primeira reunião na Fatec com os professores do curso de mecânica. Vou tentar descrever com detalhes, porém não anotei nada durante o encontro, pois o objetivo maior era eu apresentar a minha pesquisa para os dois coordenadores e os professores que possivelmente participarão desse processo. Você sabe que sou bastante detalhista e atenta no que ouço, espero ser fiel nas minhas impressões. Porém, sei que a emoção do momento interfere na nossa interpretação.

Hoje, como já havia lhe escrito, às 11h30 eu tinha agendado com o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos, uma reunião com os coordenadores e professores do curso de mecânica para dar continuidade à minha pesquisa empírica.

Cheguei mais cedo que o combinado e fui até a sala da coordenadoria. Lá encontrei o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos e o professor do curso de Análise Desenvolvimento de Sistemas (ADS) que eu havia encontrado e conversado na semana passada.

Como sempre, fui bem recebida pelo professor/coordenador que me acolheu com o seu sorriso, atenção e gentileza. Assim que cheguei ele me convidou para ver a apresentação do projeto do professor. O professor/coordenador exclamou: "Que bom que você vai poder ver a apresentação do professor! E olha que não estava nada combinado". Na semana passada eu já havia tomado conhecimento do projeto, e hoje, sem programar, eu o encontro novamente. O professor do curso de ADS mostrou os comandos do projeto em seu notebook. Em alguns momentos os professores olhavam para mim e pediam a minha opinião e possíveis comentários. Esse projeto é uma atividade extracurricular que visa envolver alunos do curso de Projetos Mecânicos com alunos do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

A reunião que seria no prédio 1, na sala da Congregação, foi transferida para o prédio 5, na sala de Robótica. O professor/coordenador justifica a mudança de local dizendo que a maioria dos professores que participarão da reunião ministram

suas aulas naquele prédio, e assim, facilita a locomoção. Como você sabe, em geral, os prédios são distantes uns dos outros. Alguns professores convidados para a reunião estavam em aula nesse horário, mas, se ausentaram da sala de aula para assistir a minha explanação. Na ausência dos professores os alunos ficaram desenvolvendo atividades propostas.

O professor/coordenador, de início, estipulou uma reunião de 30 minutos. Conforme solicitação eu faria uma breve apresentação da minha tese em 15 minutos, e ele finalizaria em 5 minutos pontuando os objetivos dessa pesquisa para a Fatec. Em seguida, os professores presentes teriam a liberdade para as colocações e prováveis questões sobre a reunião, a proposta da Fatec e da pesquisa.

Antes da minha explanação o professor/coordenador fez a minha apresentação e destacou que essa pesquisa poderá contribuir para o melhor desempenho dos cursos da Fatec e motivação dos alunos. Justificou a escolha dos cursos de mecânica na pesquisa e mencionou o apoio e aprovação do diretor.

O encontro teve como título: Didática pedagógica – Escuta sensível. Não teve registro em ata, mas teve lista dos presentes com nome e assinatura. Comigo, foram dez participantes. Foram tiradas fotos de todos os presentes e do momento em que eu estava conversando com os professores. O professor/coordenador disse que a intenção é colocar as fotos da reunião no site da Fatec para socializar esse acontecimento. No final da reunião, o coordenador lamentou não ter chamado a secretária para registrar em ata o encontro ocorrido.

A reunião se estendeu mais que o previsto, porém dois desses professores saíram antes do término para dispensarem os alunos que ainda estavam em aulas. Esse momento durou aproximadamente uma hora. Após o término, ainda fiquei conversando com um dos coordenadores e três dos professores presentes.

Neste encontro, o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos não apresentou as ações que já estão acontecendo e as que já foram executadas a partir da introdução da minha pesquisa na Fatec. Não sei o motivo da omissão, porém pediu para eu também não mencionar.

Um dos professores participantes chegou depois de iniciada a reunião, porém o professor/coordenador interrompeu a minha apresentação para explicar os objetivos do encontro e, assim, inteirar o professor dos acontecimentos.

Na minha fala fiz uma introdução ao tema, mencionei que em minha tese

defendo que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação, os objetivos, a metodologia e os instrumentos da pesquisa.

Após a minha explanação os professores se manifestaram. Recebi vários parabéns pela minha pesquisa. Destacaram que eles nunca tiveram na faculdade uma reunião com esse propósito: a humanização das relações e no desenvolvimento do ser humano. Gostaram e acharam válida essa iniciativa de diálogo e socialização entre os professores e coordenadores. Um dos professores me disse pessoalmente que eu era ousada e corajosa em abordar esse tema em uma faculdade de tecnologia, porém, finalizou dizendo que apoia a proposta. Salientou que a faculdade de tecnologia prima pelo ensino tecnicista e tradicional.

Outro professor achou interessante e essencial falar de humanização na faculdade; me parabenizou duas vezes pela iniciativa da pesquisa.

Mais um professor se manifestou e sugeriu que, pelo menos uma vez por bimestre, aconteça uma palestra que focalize a sensibilização e a humanização. Comentou que devido os cursos focarem a dimensão técnica, a dimensão afetiva fica em segundo plano. E, concordou comigo quando destaquei, na apresentação, que o acolhimento e a escuta do professor são importantes para o direcionamento das práticas e ações docentes. Destacou que o professor de uma faculdade de tecnologia não faz essas reflexões no ambiente educacional, e acrescentou que nunca viu em nenhuma faculdade ou universidade uma abordagem e sensibilização como a minha proposta. Eu senti verdade e emoção em todas as falas dele, pois até os seus olhos “falavam”.

O professor que chegou após o início da reunião, achou válida a proposta de pesquisa e comentou com todos os presentes que no início de cada bimestre ele tem uma postura de escuta com seus alunos. Mencionou que no primeiro dia de aula ele conta a sua trajetória de vida para servir como exemplo e motivação para os alunos. Os desafios existem, mas podem ser superados. O professor, por observar e já constatar em outros semestres que as turmas dos cursos de mecânica são heterogêneas, pede para os alunos se apresentarem, e assim, ele consegue identificar a origem desses alunos, o que fazem, os interesses e as prováveis defasagens em relação ao conhecimento necessário para o acompanhamento do curso escolhido.

Após a fala do professor, o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos reforçou o trabalho diferenciado que esse professor faz com os alunos;

atividades com projetos. Fiquei muito motivada com o trabalho desse professor, pois, como é de seu conhecimento, eu acredito e comprovo a eficácia de práticas com projetos.

Houve comentários sobre a diferença de interesse e nível dos alunos ao comparar os cursos do diurno e do noturno. Os alunos do noturno se destacam por terem uma base melhor de conhecimento teórico e prático.

O professor/coordenador contou sua experiência com um aluno repetente em uma das disciplinas do curso de Projetos Mecânicos que não interagia com o grupo de colegas e nem com os professores; mostrava-se indiferente a tudo e com todos. Salientou que quando começou a dar uma atenção diferenciada ao aluno, e sem censurar o seu comportamento, esse começou a falar e a socializar que tinha problemas de horário no serviço e que neste semestre ele não queria ser reprovado novamente. Hoje o aluno já se relaciona de uma maneira diferente. Observo que ocorreu uma atitude de escuta sensível com esse aluno.

Um dos professores me surpreendeu com a sua colocação quando, após o término da reunião, veio ao meu encontro e disse que o meu trabalho é “bíblico” e bastante válido na educação. Em outras palavras ele quis dizer que é um “olhar para o outro”. Comentou também o que eu havia dito sobre o acolhimento, a rejeição e a indiferença.

Estava esquecendo de falar que o professor/coordenador me disse que na próxima reunião ele vai convidar também outros professores que não puderam estar presentes neste primeiro encontro. Ele pediu para eu fazer uma outra apresentação, para informar aos professores que ainda não sabem da proposta da pesquisa. Sugeriu que eu converse separadamente com os professores que não puderem comparecer nos horários das próximas reuniões.

Quando eu já estava de saída, o professor/coordenador me disse que mandará, por e-mail, uma mensagem para cada professor presente pedindo o seu parecer sobre a reunião e da proposta. Ele acha importante esse registro escrito. Ficou de socializar comigo as respostas.

Fui embora bastante confiante no andamento da pesquisa. O encontro com os professores e coordenadores me surpreendeu positivamente. Estou feliz pelo resultado obtido. Valeu! O professor/coordenador me acompanhou até a saída do prédio, e como sempre, muito atencioso e gentil. Nesse trajeto compartilhamos algumas das nossas impressões sobre a reunião e chegamos à conclusão de que o

saldo foi positivo.

Finalizo esta nossa conversa refletindo sobre o alerta de Freud que diz: "(...) o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente". Tenho quase certeza, que ao lembrar e reler os meus relatos de investigação, vou atribuir outras sensações e significados.

Abraço, Margly Octavia.

Sorocaba, 04 de abril de 2016.

Oi,

Tudo bem?

Quero compartilhar com você algumas observações sobre a minha pesquisa.

Acredito ser essencial para nós, seres humanos, a interação com outras pessoas, pois nos amadurece emocionalmente. Complemento esse meu pensamento com a seguinte colocação: "A beleza da aproximação do eu com o outro, de compreensão desse sujeito que nos fala, que fala querendo ser escutado, foi perdida, já não se enxerga beleza no silêncio." O estar com o outro se tornou uma relação superficial, frágil, descartável e de cada um por si. E assim, acrescento que entre as coisas perdidas estão as habilidades necessárias para estabelecer relações de confiança com outras pessoas. Relações cujos encantos você nunca conhecerá a menos que pratique. E a escuta tem o poder de resgatar esse encantamento. Quando escutamos, silenciemos as nossas emoções para ouvir-ver-sentir o outro.

Sexta-feira passada, eu estava assistindo o programa do Jô Soares quando um dos entrevistados era Leandro Karnal, professor da Unicamp desde 1996. Apesar de estar bastante cansada resolvi esperar a entrevista. Valeu a pena ter resistido ao cansaço.

Leandro Karnal mencionou a sua relação com os alunos na universidade, tanto dos cursos de graduação como os de pós-graduação, e ressaltou a importância da escuta. Disse em vários momentos da conversa que hoje, a escuta tem papel de relevância na educação, e que precisamos ser escutados. Salientou: "Buscamos a escuta". Fiquei contente com a colocação do professor, pois ele reforçou aquilo que defendo: a escuta e a sensibilização do ouvinte. Entendo que quando escutamos o outro agimos com amorosidade e respeito. O escutar nos permite compreender que o que é dito está cheio de emoções, crenças, experiências e valores formados pela história de vida de cada um.

Eu escrevi no meu texto que o individualismo está tão enraizado em nosso modo de agir e de relacionar que, quando agimos com respeito, gentileza e damos atenção às pessoas, a surpresa é grande. Ocorre até certa desconfiança do nosso

gesto. Perante tanta desatenção e falta de amabilidade ao nosso redor está sobressaindo o que dizemos e não o que escutamos.

E você sabe que algumas pessoas comentam do meu “excesso” de cuidado e atenção para com o outro. Ajo da maneira que acredito e que me faz feliz. Prefiro pecar pelo “excesso” de cuidado e atenção do que pela falta. Destaco que as leituras e o estudo que estou fazendo sobre a escuta e sensibilização do professor tem contribuindo muito para o meu aprendizado acadêmico, profissional e pessoal. Estou encantada!

Não me contentei só com a entrevista do professor Karnal no programa do Jô, fui pesquisar na internet outras informações sobre ele. Fiquei surpresa de tantas notícias sobre a sua carreira e atividades desenvolvidas. Um dos assuntos que ele aborda, e que chamou a minha atenção foi sobre a felicidade. Ele discorre sobre a felicidade em várias vertentes, entre elas: família, trabalho, sucesso e a relação consigo mesmo. Cito uma de suas frases: “Minha felicidade depende de mim”.

Já lhe disse em outro momento que menciono em minha tese sobre a felicidade na educação. Você se lembra?

Antes de encerrar esta minha fala quero mencionar que fiquei sabendo que há professores da Fatec na expectativa de participar do processo da minha pesquisa. Houve socialização entre professores, inclusive com aqueles que não estavam presentes no primeiro encontro. Essa socialização ocorreu nos corredores dos prédios e até mesmo na hora do café. Fiquei animada com a informação.

Ainda não agendei outra reunião com o professor/coordenador e nem recebi e-mail com comentários. Estou na espera.

Sua amiga, Margly Octavia.

Sorocaba, 21 de abril de 2015.

Bom dia,

Tudo bem?

Hoje quero lhe contar mais um dia da minha pesquisa de campo. Ontem, estive novamente na Fatec mas não voltei feliz como das outras vezes, pois pela conversa que tive com o coordenador a minha pesquisa-ação provavelmente tomará um novo direcionamento.

Como você sabe, a pesquisa-ação se sobressai pela implicação e interação do pesquisador com os sujeitos e o contexto da investigação, e assim, os caminhos, apesar de traçados são mais flexíveis e até imprevistos, havendo também a probabilidade de riscos afetivo-emocionais para o pesquisador e envolvidos.

Como sempre, cheguei no horário marcado e enquanto esperava o coordenador encontrei com um dos professores do curso de Projetos Mecânicos e de Polímeros. Esse professor me disse que havia sido convidado para conversar comigo e participar da minha pesquisa. Na reunião anterior ele não pôde estar presente. Enquanto aguardávamos o coordenador a nossa conversa teve como foco central a proposta da pesquisa e a sua postura em relação aos seus alunos e o direcionamento que a escuta sensível dá em sua prática e ação docente. Conversamos por cerca de meia hora, só paramos porque o professor tinha uma reunião agendada. Nos despedimos com a promessa de um outro encontro. Só para lhe deixar curioso, adianto a você que esse professor, apesar de lecionar em uma faculdade onde a razão, a prática e o conteúdo se sobressaem, age com amorosidade e visa o aluno como um ser total. Que alegria sentir e presenciar essa postura docente ao fazer referência à educação superior! Vou lhe revelar um segredo: "Esse professor doutor foi meu aluno há 30 anos, no meu início de carreira como professora".

Um dos assuntos que discuti com o coordenador foi sobre a diferença de interesse e conhecimento teórico e prático dos alunos dos cursos de mecânica, ao fazer menção aos turnos do diurno e noturno. A minha intenção era conversar com os professores sobre esse assunto, mas, o coordenador descartou essa discussão. De acordo com o coordenador essa questão e motivos da diferença entre os turnos

já foram debatidos em várias reuniões com os professores. E, assim, os fatores dessa discrepância já foram definidos e entendidos pela equipe docente dos cursos de mecânica.

Algumas ações que ocorreram no início do ano para motivar os alunos, como a recepção aos calouros, foram sinalizadas por essa discordância de interesse e nível de aproveitamento dos alunos. Dois desses fatores são: a concorrência para os cursos do noturno é maior, assim, a média de aproveitamento desses alunos no vestibular é superior aos alunos do diurno; e em geral, os alunos dos cursos do noturno, cursos de mecânica, fizeram cursos técnicos e trabalham em sua área de escolha. Ou seja, o aluno do curso diurno é diferente do aluno do noturno no que se refere à sua formação e experiência de trabalho.

O coordenador comentou e sugeriu a importância de divulgar a discussão sobre a escuta sensível e as ações já realizadas para os novos professores que ingressarem na faculdade. A pesquisa terminará, mas as ações continuarão acontecendo; a semente já foi plantada, agora é só cuidar para dar os frutos desejados.

Nessa conversa que tive com o coordenador, fizemos um retrospecto das situações e ações ocorridas e uma breve análise desse estudo que focaliza a escuta sensível na Fatec. Estarei finalizando a minha investigação participando de um evento que já está agendado e conversando individualmente com os professores envolvidos na pesquisa. O professor/coordenador está com excesso de compromissos, o que dificulta a organização de encontros específicos com professores em que eu possa participar. Entendo a dinâmica de uma faculdade e também o desalinhar que a minha pesquisa pode acarretar.

O pesquisador em pesquisa-ação se destaca pela escuta sensível que é sinalizada pela empatia e pela sua coerência. Constato que essa metodologia de pesquisa mexe com a emoção do pesquisador, pois ao mesmo tempo em que coleta dados ele se envolve com os sujeitos e o contexto da pesquisa.

Concordo, e até me arrisco a dizer, que me identifico com a afirmação de Krishnamurti, mencionada por Barbier, quando diz que a pesquisa-ação “requer do pesquisador ser mais que um especialista”, ela é “um convite para que ele seja verdadeiramente e talvez, tão simplesmente um ser humano”. Neste tipo de investigação o pesquisador não só relata e analisa o que presencia, ele também sente, e assim, muitas vezes, ocorre a necessidade de partilhar seus sentimentos,

os seus anseios e decepções. É o que sinto agora. O pesquisador em pesquisa-ação não pode ser retratado como um especialista isolado da sua prática e ação. Na minha visão, a pesquisa-ação tem vida, movimento, êxtase e exige a sensibilidade do pesquisador. Sendo assim, o pesquisador é o protagonista nesta articulação entre coleta de dados, registros, análises e divulgação final dos resultados.

Até breve.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 09 de maio de 2016.

Olá meu amigo,

Escrevo-lhe mais uma vez para contar o andamento da minha pesquisa. Como pesquisadora, estou cada vez mais implicada na minha investigação, inclusive estou participando das ações desenvolvidas na Fatec, que queira ou não, fazem parte do seguimento da minha pesquisa.

Um dos professores da Fatec, sujeito da pesquisa, é o presidente da Cipa e ao organizar o evento da III Sipat (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) me convidou para ser uma das palestrantes. A Sipat ocorreu no período de 02 à 07 de maio e teve como slogan: "Uma visão com ação pode mudar o mundo! Podemos fazer a diferença". A programação da Sipat (ver anexo C) teve dois temas obrigatórios: "Primeiros Socorros" e "DST/AIDS". O assunto que desenvolvi na palestra: "Ser sustentável: o olhar para o outro" foi decidido junto com o professor/presidente da Cipa para eu fazer o encerramento das palestras. Participei da escolha do slogan e fui solicitada para dar o meu parecer sobre os demais temas escolhidos pela equipe gestora da Cipa. As palestras foram desenvolvidas em dois turnos: manhã e noite, realizadas no auditório do campus.

Fiquei satisfeita com o feedback que tive após ministrar a palestra. Conversei com alguns alunos e professores que acharam bastante pertinente a escolha e a exposição do tema. Mencionaram ser essencial a abordagem do desenvolvimento humano em uma faculdade tecnológica que se destaca pela razão e pela prática. Um desses alunos me convidou para fazer uma palestra, em agosto, na empresa em que trabalha; será também um evento da Sipat. Aceitei, mas, ao mesmo tempo, fiquei surpresa. O convite e a conversa que tive com esses professores e alunos, na minha visão de professora e pesquisadora, reforça a necessidade de outras atividades na faculdade que enfatizem a formação do ser integral e não somente a formação profissional.

Desenvolvi o tema "Ser sustentável: o olhar para o outro" fundamentada em alguns autores, entre eles: Moacir Gadotti, Leonarfo Boff, Zygmunt Bauman, Edgar Morin, Humberto Maturana e Renê Barbier.

Gadotti afirma que a sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos

com nós mesmos, com os outros e com a natureza. Destaquei que a educação superior é entendida como o lugar de formação de indivíduos críticos, qualificados e cultos, contribuindo para o desenvolvimento sustentável de um país, e por isso, é atribuição da educação capacitar profissionais às exigências do mercado de trabalho e formação do ser humano.

Comentei também sobre a conjunto de saberes/valores Interdependentes que Moacir Gadotti propõe: Educar para pensar globalmente; Educar os sentimentos; Ensinar a identidade terrena como condição humana essencial; Formar para a consciência planetária; Formar para a compreensão; Educar para a simplicidade e para a quietude. Gadotti salienta que: “A sustentabilidade tornou-se não só um tema gerador preponderante neste início de milênio para pensar o planeta, mas também um tema portador de um projeto social global e capaz de reeducar nosso olhar e todos os nossos sentidos, capaz de reacender a esperança em um futuro possível com dignidade para todos”. Acrescento que cada um de nós precisa ter a escuta sensível para a necessidade do outro, escuta que requer o ver-sentir-ouvir. Apesar de muitas pessoas afirmarem que a escuta é um dom, pesquisadores dizem que a escuta é uma habilidade. Portanto, a escuta sensível pede um exercício diário, principalmente ao fazer referência à educação.

Você sabia que a Campanha da Fraternidade deste ano, de 2016, focaliza a sustentabilidade? O tema é: “Casa comum, nossa responsabilidade” que tem como objetivo despertar a atenção das pessoas para a questão do saneamento básico no Brasil e sua importância para garantir desenvolvimento, saúde integral e qualidade de vida para todos. Destaquei a Campanha da Fraternidade em minha explanação ao reforçar a necessidade do olhar para o outro, independente da crença.

Veja o que eu coloquei em um dos slides da apresentação ao fazer referência ao olhar para o outro: Amor-amizade, Amor-perdão, Amor-elogio, Amor-escuta, Amor-paciência, Amor-respeito, Amor-encantamento, Amor-carinho, Amor-alegria, Amor-caridade, Amor-determinação, Amor-solidariedade, Amor-gentileza, Amor-gratidão, Amor-acolhimento, Amor-cuidado. Emprego o termo Amor interligado às outras palavras porque considero o amor como o central da convivência.

Como você sabe, estou tão envolvida com a temática da escuta sensível e da biologia do amor que eu não poderia deixar de argumentar sobre eles. Quando falo sobre a escuta e a biologia do amor o sentimento que me domina é o encantamento, pois, como professora e pesquisadora posso afirmar que a valorização do outro, o

estar com o outro e o ato de escutar são gestos que proporcionam a sensação de acolhimento. Tanto a biologia do amor como a escuta sensível estão pautadas na humanização das relações e no desenvolvimento do ser humano e o exercício dos valores humanos nos conduz para as ações solidárias e a abertura para o outro.

Estava esquecendo de lhe contar que apresentei no final da minha exposição um vídeo que tem como foco a gentileza e a ação generosa com as pessoas, os animais e as plantas. A ideia desse vídeo foi sensibilizar e promover questionamentos sobre as nossas ações diárias. Acredito que instiguei reflexões. O filme focaliza também a felicidade como algo que deve ser compartilhado e não como uma conquista individual. Uma das frases do filme que considero de extrema sensibilidade é: "Ele testemunha a felicidade".

A Sipat foi programada para funcionários e alunos. Os temas das palestras foram diversificados e tiveram como objetivo a formação da cidadania e humanização nas relações sociais. Essa atividade extracurricular foi comunicada a todos os professores e coordenadores de cursos por e-mail e divulgada aos alunos por meio de folhetos/comunicados distribuídos em cada prédio do campus. No dia 07 de maio, sábado, o encerramento da III Sipat aconteceu com um piquenique comunitário, próximo ao lago do campus, e com plantio de árvores frutíferas. Participaram do piquenique e do plantio das árvores alguns professores, funcionários e alunos.

Na visão do diretor e do professor/presidente da Cipa o evento foi caracterizado por uma postura de acolhimento e convivência entre funcionários, professores e alunos. Destaco que esse evento na Fatec focalizou a formação para a cidadania, pois, em geral, a maioria dos eventos já realizados tiveram como objetivo a capacitação para o mercado de trabalho. Fico contente por poder participar de um evento na faculdade de tecnologia que teve como meta a formação integral do ser. Quando eu estudei na Fatec não presenciei nenhuma atividade com foco na formação do saber-ser. Que bom que está havendo essa mudança!

Como estou falando sobre a minha tese, que focaliza a escuta sensível em uma instituição escolar, quero relatar algo que provavelmente você e outros professores já tenham presenciado. Muitas vezes já fui solicitada por alunos, no intervalo de minhas aulas, para conversarem comigo, e usaram, várias vezes, a expressão: "Preciso desabafar e não tenho quem me ouça", ou "Não tenho quem me compreenda". E quando esse aluno percebe que está sendo escutado, os olhos

umedecem, como se estivessem chorando de alegria. É como se ele estivesse dizendo: "Alguém me escutou e sabe como eu me sinto". Já presenciei esses olhos umedecidos muitas vezes, pois demonstrei para os meus alunos que compreendia o seu comportamento e sentimentos. É uma alegria indescritível compartilhar com o outro o alívio que sentiu ao ser escutado. Em minha pesquisa empírica também já presenciei expressões/desabafos de professores que de certa forma queriam também ser escutados – demonstraram por palavras ou mesmo pela expressão do olhar que estavam sendo compreendidos. Menciono novamente a frase do filme: "Ele testemunha a felicidade", e eu declaro: "Eu também sou testemunha da felicidade".

Quando lhe escrevo me permito expressar os meus sentimentos e minha escuta, e não somente descrever o ocorrido no desenvolvimento da pesquisa. A minha pesquisa tem implicações com a minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 15 de junho de 2016.

Olá,

Tudo bem?

Quero compartilhar com você mais uma etapa da minha pesquisa empírica. Hoje estive novamente na Fatec para conversar com o coordenador/professor do curso de Projetos Mecânicos. Este encontro foi marcado por uma particularidade, foi o coordenador que me enviou um e-mail marcando comigo uma reunião para o período da manhã.

Como sempre fui bem recebida pelo coordenador e nos dirigimos até a sala da congregação da Fatec. Nossa que sala grande! A princípio pensei que outras pessoas estariam reunidas conosco, porém, a reunião era somente para nós dois.

A primeira pergunta que fiz para o coordenador foi se ele tinha novidades. Imediatamente disse que sim, e acrescentou que esse era o motivo dessa reunião.

Como você sabe, eu conheço o quadro de docentes que atuam no curso de mecânica e, por isso, o coordenador toda vez que faz referência a um caso cita o nome do professor. Estou lhe contando isso porque quando eu sei quem é o professor protagonista de determinada situação a minha escuta toma um direcionamento diferente, pois, ao conhecer o professor, a atitude tomada por ele pode ser algo que surpreenda ou não.

O coordenador antes de iniciar o caso que desejava me contar destacou que seria importante que o próprio professor narrasse o ocorrido, porém justifica que o docente não tem horário para conversar comigo. Ele me disse: "Assim que fiquei sabendo do caso já pensei em sua pesquisa", e acrescenta: "Veja a escuta sensível e o acolhimento do professor! Fiquei surpreso e feliz com a atitude tomada pelo professor". Ele salientou, por várias vezes, que o mais interessante seria que os próprios professores conversassem diretamente com a pesquisadora e relatassem as suas experiências de escuta e acolhimento, pois assim, as impressões de cada relato teriam mais veracidade, além da própria escuta sensível da investigadora.

Vou tentar ser breve ao contar o fato, mas, quero ser fiel a cada etapa para você ter conhecimento do ocorrido e a intenção do professor. Quando lhe escrevo narrando uma determinada situação a minha escuta fica mais aguçada.

O docente ministra disciplina da área de exatas, no curso de mecânica, a partir do segundo semestre, mas não é uma disciplina técnica. Esse professor procurou o coordenador para relatar o caso de um aluno do curso de Projetos Mecânicos que já foi reprovado em sua disciplina por duas vezes, e provavelmente, seja reprovado novamente neste semestre. Disse que o aluno é esforçado, interage com o grupo e participa das atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula. Fez um questionamento ao coordenador: "Será que ele tem deficit de atenção?". Assim que menciona essa questão pede autorização ao coordenador para conversar em particular com o aluno. Achei estranho o professor pedir autorização para conversar com o aluno, mas, o coordenador me esclarece que no regimento da Fatec tem uma cláusula que diz que só o coordenador pode conversar em particular com o aluno. Não me aprofundi na questão.

O coordenador e o professor foram até a secretaria da faculdade para verem e analisarem o histórico do aluno. Observaram que no primeiro semestre o aluno só foi aprovado em uma única disciplina. Eles concluíram que os professores do primeiro semestre, ao se reunirem em conselho, optaram em aprovar o aluno, pelo menos, em uma disciplina, para que esse não perdesse a vaga do curso.

O professor teve autorização para conversar com o aluno. E, ao conversar com o aluno fez várias perguntas, entre elas: "Por que você quer fazer Fatec? Será que o seu caminho não será outro?". O aluno diz que gosta de trabalhar com vendas, e assim, o professor questiona a relação do curso de Projetos Mecânicos com a sua aptidão. O aluno justifica dizendo que quer trabalhar com vendas técnicas. A conversa se estende entre ambos.

O coordenador destaca que se surpreendeu com essa atitude de escuta e acolhimento desse professor. Essa postura do professor fez o coordenador relatar outros casos. Fatos de acolhimento e fatos de indiferença para uma mesma situação.

O coordenador deixa subentendido, em vários momentos de nossa conversa, que antes da minha investigação na Fatec, essa questão da escuta, sensibilidade e acolhimento por parte dos professores e coordenação não se sobressaia, ou seja, aparentemente não ocorria. Em uma das falas do coordenador ele disse que, se existia acolhimento e escuta por parte do professor eram casos isolados e não evidenciados. E agora, depois de iniciada a pesquisa nota-se, a partir do acolhimento e da escuta do outro uma transformação na convivência favorecendo o

direcionamento de ações individuais ou coletivas/sociais. Você pode até achar estranho, mas, o coordenador também mencionou a necessidade do encanto para o desenvolvimento da nossa profissão.

A reunião de hoje me surpreendeu em vários momentos, e um deles foi quando o coordenador me falou que já está programando para a Semana de Tecnologia da Fatec, que ocorrerá em outubro, um colóquio entre professores e alunos com a temática da Escuta Sensível. Fiquei admirada e feliz em saber que um dos motivos da escolha desse tema é desenvolver a sensibilidade dos professores e resgatar o acolhimento entre as pessoas, com foco na educação superior. O colóquio do ano passado teve como tema a Interdisciplinaridade.

O coordenador também relatou que uma turma de alunos, do terceiro semestre do curso de Projetos Mecânicos, comentou com ele sobre a programação do evento de encerramento da III Sipat, que aconteceu com o plantio de árvores e piquenique comunitário entre alunos, professores e funcionários. Esses alunos falaram que quando eles foram dispensados das aulas para participarem do evento, a princípio, não gostaram da ideia e ficaram preocupados por estarem perdendo aulas. Mas, quando chegaram até o local do evento e viram o diretor, vários professores, alunos e funcionários em um momento de confraternização, o conceito anterior se desfez. Esse evento "quebrou a rotina" de um sábado estressante para uma situação de descontração e interação com turmas de outros semestres e professores. O coordenador termina esse relato citando mais uma vez que os alunos se sentiram acolhidos com essa dinâmica, antes nunca presenciada por eles. Os alunos ficaram até o término do evento, porém, a presença desses não foi imposta pelos professores, apenas foram dispensados das aulas para a participação. O coordenador cita que ficou contente com o relato dos alunos, pois não esperava que eles fossem mencionar esse ocorrido.

Observo que esse evento foi significativo em seu contexto, dando um novo sentido de humanização às relações entre alunos, professores, funcionários e diretor, rompendo, assim, com "rótulos" de uma faculdade que prima pelo tecnicismo e se sobressaia pelo individual e profissional.

Conversei com o coordenador por aproximadamente três horas e, por isso não vou contar sobre tudo que conversamos. Os casos são diferentes, mas, todos tiveram como eixo central a escuta e o acolhimento, seja por parte do professor ou do coordenador. Em outra ocasião, se achar oportuno, eu lhe conto. Porém, quero

fazer menção a uma fala do coordenador: "O aluno que se sente acolhido é movido pela gratidão". Destaco que esse sentimento é carregado de significados em uma ação realizada. Fico contente em observar que o coordenador está desenvolvendo a sua sensibilidade para lidar com situações adversas, pois mesmo quando não consegue solucionar os problemas ele acolhe as pessoas envolvidas; age com empatia, se coloca no lugar do outro.

O coordenador ficou de me enviar depoimentos de professores, atas e outros materiais para a minha análise e registros.

Essas reuniões com o coordenador permitem trocas e aprendizagens, pois, a pesquisa-ação é direcionada por implicações entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Abraços, Margly Octavia.

Sorocaba, 29 de junho de 2016.

Boa tarde,

É sempre muito bom compartilhar com você as etapas da minha pesquisa. Quando lhe escrevo tenho a sensação que esse meu caminhar não é solitário. Tenho novidades sobre a investigação. Hoje, pela manhã, estive na Fatec para presenciar um evento/apresentação promovido por um dos professores da disciplina de Física II do curso de Projetos Mecânicos – diurno. Esse professor desenvolve, por meio de projetos de trabalhos, atividades que tem como meta relacionar o conteúdo da disciplina, motivar e instigar a criatividade e autonomia do aluno.

A apresentação dessa atividade foi no lago da Fatec, e os projetos desenvolvidos foram: barcos hovercraft (três projetos) e drone (um projeto). O hovercraft é conhecido por aerobarco ou aerodeslizador e é capaz de atravessar diversos tipos de solo e, também, pode deslocar-se na água. O drone é uma das tecnologias que atualmente tem chamado a atenção, pois além de ser equipado para resistir a trabalhos pesados e ambientes hostis podem ter diversas utilidades, entre elas temos aplicações mais pacíficas, como no uso profissional de fotógrafos, resgates e limpeza de lixo tóxico. Achei muito interessante a proposta dos projetos.

Os barcos hovercraft foram exibidos no lago, apesar de eles também se deslocarem em outras superfícies. Os alunos mostraram pelo celular, antes da exposição no lago, um vídeo com os barcos hovercraft deslizando no piso do prédio central de aulas. Esse tipo de atividade, com apresentação para outros professores e turmas, não é comum na Fatec, mas, a partir deste próximo semestre os coordenadores do curso de mecânica estarão incentivando os professores a mostrarem os trabalhos desenvolvidos com os alunos-veteranos para os alunos-calouros. Será uma forma de acolhimento aos calouros, além de ter como objetivo: estimular e instigar os alunos para a realização de projetos com aplicabilidade no curso escolhido. Os projetos exigem além da teoria a prática aliada à criatividade, autonomia e envolvimento na elaboração do projeto.

Além da apresentação dos projetos realizados, pude estar em contato com o professor e com os alunos que desenvolveram essa atividade. Pela minha escuta: ver-ouvir-sentir, destaco a cooperação, responsabilidade, envolvimento e incentivo

entre os alunos dos diversos grupos e o professor. Cito um caso que envolveu a cooperação entre os alunos: o empréstimo da bateria para que o barco de outra equipe pudesse percorrer o lago; a torcida era a favor.

A exposição dos projetos foi registrada por fotos, que, além de mostrar os trabalhos produzidos, registram também os alunos e professores presentes; considero que havia interação entre os participantes. Assim que o professor me enviar as fotos (ver anexo G) eu lhe mando. Os barcos hovercraft e o drone foram confeccionados com materiais diversos, e em sua maioria recicláveis. Acredito que você vai gostar, pois a criatividade foi grande; em um dos barcos utilizaram latinhas de cerveja. E, na confecção do drone foi utilizado um material que além de reciclável foi bastante criativo: espátula de madeira usada para depilação. Achei curioso!

O professor de Física, após o encerramento da mostra dos trabalhos, fez um comentário sobre o desempenho e envolvimento dos alunos, e destacou a finalidade dessa atividade na vida acadêmica e profissional. O professor salientou que direciona o trabalho, mas, cabe a cada grupo criar e desenvolver a proposta solicitada. Ao fazer menção à nota final dos trabalhos, disse que todos mereciam dez pelo trabalho desenvolvido, e que o mais importante foi o aprendizado ocorrido.

Destaco a escuta e sensibilidade do professor ao conduzir e avaliar os projetos, pois nem todos os projetos tiveram o mesmo desempenho. A atitude do professor foi acolhedora; os alunos se sentiram valorizados e ao mesmo tempo compreenderam a importância de aliar a teoria com a prática para a execução de um excelente projeto. Foi mencionado também que a dedicação e o envolvimento de cada um pode ser o diferencial para o seu sucesso acadêmico, profissional e pessoal.

Os alunos foram dispensados da atividade e eu fiquei conversando com o professor que realizou a atividade. O foco da nossa conversa foi sobre a educação, e um dos assuntos que enfatizamos foi a importância da formação e vivência do professor para a condução e objetivos da disciplina ministrada. Também discutimos que as aulas devem ter sentido para o aluno e prepará-lo para a vida, porém, não é tarefa simples e exige a escuta e sensibilidade do profissional para esse direcionamento. Destaco que esse professor se colocou à disposição para outra conversa, caso eu precise de mais informações para a minha pesquisa.

A conversa com esse professor sinaliza que, mesmo em uma faculdade que prima pelo tecnicismo, há condutas com visão holística na educação. Constato em

minha pesquisa que ele não é exceção, e o que falta é o olhar e a socialização dessa postura ao fazer referência à educação superior.

Em minhas conversas individuais com os professores da Fatec, tenho observado posturas humanistas que eles não deixam transparecer durante o seu desempenho profissional. Acredito que com a abertura e a socialização que os coordenadores do curso de mecânica estão dando nas reuniões com os professores haverá mais ações que levem em conta a questão problema levantada pelo diretor: “O desinteresse e a não participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do curso de mecânica. Porém, esse alheamento afeta consideravelmente a aprendizagem do aluno”.

Provavelmente, hoje, seja o encerramento da minha pesquisa empírica, pois as atividades do primeiro semestre letivo de 2016, da Fatec, estão sendo finalizadas. Nossa, já se passaram mais de oito meses, desde o início da pesquisa de campo!

Meu amigo, em outro momento eu lhe conto mais sobre o desenrolar da minha pesquisa.

Abraços, Margly Octavia.

4.7 Construir o vínculo afetivo

Na concepção de pesquisa-ação, sustentada no pressuposto da escuta e na perspectiva holística, considero importante a construção do vínculo afetivo entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Serrão e Baleeiro (1999, p. 33-34) mencionam que para criar condições favoráveis à manifestação da afetividade do grupo e à construção do vínculo devemos observar alguns pontos fundamentais, como: (1) O vínculo só se estabelece se existe a disponibilidade interna do pesquisador e de cada participante do grupo, ou seja, é preciso que todos estejam dispostos a estar ali para construir algo em comum e dediquem a essa construção o que há de mais verdadeiro em si. (2) A aceitação das diferenças individuais e do jeito de ser de cada um possibilita a compreensão de que a diferença é um elemento que enriquece, mostrando outras formas de ser e fazer. Aprender a valorizar as diferenças permite ampliar o horizonte de cada participante do grupo. É como olhar as coisas com uma lente de aumento, ver o longe perto, ver o perto maior. (3) É fundamental que o pesquisador acredite na possibilidade de transformação pessoal, reconhecendo em todo indivíduo a capacidade de adaptar-se a novas experiências e formas de ser, resistindo e superando situações adversas em direção ao crescimento e desenvolvimento pessoal e social. (4) A escuta e o acolhimento devem ser oferecidos a todos, ou seja, todos no grupo devem ter vez e voz. Respeitando essa condição, as oportunidades são dadas para todos e cada um pode encontrar uma forma própria de expressão, de acordo com seu jeito de ser. Desse modo, as diferenças passam a ser acolhidas e entendidas. (5) No grupo todos têm uma contribuição a dar, ou seja, é fundamental buscar/descobrir as qualidades existentes em cada indivíduo. (6) O pesquisador deve estar consciente e atento para alguns aspectos que podem interferir no estabelecimento de vínculo, por vezes dificultando a sua comunicação com o grupo. (7) A expectativa que o grupo mantém em relação ao desconhecido muitas vezes acarreta projeções sobre a pessoa do pesquisador que, quando não percebidas por este, podem dificultar a comunicação. Da mesma forma, o pesquisador também tem expectativas em relações ao grupo antes de conhecê-lo. (8) O que cada um espera receber do pesquisador e do grupo nem sempre coincide com o objetivo do trabalho. Portanto, é necessário que este objetivo esteja bem delimitado para o pesquisador e seja expresso para o grupo de forma clara e objetiva. Há sempre uma necessidade

individual que o pesquisador não poderá satisfazer. (9) Relações afetivas prévias entre dois ou mais participantes ou entre o pesquisador e um membro do grupo mobilizam o coletivo, fazendo aflorar diferentes sentimentos: amizade, cooperação, solidariedade, assim como comparações e sentimentos de rejeição e ciúme. Essas situações existem e são inevitáveis, mas, nem sempre, se constituem num complicador, exigindo do pesquisador, no entanto, atenção e cuidados, evitando tratamento diferenciado.

“O vínculo tem características próprias e se constrói a partir de vivências que fazem emergir a afetividade do grupo, fortalecendo e profundando as relações.” (SERRÃO, BALEEIRO, 1999, p. 32). Esses afetos incluem uma gama de emoções que vão do amor ao ódio, da inveja à solidariedade, competição e colaboração, etc. O investigador em pesquisa-ação não atua sozinho, ele é impulsionado ou movido pelo grupo e, portanto, suas ações são construções e permitem flexibilidade conforme as metas traçadas em sua pesquisa.

Barbier (2002) considera que quando a confiança estiver estabelecida entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, o investigador poderá se permitir “atribuir um sentido” aos dados coletados. E, o vínculo é uma ligação que estabelece a confiança.

Esta investigação foi pontuada, principalmente, pela implicação da pesquisadora e do professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos, e sendo assim, o vínculo entre eles foi fundamental para a trajetória, interação e desenvolvimento da pesquisa.

5 RETOMANDO O CAMINHO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

A ideia da pesquisa-ação consiste numa abordagem em espiral, em que todo o avanço de pesquisa solicita uma reflexão permanente sobre a ação, e assim, gera a retomada dos acontecimentos para olhar duas vezes o mesmo “objeto” sob ângulos diferentes. O evoluir desta tese é processo em aberto, se cria e se constrói o caminho de investigação; as ações e reflexões são elementos dessa composição. Por se tratar de um processo dinâmico, a análise teve início durante a coleta de dados. Na análise ocorre o confronto entre os dados coletados, as evidências, a fundamentação teórica, a coerência e a escuta do pesquisador. Do ponto de vista teórico, durante a análise e discussão, diálogo com alguns autores apresentados neste estudo.

5.1 Observações, encontros e registros no diário de itinerância

Adotar a pesquisa-ação como metodologia desta tese vem ao encontro de alguns anseios da pesquisadora, entre eles, um trabalho em que o investigador pudesse estar implicado com os sujeitos e contexto da pesquisa, a melhor forma de apreender a realidade e na fluidez de seu processo ao envolver sujeitos da pesquisa entre si e pesquisadora.

A observação e a escuta sensível estão vinculadas à arte da atenção e foram essenciais para o registro da pesquisadora em seu diário de itinerância. Para ilustrar essa minha afirmação destaco o que escreve Facundo Manes (2015, p. 60), neurocientista, em seu livro, Usar o cérebro.

A propósito do célebre detetive inglês, assim rosnava para seu amigo e assistente, o dr. Watson: “Seu problema é que você olha de perto mas não observa”. Sherlock Holmes se referia assim ao fato de que nem sempre prestamos atenção no que é óbvio, embora o que se busca esteja diante de nossos olhos.

Manes considera que o acontecimento mais provável nessas circunstâncias é que não observamos porque estamos interessados em outra coisa. “Isso é resultado do fato de que nossos recursos de atenção estejam dirigidos para algo específico num dado momento. Tanto é assim, que só percebemos conscientemente aquilo que está em nosso foco de atenção.” (MANES, 2015, p. 61). Portanto, é fundamental, ao

irmos à pesquisa de campo ter foco naquilo que buscamos e queremos dar sentido; e novamente, vamos ao encontro da escuta sensível que exige a sensibilidade e implicação do pesquisador.

A pesquisadora recorreu à sua memória para registrar as conversas, pois não ocorreram anotações na presença do sujeito da pesquisa. A ideia de memória está associada ao processo de codificação, armazenamento e recuperação de informação.

A memória também está vinculada à arte da atenção e depende da observação e escuta do ouvinte, pois a informação se codifica em nosso cérebro, é armazenada e depois recuperada no momento da ação, ou seja, no momento em que essa é acionada. “É preciso que a memória esteja capacitada para cumprir seu papel-chave, que é manter esse conhecimento para que a informação seja conservada e recuperada mais tarde, quando necessite dela.” (MANES, 2015, p. 106).

Em nossa vida cotidiana, em tudo que fazemos, é de uma maneira ou de outra, intermediado pela memória, ou seja, pelas distintas memórias que têm particularidades e diferentes modos de canalizar a experiência. As memórias atuam em rede, e entre essa diversidade temos a memória seletiva e a emocional. A memória seletiva “tende a se lembrar de dados ou acontecimentos importantes, segundo seu interesse, seja no caso de assuntos de trabalho ou passatempo” (MANES, 2015, p. 116), e a memória emocional tem “a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informação relacionada com a emoção.” (MANES, 2015, p. 111).

No momento da análise, em que o foco está nas observações com registro no diário de itinerância, deve-se levar em consideração o olhar, ou seja, o ponto de vista da pesquisadora, uma vez que as observações de cada um são muito pessoais. Conforme mencionado, na pesquisa qualitativa, nós, os pesquisadores, vamos a campo trazendo conosco valores, nossa particular visão de mundo, nossas emoções, e isso não pode ser ignorado; e fundamenta a nossa compreensão da realidade, influencia e orienta os nossos pensamentos em relação à abordagem da nossa pesquisa.

Foi por intermédio do diálogo com os professores e o professor/coordenador que eu, a pesquisadora, presenciei muitas vezes a expressão de suas emoções e atitudes focalizadas na humanização das relações e no desenvolvimento do ser

humano. “Quando falamos de emoções são os diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam.” (MATURANA, 2009, p. 22). Esse fato é relevante porque o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação. E, na condição de professora, também já presenciei muitas emoções: “Quantas particularidades e ações com alunos eu escutei! Quantas ações visando o saber-ser do aluno foram consideradas preferências em relação ao saber-fazer! Quantas ações individuais e não socializadas!”

As conversas ocorridas entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa foram fundamentais para este estudo; contaram particularidades das suas vidas e narraram fragmentos da sua história de vida pessoal, profissional e acadêmica. Uma escuta que requer sensibilidade, empatia, envolvimento, acolhimento e silenciamento dos pensamentos para sentir e compreender o que não foi dito.

Os professores participantes da pesquisa se colocaram à disposição da pesquisadora para a realização de atividades/dinâmicas, esclarecimentos ou perguntas/questões.

Em uma das atas de Reunião Ordinária do Curso Superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos, há registro da manifestação de um professor que desejava contribuir com a investigação da pesquisadora: “O professor Paulo dos Santos informou que tem interesse em relatar suas experiências em sala de aula, e contribuir com o trabalho da professora Margly Octavia Genofre de Carvalho.” (ver anexo I, linha 261-263). Esse professor, devido à incompatibilidade de horário, não teve contato com a pesquisadora, porém, relatou ao professor/coordenador de Projetos Mecânicos uma de suas experiências de escuta ao fazer referência à relação professor-aluno-aprendizagem. A pesquisadora retratou esse acontecimento na carta do dia 15 de junho de 2016. Nessa mesma ata, tem registro da autorização para a pesquisadora desenvolver o seu estudo e destaca também, que alguns procedimentos envolvendo os sujeitos da pesquisa já estavam ocorrendo. (ver anexo I, linha 242-256)

Os diversos encontros entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa: professor/coordenador e professores do curso de mecânica, no campus da FATEC – Sorocaba, retratam e revelam como a pesquisa de campo ocorreu e se desenvolveu, assim, como o processo de implicação, coerência e direcionamento da investigação.

Em uma pesquisa-ação são muitos os caminhos possíveis, nesta trajetória,

cada passo teve um significado, cada detalhe um sentido. Do método à troca de experiência, do planejamento às vivências. Assim, ocorreu o processo de construção a cada encontro com o professor/coordenador e professores que garantiu a possibilidade de ação, transformação e continuidade deste trabalho.

Esses encontros provocaram reflexões a partir de indagações do pesquisador e sujeitos da pesquisa, e ao longo de sua atuação “aprendemos” que não existem certezas absolutas e nem fórmulas ao se relacionar com pessoas. Para uma mesma situação podemos ter diversos olhares e direcionamentos de ações. E, por meio da escuta sensível, cada um de nós há de encontrar um jeito de caminhar e transformar a si próprio e as relações entre as pessoas; há formas diversas de ver o mundo e estar nele.

No capítulo anterior, Caminhos percorridos, através das cartas ao amigo, revelei alguns dos encontros ocorridos entre a pesquisadora e sujeitos da pesquisa. A implicação da pesquisadora estabeleceu vínculos entre os sujeitos da pesquisa e abriu possibilidades para novas ou outras formas de sentir, querer e agir.

Ao retratar algo, seja uma imagem ou uma situação, temos a opção de descrever o objeto de forma estática ou dinâmica, depende do olhar e intenção de cada relator. Neste caso, ao relatar os encontros por intermédio das cartas, busquei registrar a dinâmica das interações, expressões e ações ocorridas.

As atividades desenvolvidas na programação especial de recepção aos calouros, responde e vem ao encontro com a minha terceira questão de pesquisa: **A partir da escuta, como criar um clima no ambiente escolar que estimule o interesse e a participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do seu curso?**

A dinâmica de recepção aos calouros possibilitou o estar com o outro e a valorização do outro; gestos que proporcionam a sensação de acolhimento. Atividade essa, que instigou e revelou um acontecimento pouco ou nunca vivenciado no curso de mecânica, além de introduzir a escuta sensível e o acolhimento como maneiras de agir e pensar a educação. Sabemos que sempre ocorrem recepções aos calouros, porém, este evento foi programado com a finalidade de interagir e acolher os alunos. Portanto, teve uma programação direcionada aos alunos dos cursos de mecânica e diferenciada dos demais cursos. Essa programação está relatada na carta do dia 17 de fevereiro de 2016.

Essa manifestação de acolhimento aos alunos/calouros é uma ação que

rompeu com posturas conservadoras em uma faculdade de tecnologia que prima pelo saber-fazer (razão) e ficando em segundo plano a preocupação com a formação do sujeito (saber-ser). Para Ardoino (1971), o “saber-ser” e o “saber viver” necessitam da presença do outro. Ou seja, a postura de um ensino tradicional deu lugar a um “novo” fazer ou pensar às práticas de ensino e aprendizagem. No processo ensino e aprendizagem, “nós, os educadores, devemos oferecer aos aprendizes instrumentos para que se sintam capazes de caminhar por si mesmos, de realizar atividades cada vez mais interessantes, complexas, desafiadoras e realizadoras.” (CARVALHO, 2015, p. 48).

Destaco que a escuta sensível do professor/coordenador de Projetos Mecânicos, mediador da minha pesquisa, e dos professores envolvidos na organização do evento, foi primordial para o direcionamento de todas as ações realizadas na programação especial aos calouros. Como já dito, considero ação como modo de proceder ou um comportamento intencional baseado na ideia de como outras pessoas o interpretarão e a ele reagirão. Neste caso, a escuta sensível esteve aliada aos objetivos dessa programação que focaliza a questão problema: “O desinteresse e a não participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do curso de Mecânica. Porém, esse alheamento afeta consideravelmente a aprendizagem do aluno.”

Quando nos sentimos incomodados com algo, ou quando somos defrontados por problemas ou questionamentos, ocorre a necessidade da busca de soluções e caminhos. E, ao buscarmos as soluções para os desafios, somos impulsionados, muitas vezes, a modificar caminhos, sair da zona de conforto, alterar comportamentos e ir em busca de conhecimentos novos. E foi o que aconteceu ao realizar a programação especial de recepção aos calouros dos cursos de mecânica.

Observa-se, no evento proporcionado aos calouros, através da apresentação do coordenador de curso, do tour pela FATEC, dos minicursos realizados e da Semana Zero, que ocorreu uma atenção especial centrada no acolhimento ao aluno com a expectativa de criar um ambiente de bem-estar e alegria, gerador de confiança e novas formas de conviver, de aprender e de ser. Na educação podemos ajudar a desenvolver o potencial que cada aluno tem, dentro das suas possibilidades e limitações. O estudante ao sentir-se valorizado e considerado no meio em que está inserido se torna responsável, prestativo e comprometido com suas ações.

Rios (2010) afirma que a melhor qualidade de ensino se revela na definição

dos caminhos para se fazer a mediação entre o aluno e o conhecimento. Porém, é fundamental considerar e ter como referência as características do contexto em questão e o que se deseja criar, superando limites e ampliando possibilidades. "A função social do educador é ser agente de transformação." (SERRÃO; BALEEIRO, 1999, p. 25). Assim, destaco que nas ações ocorridas durante o planejamento e realização da programação aos calouros, teve a escuta sensível dos coordenadores e professores, que atuaram como protagonista nos direcionamentos desses caminhos, ou seja, na maneira de agir e no olhar para o outro, nesse caso os alunos/calouros.

O evento da III SIPAT, paralelo às atividades curriculares da faculdade, se destacou ao potencializar a humanização nas relações sociais e pela escuta sensível dos seus organizadores na seleção dos assuntos das palestras realizadas (ver anexo C) e nas atividades de encerramento ao proporcionarem interação e acolhimento aos participantes: alunos, professores, funcionários e equipe gestora.

É fundamental um ambiente de aprendizagem romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino e aprendizagem, principalmente em uma faculdade que prioriza o saber-fazer, e possibilitar um saber onde a interação e a comunicação são fatores de construção da aprendizagem.

A dinâmica da pesquisa-ação solicita do pesquisador uma escuta sensível que é sinalizada pela empatia e pela sua coerência.

Pereira e Hannas (2000, p. 38) consideram que a educação deve "incentivar novas formas de relações entre as pessoas com base no respeito, na parceria, na cooperação, e isso já deve acontecer no próprio estilo de vida da escola." Acrescento que a escuta sensível nos convida, através do ouvir-ver-sentir, para um olhar mais atento e solidário às nossas ações. E assim, entendo que as autoras (2000, p. 24-25) completam o meu pensamento quando fazem o seguinte questionamento: "Será que vamos continuar considerando verdadeiro o que captamos pelos sentidos físicos e não verdadeiro aquilo que não pode ser captado por esses sentidos?", e vão adiante em suas reflexões ao perguntarem: "Será que vou conseguir "educar" um ser que não conheço? E, neste caso, para quê? Será que basta ensinar a ler, escrever, contar, trabalhar para que o homem se sinta feliz? Você acredita nisso? Quem aprende isso está feliz?"

A escuta sensível é também o exercício da empatia, e na educação ela faz a diferença. Uma escuta que traz sua contribuição ao abrir novos horizontes na

concepção de ensinar, aprender, conviver e ser.

A educação exige e pede mudanças de paradigmas, mas, para que isso aconteça é necessário que cada um de nós, em sua área de atuação, seja capaz de mudar ou refletir a sua maneira de ver, entender e agir.

5.2 A escuta dos professores

A formação do professor, que incorpora uma escuta sensível e visão holística na educação, tem a função de proporcionar o exercício de uma prática docente que visa o ser humano como um ser completo, possibilitando a integração de vários saberes, entre eles: saber-ser, saber-fazer, saber-conviver e saber-aprender. Assim, contribuindo para que o professor possa adotar novas práticas pedagógicas e novas posturas com relação à educação, através do conhecimento de si mesmo, da sociedade, da natureza e do universo.

O professor não deve ser um estranho para seus alunos, e sim, alguém que inspire confiança. Como já dito, reforço a ideia que a escuta sensível é um convite para nós, professores, a ter diferentes olhares para a diversidade de contextos, um escutar que abre possibilidades para novas formas de sentir, querer e agir.

O processo de formação e aprendizado de um professor é contínuo, e por melhor que seja a sua formação, ele sempre tem algo novo a conhecer e a vivenciar. E, é na relação professor e aluno que esse aprendizado se intensifica. Cerqueira e Souza (2011) ao fazerem referência ao aprendizado contínuo e permanente do professor afirmam:

O professor que se permite vivenciar o processo educativo, o ambiente da sala de aula, o contexto escolar, com uma postura flexível, receptiva, **vivencia a educação na sua plenitude**, pois a educação não é puramente os atos de ensinar e aprender, mas sim de conhecer, desvendar, surpreender, inovar, aventurar. (CERQUEIRA; SOUZA, 2011, p. 40-41, grifo nosso).

Cerqueira e Souza (2011, p. 41), consideram que o aluno necessita “ser acolhido em toda a sua complexidade, ser aceito nas suas dificuldades e capacitado para vencer suas limitações”, e que o bom docente é aquele que é capaz de vencer as adversidades de sua profissão e ter uma prática diferenciada. As autoras também destacam a necessidade da sensibilidade do professor para as suas práticas e ações docentes. Mas, também afirmam: “Pode ser que os diplomas e títulos não

deem ao profissional da educação o ponto alto da sua prática: a abertura e sensibilização ao outro.” É essa sensibilidade ao outro que precisa ser desenvolvida e incitada na formação do professor, independente da sua área de conhecimento e atuação.

Na pesquisa de campo, conversei com os professores, sujeitos da investigação, em várias situações, em grupo ou individualmente, sempre no campus da FATEC – Sorocaba.

Faço a seguir, um breve relato de cinco conversas com os professores, destacando o que considero ser fundamental para a composição da análise e discussão desta tese. Cada diálogo teve uma particularidade na sua articulação, escuta e dinâmica de condução; momentos singulares e de aprendizagens. Esses momentos serão apresentados de forma aleatória, não em ordem de acontecimentos, indicados por letras, como por exemplo, Escuta A. Utilizo o termo escuta para representar a interação, pois a escuta requer uma disponibilidade para o outro. E, foi isso que ocorreu nestas conversas.

Todos os professores, que contribuíram e participaram desta pesquisa, através de seus relatos, são do sexo masculino e a faixa etária está entre trinta e sessenta anos. Esta observação é apenas uma curiosidade, pois, nas análises, não foram levados em consideração esses dados.

Esses relatos estão relacionados com a segunda questão de pesquisa: **O escutar professor-aluno acontece no processo ensino e aprendizagem?**

Escuta A:

Este professor ministra uma disciplina básica nos dois primeiros semestres dos cursos de mecânica: Projetos Mecânicos e Fabricação Mecânica. Também é docente do curso de Polímeros, na FATEC – Sorocaba.

É um professor que se preocupa com a aprendizagem e contextualização dos conteúdos programáticos em sua disciplina. E, sempre procura alternativas que estimulem o interesse do aluno para a temática que está desenvolvendo.

Contou com ênfase que em suas avaliações escritas coloca imagens para facilitar a interpretação e solução da situação-problema apresentada. Destacou que em uma dessas avaliações decidiu fazer cópias coloridas das provas, para a melhor visualização dos detalhes. E qual não foi a sua surpresa, quando recebeu elogios

por parte dos alunos, ao mencionarem que o colorido das imagens havia facilitado a interpretação. A partir daquele dia, as suas avaliações passaram a ser todas coloridas. A faculdade não fornece cópias coloridas; portanto, são pagas pelo próprio professor.

Ouvi, pelos alunos deste professor, depois confirmado por ele, que o docente fica sempre no final da aula esclarecendo as dúvidas dos estudantes, e, o mais importante, sem pressa. Senta ao lado do aluno e fica com ele até que compreenda o exercício proposto, mesmo após o encerramento das aulas do período noturno. As luzes dos prédios estão se apagando, e lá está o professor tirando dúvidas!!! Este, entre outros comportamentos do professor, consolida o olhar para o outro e a disponibilidade de estar com o outro; uma abertura para o outro através da escuta sensível.

Outro fato que o professor mencionou, e demonstrou alegria em sua expressão, foi que, mesmo ele ministrando sua disciplina somente nos dois primeiros semestres de cada curso, já foi convidado para ser paraninfo de turma por diversas vezes. Disse, que na faculdade o normal é o professor do último semestre do curso ser escolhido para paraninfo. Conversamos sobre o reconhecimento do acolhimento do professor em relação aos alunos. Pois, na educação superior, como nos demais níveis, ocorre a necessidade dos alunos serem escutados e acolhidos.

O aluno "invisível" foi também um dos assuntos discutidos, pois essa é uma das inquietações do professor. Mas, o que é o aluno invisível? O aluno invisível é aquele, que em geral, não é "observado" pelo docente, pois esse aluno não é o melhor e nem o pior. O professor destacou que na educação superior esse fato ocorre com frequência, e vai além quando revela que, mesmo ele, que tenta valorizar cada aluno, ainda assim, não consegue atingir todos com a sua atenção. O professor desabafou: "Não posso esquecer do aluno invisível, esse é um dos meus propósitos."

Entre os vários caminhos para solucionar o "problema" do aluno "invisível", o professor destaca a importância de planejar dinâmicas de ensino variadas, pois, nem todos os alunos aprendem do mesmo modo. Porém, para ele, um dos obstáculos em trabalhar com práticas diversificadas é conseguir dar conta de todo o conteúdo programático.

O professor disse que está realizado com a sua profissão e tem encanto pelo que faz, porém, deseja aperfeiçoar a sua didática de ensino para melhor

corresponder às expectativas e necessidades dos alunos.

Considero que este professor, apesar de lecionar em uma faculdade onde a razão, a prática e o conteúdo se sobressaem, age com amorosidade e visa o aluno como um ser total. Que alegria sentir e presenciar essa postura docente ao fazer referência à educação superior! Revelo que este professor doutor foi meu aluno há trinta anos, no meu início de carreira como professora. É ou não é gratificante presenciar um profissional com essa atitude?

Saliento que este professor sempre se disponibiliza e participa de programações/eventos que acontecem na faculdade, junto com os alunos. Mas, há vários professores, de diferentes cursos, que quando solicitados para apreciar um determinado evento com os estudantes, não dispensam de suas aulas. Alegam que não darão conta de cumprir o conteúdo programático. E, o pior disso tudo, é que reclamam em reuniões de coordenação do barulho e do inconveniente causado naquela ocasião.

Tenho a mesma certeza que Cerqueira e Souza (2011, p. 40), quando consideram que um professor não se torna um grande mestre apenas através de muitos diplomas e certificados, mas, principalmente por meio de sua capacidade de se dispor a aprender com o outro, ser flexível às diferenças e aos novos conhecimentos e, acima disso, procurar a humanização das relações no ambiente escolar. E acrescento, "o educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo." (MORAN, 2013, p. 25).

Escuta B:

A primeira manifestação deste docente, ao se posicionar sobre a sua relação professor e aluno, aconteceu na reunião que eu, a pesquisadora, tive com os professores e coordenadores do curso de mecânica. Nesse encontro ele comentou com todos os presentes que, no início de cada bimestre, ele tem uma postura de escuta com seus alunos. Mencionou que no primeiro dia de aula conta a sua trajetória de vida para servir como exemplo e motivação para os alunos, acrescenta que os desafios existem, mas, podem ser superados.

Este professor, por observar e já constatar em outros semestres que as turmas dos cursos de mecânica são heterogêneas, pede para os alunos se

apresentarem, e assim, ele consegue identificar a origem desses alunos, o que fazem, os interesses e as prováveis defasagens em relação ao conhecimento necessário para o acompanhamento do curso escolhido.

No dia da reunião, após a fala deste professor, o professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos reforçou o trabalho diferenciado que este docente faz com os alunos: atividade com projetos. Fiquei muito motivada com o trabalho deste professor, pois, eu, como professora e pesquisadora acredito e comprovo a eficácia de práticas com projetos.

Tive outra oportunidade de conversar com este professor, ao presenciar um evento promovido por ele; a apresentação de um projeto desenvolvido com seus alunos do segundo semestre do curso de Projetos Mecânicos, diurno. Este professor desenvolve, por meio de projetos de trabalhos, atividades que tem como meta relacionar o conteúdo da disciplina, motivar e instigar a criatividade e autonomia do aluno.

A apresentação dessa atividade (ver anexo G) foi no lago da FATEC – Sorocaba, e os projetos desenvolvidos foram: barcos hovercraft (três projetos) e drone (um projeto). Achei muito interessante a proposta dos projetos, além da socialização entre os alunos e professores. Este professor, idealizador da atividade, convidou, por meio de e-mail, todos os professores dos cursos de mecânica a levarem seus alunos para participarem da demonstração dos barcos hovercraft e drone. Essa atividade foi apresentada no final do primeiro semestre de 2016, no período da manhã.

A minha presença nesse acontecimento me possibilitou, além de assistir a exposição dos projetos desenvolvidos, estar em contato com o professor e com os alunos que realizaram essa atividade. Através da minha escuta: ver-ouvir-sentir, constatee a cooperação, responsabilidade, envolvimento e socialização entre os alunos dos diversos grupos e o professor.

Este professor, o organizador do projeto, registrou com a sua câmara fotográfica os momentos dessa socialização entre alunos, professores e coordenador. O professor disponibilizou essas fotos para a minha pesquisa, com vinte e nove imagens.

Este docente, após a mostra dos trabalhos, fez um comentário, para todos os presentes, sobre o desempenho e envolvimento dos alunos, e destacou a finalidade dessa atividade na vida acadêmica e profissional. O professor salientou que

direciona o trabalho, mas, cabe a cada grupo criar e desenvolver a proposta solicitada. E, ao fazer menção à nota final dos trabalhos, disse que todos mereciam dez pelo trabalho desenvolvido, e que o mais importante foi o aprendizado ocorrido.

Faço referência à escuta sensível deste professor na condução e avaliação dos projetos desenvolvidos pelos alunos, pois, ao presenciar a exposição, foi visível que nem todos os projetos tiveram o mesmo desempenho. A atitude do professor foi acolhedora; os alunos se sentiram valorizados e impulsionados a aperfeiçoar os seus projetos, e ao mesmo tempo, compreenderam a importância de aliar a teoria com a prática para a execução de um excelente trabalho. Foi mencionado também que a dedicação e o envolvimento de cada um pode ser o diferencial para o seu sucesso acadêmico, profissional e pessoal.

Após o encerramento da atividade, os alunos foram dispensados e eu fiquei conversando com o professor. O foco da nossa conversa foi sobre a educação, e um dos assuntos enfatizados foi a importância da formação e vivência do professor para a condução e objetivos da disciplina ministrada. Também discutimos que as aulas devem ter sentido para o aluno e prepará-lo para a vida, porém, isto não é tarefa simples e exige a escuta e sensibilidade do profissional para esse direcionamento.

O nosso diálogo se estendeu até o estacionamento do campus da FATEC – Sorocaba. O professor, em vários momentos, relacionou a sua atitude de docente com a sua vida profissional, acadêmica e pessoal. Foi verbalizado também a postura do professor empático, pois além de compreender o aluno, ele o acolhe. Mesmo em situações semelhantes, cabe a cada professor a sua sensibilidade de reação e ação.

O professor se colocou à disposição para outras conversas, caso eu precisasse de mais informações para a minha pesquisa.

A postura deste professor em relação à prática e ação docente pontua que, mesmo em uma faculdade que prima pelo tecnológico, há condutas com visão holística na educação. Constato em minha pesquisa que ele não é exceção, e o que falta é o olhar e a socialização dessa postura ao fazer referência à educação superior.

Uma das características de ensino com projetos de trabalhos (Hernández, 1998) é a importância da atitude de escuta, o professor como base para construir com os alunos experiências substantivas de aprendizagem. Uma aprendizagem substantiva é aquela que não tem um único caminho, permite desenvolver uma

atitude investigadora e ajuda os estudantes a darem sentido às suas vidas (aprender deles mesmos) e às situações do mundo que os rodeia. De acordo com Fernando Hernández (1998), há muitas maneiras de garantir a aprendizagem; trabalhar com projeto é apenas uma das opções. Sabemos que aprendemos com nossos sentidos e sentimentos, com nossas emoções e a nossa razão. O trabalho com projetos traz uma nova perspectiva para entendermos o processo de ensino e aprendizagem. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. Nessa postura, todo conhecimento é construído em estreita relação com o contexto em que é utilizado, sendo, por isso mesmo, impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo. “Na medida em que os homens empreendem e realizam projetos, juntos eles se interagem.” (ARDOINO, 1998, p. 24).

Observei que o trabalho com projetos contribui para uma aprendizagem substantiva, tendo como protagonismo a escuta do professor ao identificar as necessidades e interesses dos alunos. E assim, a escuta sensível do professor, aliada à sua formação docente e pessoal, favorece a flexibilidade e coerência de ações na sua prática, direcionando uma aprendizagem centrada na formação do sujeito em um saber-ser. Mesmo intuitivamente, a sensibilidade do professor ocorre devido a integração ouvir-ver-sentir; percepção essa, essencial para compreender os alunos e o contexto onde atua.

Escuta C:

Professor que atua na FATEC – Sorocaba há quase trinta anos. Ministra disciplina técnica e suas aulas são teóricas e práticas. Acredita que no início de suas funções como professor era mais rigoroso e exigente ao retorno dos conteúdos desenvolvidos, do que atualmente. Centralizava as suas aulas no saber-fazer, pois os alunos tinham e têm que executar peças mecânicas que solicitam muita habilidade, precisão e conhecimentos práticos e teóricos.

O seu cuidado com os alunos em relação à segurança, nos ambientes da oficina e laboratório de CNC (Comando Numérico Computadorizado), faz com que alguns estudantes o considerem muito rigoroso e pouco flexível em suas ações. O professor disse que com segurança não se brinca e, por isso, os alunos devem usar E.P.I (Equipamento de Proteção Individual), o mesmo procedimento de segurança

que a indústria mecânica exige.

Em sala de aula, busca motivar e instigar os alunos para uma especialização em sua área de interesse, para serem líderes ou empreendedores. Falou sobre a importância da experiência que o aluno adquire dentro da sala de aula, laboratório e oficina mecânica. Experiência essa, que faz a diferença para aqueles alunos que trabalham “no chão de fábrica”. Nesse processo de aprendizagem ocorre troca de experiências, entre alunos e professor.

Em sua fala, observo que sempre foi muito dedicado ao ensinar os alunos, ao esclarecer as prováveis dúvidas e preocupado com a segurança no laboratório e oficina mecânica. Fora da sala de aula e do ambiente da oficina é comunicativo e brincalhão.

Disse que está mais flexível em suas práticas e ações docentes, mas, o rigor e a exigência na execução dos materiais produzidos, ainda, se sobressai. Pontuou que sua postura atual teve mudanças significativas; agora busca uma harmonia na valorização entre o saber-fazer e o saber-ser; antes, o saber-fazer predominava.

A sua escuta sempre o direcionou, mas pontuou, que por várias vezes, impôs-se a razão sobre a emoção. Acredita que hoje, a sua relação com os alunos é dialógica, e que está mais atento às necessidades e anseios dos alunos, seja no âmbito pessoal, acadêmico ou profissional.

Este professor é o atual presidente da Cipa da FATEC – Sorocaba, e como já mencionei, ele promoveu a III SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho). Participei com este professor na escolha do slogan: “Uma visão com ação pode mudar o mundo! Podemos fazer a diferença” (ver anexo D), além de ser solicitada por ele, para dar o meu parecer sobre os demais temas escolhidos pela equipe gestora da Cipa e convidada para ser uma das palestrantes do evento. Desenvolvi o tema “Ser sustentável: o olhar para o outro”. As atividades da III SIPAT (ver anexo F), visou a formação do ser integral e não somente a formação profissional.

Na visão deste professor, presidente da Cipa, a III SIPAT foi caracterizada por uma atitude de acolhimento e convivência entre funcionários, professores e alunos. Essa programação focalizou a formação para a cidadania. Porém, em geral, a maioria dos eventos, já realizados na faculdade, tiveram como objetivo a capacitação para o mercado de trabalho.

Finalizei a nossa conversa dizendo que a sensibilização do ser humano

promove sentido em suas ações e abertura para o outro, e que é preciso a busca do equilíbrio entre o racional e o sensível. O professor concordou.

Escuta D:

Com este professor eu tive mais de dois encontros e, conseqüentemente, várias escutas. Em cada encontro houve a socialização de uma nova experiência ao relacionar o professor e o aluno. Fatos que retrataram acolhimento e até autoritarismo por parte do professor. É fundamental ao escutar, compreender todo o contexto da situação, e não simplesmente, o caso pelo caso.

Um dos fatos apresentados pelo professor se refere a um aluno que tinha uma atitude de indiferença frente as suas aulas, não participava na resolução dos exercícios propostos e nem nas atividades em grupo, e também, não solicitava o auxílio do professor para o esclarecimento de suas dúvidas. Mostrava-se indiferente a tudo e a todos. Conforme disse o docente, esse aluno não obteve aprovação em sua disciplina. No semestre seguinte, lá estava o aluno, novamente, em suas aulas. O professor destaca que quando começou a dar uma atenção diferenciada ao aluno, e sem censurar o seu comportamento, esse começou a falar e a socializar que tinha problemas de horário no serviço e que naquele semestre ele não queria ser reprovado novamente. A partir dessa atitude de aproximação do professor, o aluno começou a se relacionar com os colegas de turma e esclarecer suas dúvidas com o docente. Esse aluno obteve aprovação naquele semestre. Este professor considerou que teve uma postura de escuta sensível com o aluno.

Outro fato de acolhimento por parte deste professor envolveu vários alunos em uma mesma situação. Este professor ministra uma disciplina, que além dele, tem mais dois professores que lecionam a mesma matéria, e no mesmo semestre. Em um certo dia, no final de uma de suas aulas, após a saída de uma turma de alunos, adentraram à sala de aula seis estudantes, nenhum deles seu aluno. O professor estranhou aquela "invasão", mas se colocou à disposição para ouvi-los. A primeira pergunta que fizeram foi se ele ministrava "determinada" disciplina. Ele confirmou. Um desses estudantes disse ao professor que eles estavam com dificuldade para entender as explicações do outro professor. Pediram com insistência para que ele esclarecesse as dúvidas, pois já tinham ouvido falar que ele explicava de modo diferente, o que facilitava a compreensão. O professor tentou dizer não, porém, não

conseguiu devido às argumentações dos alunos. E, acabou por esclarecer suas dúvidas. Ficou com eles na sala por mais de uma hora. Os alunos se despediram agradecidos. No final dessa semana, dois desses alunos, passaram pela sala em que este professor estava, e fizeram o sinal de positivo, simbolizando que eles foram bem na avaliação com o outro professor.

Este professor falou que esse tipo de situação é comum na faculdade, pois há alunos que se identificam melhor com um professor do que com o outro, seja na maneira de explicar ou até na própria postura de atuação com os alunos.

Outros casos de acolhimento foram comentados por este professor, porém cada caso tem uma particularidade diferente. Houve um caso em que o aluno não teve o seu problema solucionado pelo docente, mas, saiu da sala de aula agradecido, só pelo fato de se sentir escutado.

Este docente leciona mais do que uma disciplina, e suas aulas são teóricas e práticas em laboratórios. O professor disse que tem um ótimo relacionamento com seus alunos, seja dentro e fora da sala de aula. A dinâmica de suas aulas favorece a interação dos alunos entre si e com o professor, além de ter práticas diferenciadas de ensino e aprendizagem; não mencionou como ocorre esse processo. Falou que centraliza em suas aulas o saber-fazer, pois em uma faculdade de tecnologia essa é uma das características predominantes, porém, busca o equilíbrio entre o saber-fazer e o saber-ser.

O docente destacou um caso que aconteceu em uma sala de aula, em que ele perdeu o controle da situação e teve que usar a sua autoridade de professor. Argumentou que naquele momento houve uma escuta que direcionou a sua ação, mas não uma escuta sensível de acolhimento. Simplificando o ocorrido, o professor disse que ele estava explicando um assunto quando ele percebeu que seus alunos estavam distraídos: conversando ou “mexendo” no celular. Ele imediatamente, mandou os alunos se retirarem da sala. Assustados com a atitude do professor e com o tom da sua voz, os alunos silenciaram.

O professor não tem comportamento de um especialista autoritário em suas práticas de ensino e aprendizado, mas naquele dia, ele usou a sua autoridade de professor para conter a indisciplina entre os alunos; caso raro de acontecer em suas aulas.

Considero fundamental que se estabeleça uma relação entre professor e aluno centrada em uma relação dialógica e construtiva, mas é imprescindível o

respeito mútuo nessa interação.

Escuta E:

Este professor, na reunião com os professores, coordenadores e a pesquisadora, se manifestou e sugeriu que, pelo menos uma vez por bimestre, ocorra uma palestra com foco na sensibilização e na humanização das relações. Mencionou, que devido os cursos da FATEC – Sorocaba focarem a dimensão técnica, a dimensão afetiva fica em segundo plano. Ressaltou que o professor de uma faculdade de tecnologia não faz essas reflexões no ambiente educacional, e vai além quando disse que nunca viu em nenhuma faculdade ou universidade uma abordagem e sensibilização como a proposta da pesquisadora.

Concordou com a pesquisadora quando essa destacou que o acolhimento e a escuta do professor são importantes para o direcionamento das práticas e ações docentes. Disse que acha fundamental essas discussões na educação superior. Ele lembra que a sua formação foi estritamente técnica e focalizada no saber-fazer.

Nesse encontro o professor comentou a sua relação de escuta com seus alunos, e falou que, principalmente com os alunos do período noturno, a sua atuação como docente é autoritária. Justificou a sua atitude quando disse que a maioria desses alunos são “peões” de fábrica e estão acostumados a serem tratados dessa maneira pelos seus chefes. Respeita todos os seus alunos, dentro e fora da sala de aula. Considera importante a troca de experiência entre professor e aluno, porém, em alguns momentos, acaba tendo a postura do detentor do saber. Em vários momentos, mas, de forma expressiva diferente, ele deixa claro que os alunos que entram na FATEC – Sorocaba já entram esperando uma postura autoritária dos professores, devido ao “rótulo” de ser uma faculdade que prima pelo ensino tradicional e tecnicista. Não permite, em momento algum, que os alunos usem celular em suas aulas, seja para pesquisa ou para tirarem foto da lousa ou material apresentado.

Tive outro encontro com este professor, na sala da coordenação de Projetos Mecânicos, mas não tivemos tempo para uma discussão. Este professor se colocou à disposição para qualquer esclarecimento para a minha pesquisa. Novamente mencionou que a temática da pesquisa é muito pertinente na educação superior. É um professor muito atencioso e simpático, porém não consigo imaginar a sua

postura autoritária em sala de aula.

Observei que os professores se empolgavam em contar determinado fato ao perceberem que eram escutados pela pesquisadora. Quando uma pessoa percebe que está sendo escutada, a sensação é de que está sendo compreendida (ROGERS, 1977). A escuta sensível dá essa sensação de acolhimento; é uma de suas características.

A postura do professor reflete a sua formação como sujeito. Formação essa, permeada de seus valores, ideias, emoções, experiências, os saberes específicos, motivações, sensibilidade e outros, em que, de certa forma, contribui para o ensino e aprendizagem do aluno. Não podemos esquecer que a realidade é dotada de vida, pontuada por diversas manifestações, como: surpresas, anseios, iniciativas, desistências, ilusões e decepções. Cabe a cada um de nós, educadores, sermos protagonistas de nossas práticas e ações, e se possível, aliada com a formação de uma escuta sensível e visão holística na educação.

Destaco a seguir, por intermédio de temáticas, listadas com os seus respectivos desdobramentos, as informações coletadas por meio da observação e pesquisa participante, e que foram consideradas por mim, a pesquisadora, como relevantes para a análise e discussão deste estudo.

TEMÁTICAS	DESDOBRAMENTOS
• Escuta	• Individual e coletiva • Sensibilidade • Acolhimento • Autoritarismo • Mediação • Disponibilidade para o outro • Ouvir-ver-sentir • Direcionamento das ações
• Integração	• Alunos, professores, coordenadores, funcionários, diretor e pesquisadora • Respeito e aceitação
• Identidade	• Pessoal, acadêmica e profissional • Prática e ação docente
• Comunicação	• Fala • Gesto • Silêncio • Disponibilidade para estar com o outro
• Grupo	• Convívio em grupo (socialidade) • Parceria • Cooperação • Reunião de coordenadoria
• Eventos/Programações	• Programação especial de recepção aos calouros • III SIPAT (palestras, piquenique comunitário e plantio de árvores frutíferas) • Apresentação de projetos/trabalhos dos alunos do curso de Projetos Mecânicos - diurno
• Pesquisa-ação	• Escuta sensível • Implicação e coerência do pesquisador • Observação e pesquisa participantes

Quadro 1 – Temáticas e desdobramentos, tendo como instrumento principal de coleta de dados a observação participante.

5.3 Retomando as questões de pesquisa

Esta pesquisa constou de uma pesquisa teórica e uma pesquisa empírica, realizadas concomitantemente e de maneira que houve implicação e diálogo entre elas, ou seja, teve a busca da conexão entre discurso e prática. A pesquisa de campo que foi realizada na FATEC – Sorocaba teve duração de nove meses, aproximadamente.

Tendo chegado ao final das análises, considero relevante fazer uma retomada das questões de pesquisa e verificar se as minhas indagações foram respondidas, além das conclusões obtidas. Neste caminho percorrido fui impulsionada pela dúvida

e questionamentos e não pela certeza

Ao retomar as questões de pesquisa menciono novamente alguns autores e ideias para a argumentação.

A tese, que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação, surgiu quando problematizei, por intermédio de observações e conversas informais com docentes e discentes, leituras/pesquisas diversas (jornais, internet, artigos, livros e outros) que a relação que se estabelece entre professor e aluno está centrada em um saber-fazer (razão), ficando em segundo plano a preocupação com a formação do sujeito (saber-ser). Entendo que a formação do ser em sua totalidade se estabelece a partir das interações com o outro em seus diversos contextos, e assim, a “ação formativa [deve] produzir um “conhecimento experimental” dos problemas, que se pode opor ao conhecimento intelectual.” (ARDOINO, 1971, p. 70).

Ao considerar que os professores estão sendo, cada vez mais, solicitados a desempenhar uma prática que não exige apenas competências cognitivas na ação de ensinar, mas também, uma prática em que se deve agregar valores e atitudes indispensáveis a uma postura profissional aberta, capaz de criar e experimentar alternativas para os desafios que se apresentam, formulei a minha primeira questão de pesquisa: **Qual a formação do professor? Ou seja, a formação do professor está centralizada no desenvolvimento humano integral (saber-ser)?**

Minha busca de respostas para a primeira questão teve embasamento teórico e empírico. Através da fundamentação teórica eu obtive informações que complementam e esclarecem o que observei na pesquisa de campo. Portanto, para responder a essa questão, através do estudo teórico, fiz um recorte da temática do capítulo dois que pontua esse questionamento ao fazer referência à necessidade da formação do professor centrada na formação do ser em sua totalidade e não apenas no cognitivo.

A formação do professor precisa da prática e da fundamentação teórica para a construção de um saber/fazer pedagógico, e assim, adquirir a preparação conveniente para conduzir o ensino conforme a necessidade e contexto dos aprendizes. Porém, a partir de análise das ementas das disciplinas de formação profissional se constata que prevalecem os referenciais teóricos com pouca ênfase às práticas educacionais, comprometendo a relação teoria-prática essencial para a base formativa do professor.

A formação de professores tem focalizado o ensinar, sem preparar o professor para lidar com situações de conflitos ou mesmo de confrontos em sala de aula. Gatti e Barreto (2009) defendem que a formação do professor não deve enfatizar o ensinar, transmitir informações somente, mas também criar um ambiente de aprendizado em que o futuro professor tenha mais satisfação, alegria, paixão e envolvimento em aprender algo novo ou recriar o conhecimento. Entretanto, as escolas, independente do nível de ensino, ainda se preocupam principalmente com o conhecimento intelectual deixando de lado o conhecimento emocional, e assim, centralizando a educação no saber-fazer (razão).

Gatti (2006) considera que um diploma não define um profissional, e que além dos cursos de formação de professores, com certeza, outros cursos precisam ser repensados para um melhor desempenho docente. É essencial que os professores reconheçam que a sua profissão possui uma missão social e compreendam que os conhecimentos estão interligados, para que possam dialogar com vários campos de conhecimentos, e não somente a disciplina de sua licenciatura. A formação que se dedica ao desenvolvimento humano, e não somente à incorporação de conhecimento, permite que o educando seja mais completo como pessoa e profissional.

Ao analisar o Currículo Lattes dos docentes, do curso de mecânica da FATEC-Sorocaba, através do site da FATEC – Sorocaba (<http://www.fatecsorocaba.edu.br>) e da Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/>), constato, as seguintes formações: bacharelado: 42,55%; tecnologia: 34,04%; licenciatura: 23,41%. E, em relação à titulação, temos: graduação: 14,89%; especialização: 10,64%; mestrado: 42,55%; doutorado: 31,92%.

Em princípio, a primeira constatação ao analisar o Currículo Lattes é que não temos nenhuma informação concreta sobre a questão que investigo: A formação do professor está centralizada no desenvolvimento humano integral (saber-ser)? Digo informação concreta porque não é explícito essa questão no currículo, porém, a partir dessa observação, faço o seguinte questionamento: Qual a diferença entre bacharelado, licenciatura e tecnologia?

O foco da formação é uma das principais diferenças entre os cursos de bacharelado, licenciatura e tecnologia. Cada um deles forma um tipo de profissional, e isso se reflete também no desempenho da sua profissão.

O bacharelado forma profissionais generalistas, ou seja, os conhecimentos e

interesses se estendem a vários campos, não se limitando em uma especialização. O aluno tem um panorama amplo da área, com disciplinas teóricas e algumas práticas. Ao terminar o curso, o estudante está apto a atuar em diversos ramos de uma mesma área do conhecimento, podendo se especializar em uma delas tanto com a experiência no mercado de trabalho como por meio de pós-graduações.

O tecnólogo é uma formação específica em determinada profissão. O currículo tem uma carga considerável de disciplinas práticas e está ligado às necessidades do mercado de trabalho. São organizados em eixos tecnológicos, uma classificação do MEC (Ministério da Educação) que distribui os cursos por área de atuação no mercado.

A licenciatura forma essencialmente educadores. O currículo conta com disciplinas ligadas à Pedagogia e à Didática. Quem se forma em licenciatura pode ministrar aulas nos ensinos fundamental e médio. O curso de licenciatura está voltado para a atividade de ensinar.

A partir dessa diferença, é possível considerar que os professores com licenciatura têm ou deveriam ter uma formação que busca a harmonia entre o saber-ser e o saber-fazer, pois, há em seu currículo tanto disciplinas específicas para a sua formação, como há disciplinas direcionadas à Pedagogia e à Didática. A Pedagogia tem como objeto de estudo a educação e busca melhorar a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem ao fazer a relação entre teoria e prática. Além de promover debates sobre as doutrinas pedagógicas no contexto social do aluno; como é a vivência do estudante no ambiente escolar; e qual o papel dos professores na educação das sociedades contemporâneas. A Didática trata de técnicas de ensino, de como planejar uma aula e relacionar o conteúdo a ser explicado levando em consideração o cotidiano e a realidade do aluno. E, tendo como objetivo capacitar o professor a elaborar planos de aula, selecionar e organizar os conteúdos a serem explicados e criar formas de avaliar o aprendizado.

Em relação a titulação dos docentes, ocorre cada vez mais a exigência de que os professores universitários obtenham os títulos de mestre ou doutor. No entanto, é questionável se esta titulação possa contribuir efetivamente para a melhoria da qualidade didática no ensino superior. Os programas de pós-graduação, de maneira geral, tendem a priorizar em suas atividades a condução de pesquisas. Para ser professor não basta apenas conhecer a fundo determinado conteúdo ou, no caso específico do ensino superior, ser um bom pesquisador. É necessário uma

conexão entre teoria e prática docente.

Segundo Maria Lúcia Vasconcelos (1998, p. 86), há “pouca preocupação com o tema da formação pedagógica de mestres e doutores oriundos dos diversos cursos de pós-graduação do país. A graduação tem sido ‘alimentada’ por docentes titulados, porém, sem a menor competência pedagógica”, ou seja, a formação do professor da educação superior tem se concentrado na especialização dentro de uma área do saber. Destaco que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) não faz menção à formação pedagógica do professor universitário.

Entendo, pela análise do currículo dos docentes dos cursos de mecânica, da FATEC – Sorocaba, que a maioria, excluindo os que têm licenciatura, são formados como especialistas (saber-fazer) e não possuem uma formação centralizada no saber-ser, ou seja, na formação do sujeito. Porém, esta investigação revelou também, através dos relatos e das observações da pesquisadora, que mesmo em uma faculdade que apresenta características centrada em um saber-fazer (razão), pois prima pela formação técnica, há professores com visão holística na educação ao conduzir a sua prática e ação docente. E assim, possibilitam desenvolver o potencial que cada aluno tem, dentro das suas possibilidades e limitações, de forma tal que o sujeito é compreendido em sua totalidade ou completude.

Em síntese, por meio da pesquisa teórica e empírica, observo que a formação do professor ainda está centrada no saber-fazer (razão). Portanto, é essencial na formação do professor, seja na graduação ou pós-graduação, que ocorra a conexão entre a teoria e a prática docente para a construção de um saber-fazer-ser pedagógico.

Partindo da ideia de que a dimensão da escuta sensível é matricial para a profissão de professor, ou seja, a escuta sensível como uma das condições essenciais para a formação e prática docente, elaborei a segunda questão de pesquisa: **O escutar professor-aluno acontece no processo ensino e aprendizagem?**

Uma das funções do professor, no processo de ensino e aprendizagem, é propiciar ao aluno, após a aquisição da informação, a interpretar, a relacionar, a fazer, a criar e a contextualizar, e assim, incitar o desejo de aprender e de conhecer mais. “O processo de ensino-aprendizagem permite ao aluno relacionar o que está aprendendo com os conhecimentos e experiências que já possui, permitindo também que entre em contato com situações concretas de sua vida fora da escola.”

(CARVALHO, 2015, p. 50), torna possível, transmitir ou aplicar o que aprende na escola para outras situações ou momentos de sua vida, seja, pessoal, acadêmica ou profissional.

O professor tem a função de ser o condutor do processo ensino e aprendizagem, mas é essencial que ele adquira a sensibilidade e a sabedoria da espera, ao compreender no aluno o seu limite e aquilo que ele necessita em sua formação.

Considero que a escuta sensível na educação seja uma das diretrizes para o trabalho pedagógico, independente do tipo de ensino, pois contribui para interligar as ações de reciprocidade, intercâmbio e diálogo entre professor e aluno. Entendo a reciprocidade como a relação social, o intercâmbio sendo a troca de experiências, e, o diálogo a disponibilidade de estar com o outro, na manifestação de acolhimento.

O professor que tem a escuta como uma habilidade desenvolvida, torna-se uma pessoa mais receptiva, afetiva, realizada e realizadora em suas ações.

Moran (2013), Naranjo (2015a), Morin (2014), Crema (2014) e Maturana (2009) sustentam a ideia que a formação de professores deve investir em uma didática afetiva, em que o objetivo é preparar os professores para que eles se aproximem dos alunos de forma mais afetiva e amorosa, para que sejam capazes de conduzir o aprendiz ao desenvolvimento do autoconhecimento, respeitando suas características pessoais. Portanto, temos a necessidade de uma nova pedagogia que tenha como meta uma visão global que possa orientar a nossa ação local, integrando saber e ser, ou seja, precisamos ter a visão holística na educação e a sensibilidade da escuta para direcionar as práticas e ações docentes. Só compreende o outro quem aprendeu a se conhecer, ninguém dá o que não tem. Como queremos que o professor escute o seu aluno ou o compreenda em sua totalidade se ele não foi devidamente formado para isso?

Naranjo (2005), afirma que necessitamos de uma sociedade diferente, mais humana e íntegra, e que a educação exige professores comprometidos e dedicados ao desenvolvimento humano com competências para modificar práticas educacionais. O autor considera que a instituição educativa, como órgão social, esquece de sua função que é a formação do ser em todas as suas dimensões, e portanto, precisa resgatar o seu papel que é formar pessoas mais solidárias e sensíveis ao outro. A educação para o sensível visa as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora os conhecimentos.

Naranjo (2005) constata que a nossa educação e sociedade valorizam o ensino cognitivo desprezando os demais aspectos do ser humano, e por isso, chama a atenção para a urgente necessidade da valorização do indivíduo como um ser total, priorizando uma educação holística. Destaca que a forma tradicional de educação acarreta uma grande insensibilidade no aprendiz e que a educação holística desperta a capacidade amorosa do ser afetivo como base da boa convivência e da participação.

Destaco que muitos acontecimentos que entendemos como “corriqueiros” no dia a dia da relação professor-aluno, em que ocorre uma intervenção por parte do docente em solucionar o caso, não deixa de ser considerado como uma forma de ação a partir da escuta. Na carta do dia 15 de junho de 2016, relato um fato que exemplifica o escutar do professor ao mostrar preocupação com o desempenho do aluno. Uma ocorrência comum para o professor pode ser algo nunca presenciado ou vivido pelo aprendiz e, portanto, exige uma atenção. Ou seja, o escutar é um direcionamento para as nossas ações, sejam essas de acolhimento ou não.

A relação com as pessoas retrata formas diversificadas de perceber, de sentir, de pensar, de agir, de interagir. Na educação podemos ajudar a desenvolver o potencial que cada aluno tem, dentro das suas possibilidades e limitações; mesmo que seja de uma forma individualizada.

Anete Abramowicz (2000, p. 10), ao fazer referência à escuta sensível e formação do professor, considera: “Cada questão de um aluno, cada fala própria, cada escrita, contém potências de questionamento e evocação de alguma novidade ou dúvida que aqueles que se propõem a ser professores não podem ignorar.”

A terceira questão de pesquisa: **A partir da escuta, como criar um clima no ambiente escolar que estimule o interesse e a participação efetiva do aluno nas aulas e atividades do seu curso?** é relevante levar em conta que a construção de um bom clima no ambiente escolar facilita no desenvolvimento de propostas educativas e projetos que valorizem aqueles que compartilham o mesmo espaço.

Um dos objetivos da educação é preparar o cidadão para resolver situações da vida, e a ação educativa tem como elemento fundamental o aperfeiçoamento das relações sociais. Sendo assim, o docente com visão holística realiza ações e atividades educativas que visam desenvolver o potencial de cada aluno dentro de suas possibilidades, vivências, interesses e limitações, e desse modo, contemplar o ser humano integralmente.

Para Ardoino (1998, p. 34), “o estabelecimento escolar é um lugar de vida, uma comunidade, que reúne um conjunto de pessoas e de grupos em interação recíproca”, e vai além ao considerar que “as relações que o vivido coletivo tece no decorrer das situações sucessivas estão inscritas numa duração, carregadas de história.”

O clima escolar e a atitude dos professores podem e fazem a diferença no desempenho dos alunos, seja na vida escolar e/ou pessoal do aluno.

Em instituições de ensino, incluindo a educação superior, os processos de ensino e aprendizagem se limitam frequentemente às salas de aulas, desconsiderando a utilização dos espaços da escola para socialização e atividades educativas.

As atividades interativas que envolvem vários alunos, e de vários cursos, exigem planejamentos e objetivos bem definidos, pois, caso isso não aconteça, os participantes desses projetos terão a sensação que aquele momento não teve sentido em sua aprendizagem. Enfatizo que o âmbito escolar é um espaço vivo, tem movimento, e assim, as relações existentes entre seus atores é permeada de afetos; cada ator é ativo em todas as suas potencialidades. Afeto no sentido de afetar, ou seja, de produzir sensações.

Na FATEC – Sorocaba, no período de realização da pesquisa, presenciei e/ou participei de três eventos que foram planejados com o objetivo de integrar o aluno às atividades da faculdade e, em seus diversos espaços. Duas dessas programações tiveram como participantes os alunos dos cursos de mecânica, e a outra atividade foi planejada e desenvolvida para todos os cursos e sujeitos da faculdade: alunos, professores, coordenadores e funcionários.

A dinâmica de recepção aos calouros possibilitou o estar com o outro e a valorização do outro, gestos que proporcionam a sensação de acolhimento. Essa manifestação de acolhimento aos alunos/calouros foi uma ação que rompeu com posturas conservadoras em uma faculdade de tecnologia que prima pelo saber-fazer (razão) e ficando em segundo plano a preocupação com a formação do sujeito (saber-ser).

Considero que a escuta sensível do professor/coordenador de Projetos Mecânicos e dos professores envolvidos na organização do evento, foi primordial para o direcionamento de todas as ações realizadas.

Quando nos sentimos incomodados com algo, ou quando somos defrontados

por problemas ou questionamentos, ocorre a necessidade da busca de soluções e caminhos. E foi o que aconteceu ao realizar a programação especial de recepção aos calouros dos cursos de mecânica.

O programa da III SIPAT constou de palestras, realizadas em dois turnos: manhã e noite, no auditório do campus da FATEC – Sorocaba. E o encerramento ocorreu no sábado com um piquenique comunitário e plantação de árvores frutíferas, em um local próximo ao lago do campus.

Entendo o evento da III SIPAT como uma atividade que vem de encontro com um dos propósitos da minha pesquisa: a visão holística na educação, ou seja, a formação do ser humano em sua totalidade. Acrescento que esse evento, paralelo às atividades curriculares na faculdade, se destacou ao potencializar a humanização nas relações sociais e pela escuta sensível dos seus organizadores ao propor acolhimento e assuntos diversificados aos participantes/alunos dos diversos cursos da FATEC – Sorocaba.

É fundamental um ambiente de aprendizagem romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino e aprendizagem, principalmente em uma faculdade que prioriza o saber-fazer, e possibilitar um saber onde a interação e a comunicação são fatores de construção da aprendizagem.

Outra programação que destaco, foi a atividade realizada por um dos professores, sujeito da pesquisa, com os alunos do segundo semestre do curso de Projetos Mecânicos. O professor, transcende o currículo programático da sua disciplina ao trabalhar com projetos. A proposta dessa atividade, além da interação entre os alunos, foi desenvolver a criatividade, a autonomia e o interesse pela pesquisa ao fazer a relação teoria e prática.

A educação através de projetos permite uma aprendizagem por meio da participação ativa dos alunos, vivenciando as situações-problema, refletindo sobre elas e tomando atitudes diante dos fatos. Ao professor compete resgatar as experiências do aprendiz, auxiliá-lo na identificação de problemas, nas reflexões sobre eles e na concretização dessas reflexões em ações.

Participaram desse evento os alunos envolvidos no projeto, professores e alunos convidados, e um dos coordenadores do curso de mecânica.

Na visão de pesquisadora, entendo que essas programações que eu presenciei e/ou de que participei durante a investigação tiveram a intenção de contribuir com a formação de indivíduos autônomos com uma visão ampla de

mundo, capazes de nele intervir, transformando sua realidade e atuando como cidadãos competentes, comprometidos, participativos, criativos e críticos; tendo como referência a educação integral do ser.

Saliento que em todas as atividades desenvolvidas ocorreram planejamentos e discussões por parte dos seus idealizadores, algumas com a participação da pesquisadora. Essas dinâmicas não ocorreram sem problemas e percalços; dificuldades também apareceram neste percurso e os resultados não vieram imediatamente, o que exigiu comprometimento por parte dos envolvidos para a realização de cada atividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa posso considerar que ela tomou rumos diferentes do meu planejamento ou diretrizes, mas em momento algum deixou de ter a escuta como protagonista e procedimento. Seja na minha implicação como pesquisadora, ao investigar os professores, nos relatos e análise dos dados coletados.

A pesquisa provocou em mim, a pesquisadora, reflexões que ampliaram as possibilidades de discernimento e de um outro olhar para determinadas situações. Assim, através do conflito entre a minha emoção e a minha razão identificar ou reconhecer erros e falhas e corrigi-los. Este estudo trouxe vários questionamentos, certezas e incertezas.

A abordagem da investigação é qualitativa e a metodologia é a pesquisa-ação. A princípio, a pesquisa não se limitou a uma forma específica de ação, pois foi levado em conta o grau de implicação determinado entre a pesquisadora e os participantes. Antes de qualquer consideração, a observação inicial da investigadora foi assistemática.

Cada encontro teve uma particularidade na sua articulação e dinâmica de condução. Entendo essa articulação e condução da investigação entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa como ação. Ação essa que reconhece a alteridade e a implicação de cada um de seus parceiros, bem como os efeitos específicos de suas interações. Uma das características da pesquisa-ação é a interação entre investigador e sujeitos implicados no contexto de pesquisa. A pesquisa-ação obriga o pesquisador de “implicar-se”.

Optei por investigar uma faculdade de tecnologia, porém, acredito que à primeira instância a minha decisão causou estranheza. Pois, como alguém, que intercede por uma educação humanista se interessa em pesquisar uma faculdade que prima pelo ensino tradicional e tecnológico, e que tem como objetivo principal formar profissionais capacitados a atuar em diversas atividades? Por entender que a escuta sensível, quando ocorre na prática do professor, protagoniza direcionamento no exercício de suas atividades com ações de acolhimento, independente do tipo de ensino, decidi verificar se essa postura existia e como acontecia entre os docentes da educação superior que possuem formação profissional e não a formação pedagógica.

Os dados coletados na pesquisa foram relatados por meio de discurso

indireto da pesquisadora, em formato de cartas. E, por que utilizei o discurso indireto e não dei voz aos participantes da pesquisa por meio de questionários, entrevistas, ou através da reprodução de suas falas? O objetivo de utilizar o investigador como instrumento de pesquisa foi dar voz e credibilidade ao pesquisador por meio de sua escuta, sensibilidade e visão de mundo. A escuta abre espaço para compreender a dinâmica estabelecida nas relações que acontece entre pesquisador e participantes. Assim, os dados coletados são apresentados para análise e discussão a partir da implicação, escuta e sentido criado pelo observador/pesquisadora.

Ao escrever as cartas a intenção foi propiciar uma relação entre pesquisador e leitor/ouvinte de uma maneira informal. Desejo que o leitor, enquanto lê as cartas, faça parte deste universo de investigação. A carta atua como expressão de uma dialética que articula a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a ciência e a arte.

As metodologias qualitativas, por romperem com as formas tradicionais de investigação, aproximam os pesquisadores dos sujeitos e do contexto de pesquisa. Essa maneira de condução, em que o pesquisador e os participantes dialogam, faz nascer uma nova síntese; estabelecendo na produção de conhecimento entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Em princípio, a primeira constatação ao analisar o Currículo Lattes dos professores é que não temos nenhuma informação concreta sobre a questão: Qual a formação do professor? Ou seja, a formação do professor está centralizada no desenvolvimento humano integral (saber-ser)? Mas, ao verificar o foco das formações: licenciatura, bacharelado e tecnologia, ressalto que a licenciatura é a única que forma essencialmente educadores. No curso de licenciatura há em seu currículo tanto disciplinas específicas para a sua formação, como há disciplinas direcionadas à Pedagogia e à Didática. Portanto, é possível considerar que os professores com licenciatura têm ou deveriam ter uma formação que busca a harmonia entre o saber-ser e o saber-fazer.

Exige-se cada vez mais que os professores da educação superior tenham títulos de mestre ou doutor. No entanto, é questionável se esta titulação possa contribuir efetivamente para a melhoria da qualidade didática no ensino superior.

O docente que domina com profundidade a área do saber referente à sua formação específica e tem conhecimentos de como fazer a transposição didática terá mais facilidade e criatividade para desenvolver e instigar nos alunos o gosto

pelo estudo, contextualizar os conteúdos e promover a conexão entre teoria e prática. Ou seja, a docência requer do professor uma formação didático-pedagógica, experiência profissional (prática) e comprometimento com o ensino e aprendizagem do aluno.

Os relatos de escuta dos professores revelaram que esse escutar professor-aluno acontece no processo ensino e aprendizagem, seja de modo individual ou coletivamente. Porém, cada um a seu modo, seja de forma acolhedora ou não, ou mesmo, através de práticas diferenciadas ou conteudistas. A escuta existe nas práticas e ações dos docentes.

Considero que as atividades e programações especiais que presenciei e/ou participei durante a investigação tiveram a intenção de contribuir com a formação de indivíduos autônomos com uma visão ampla de mundo, capazes de nele intervir, transformando sua realidade e atuando como cidadãos competentes, comprometidos, participativos, criativos e críticos; tendo como referência a educação integral do ser.

Ao realizar este estudo, observei que entre os discursos teóricos voltados à educação holística e a prática docente há um distanciamento entre o pensamento e a ação. Temos nesse panorama um paradoxo entre a teoria e a prática. Prevalecem os referenciais teóricos com pouca ênfase às práticas educacionais, comprometendo a relação teoria-prática essencial para a base formativa do professor. E, apesar de alguns documentos oficiais, como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), exporem que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, não mencionam sobre a formação pedagógica do professor universitário.

Com base nas teorias e dados analisados, defendo que o professor precisa ter formação para uma escuta sensível e uma visão holística na educação. Assim, defendo a relevância da sensibilização do professor para o exercício da sua prática e ação docente, mas uma sensibilidade pautada na formação integral do ser e da escuta.

Entendo que o trabalho se propôs e contribuiu nos seguintes aspectos: produção de conhecimentos; discussão ou instigar debate acerca das questões abordadas; transformação ou alteração de comportamentos ao introduzir na FATEC – Sorocaba reflexões e ações com direcionamento de uma escuta sensível e acolhimento, embasados na educação holística; aprendizagem da pesquisadora e melhoria da sua prática educativa.

Esta pesquisa reforçou as minhas crenças na educação e nas minhas práticas. Considero que o educador precisa estar mais sensível, atento, amoroso e solidário, e ter um olhar mais humano e compreensivo em relação àquele que está ao seu redor.

Finalizo esta minha tese fazendo um convite, para que todos nós, em alguns momentos de nossas vidas, seja no âmbito pessoal, acadêmico ou profissional, possamos silenciar os nossos pensamentos para sentir/compreender o que não foi dito, pois, a escuta sensível, em algumas situações, pede para que saiamos da cena para apreciar e reconhecer o outro como legítimo outro. Considero fundamental reconhecer, que ao longo de nossa existência, modificamos nossa maneira de olhar e enfrentar a realidade, e ao escutar o outro e a nós mesmos temos a possibilidade de mudar paradigmas ou ideias já estabelecidas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. Prefácio. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves... et al. **Autores-cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos: São Bernardo: EdUFSCar: EdUMESP, 2000. p. 9-11.
- ALESSANDRINI, Cristina Dias. A alquimia criativa. In: _____; BRANDÃO, Carlos R.; LIMA, Edvaldo P. **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo: Peirópolis, 1998 – (Série temas transversais; v.4). p. 15-47.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: **Integração das Tecnologias na Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. p. 38-45.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- ARDOINO, Jacques. Abordagem Multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24-49.
- ARDOINO, Jacques. **Psicologia da educação: na universidade e na empresa**. São Paulo; Herder:Edusp, 1971.
- BARATA-MOURA, José. **Educação superior: direito ou mercadoria? Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, SP,, v.9, n.2, (jun.2004), p. 31-36, 32. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=avaliacao&page=article&op=view&path%5B%5D=1266&path%5B%5D=1256>>. Acesso em: 30 maio 2013.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1985.
- BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 168-199.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Educação para a formação de autores-cidadãos. In: _____. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 7-13.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. A sala de aula como espaço de formação e produção do conhecimento. In: _____... et al. **Autores-cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos: São Bernardo: EdUFSCar: EdUMESP, 2000. p. 13-24.

BAUMAN, Zygmunt. Isto é entrevista. **Revista Isto é online**, 24.Set.2010. Disponível em:

<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR + >. Acesso em: 25 out. 2015.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: _____; MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2013. - (Coleção Papirus Educação). p. 73-140.

BOFF, Leonardo. **Do iceberg à Arca de Noé**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora, LDA, 1994.

BORBA, Marcelo de C. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. Caxambu: **ANPED**, 2004 p. 21-24. Disponível em: <<http://ns.rc.unesp.br/igce/pgem/home/frames/downloads/artigos/borba/minicurso-borba.doc>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

BRADLEY, Jana. **Methodological issues and practices in qualitative research**. Library Quarterly, v. 63.

BRANDÃO, Carlos R.; ALLESSANDRINI, Cristina D.; LIMA, Edvaldo P. **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo: Peirópolis, 1998 – (Série temas transversais; v. 4).

CARVALHO, Margly Octavia Genofre de. **Educar na Biologia da Amor**: o exercício de valores humanos no ensino médio com o auxílio de tecnologia. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2012.

CARVALHO, Margly Octavia Genofre de. **Educar na Biologia da Amor**: o exercício de valores humanos no ensino com o auxílio de tecnologia. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

CECCIM, Ricardo Burg. **A escuta pedagógica no ambiente hospitalar**. In: Anais do 1º Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar, realizado entre 19 e 21 de julho de 2000. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira; SOUSA, Elane Mayara. Escuta sensível: o que é? In: CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira (Org.). **(Con)Textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011.

CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Declaração CRES, 2008**. Disponível em: <<http://www.cres2008.com>>.

CREMA, Roberto. Entrevista com Roberto Crema. **ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia**. 15 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/entrevista-com-roberto-crema>>. Acesso em: 27 maio 2015.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2015.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. - 6. ed. - São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

DEMO, Pedro. **Olhar do educador e novas tecnologias**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 37, nº 2, mai./ago. 2011.

DEWEY, John. **My Pedagogic Creed**, *School Journal*, vol.54 (January 1897).

DIAS SOBRINHO, José. **Universidade e processo civilizatório**. Do princípio à realidade. Intervenção em 12 de setembro 2013 na sessão solene de abertura do ano letivo 2013/2014 e de homenagem ao Prof. Manuel Patrício na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. RPCD 13 (3) 32-44. Disponível em: <http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2013-3/03.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2015.

DIAZ BORDENAVE, Juan; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 31. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Entrevista com João Francisco Duarte Júnior. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, Vol. 12 – n. 3 – p. 362-367 / set-dez 2012.

FANFANI, E. T. **La condición docente**: análisis comparado de la Argentina, Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. Campinas. SP: Papirus, 2003.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade de A a Z**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/reportagens/educar2001/texto04.asp>>. Acesso em: 25 maio 2012.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **A Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa**. Revista da Faculdade de educação da USP. Vol. 31, fascículo 3. Dez 2005. São Paulo 2005. ISSN: 15179702.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 2003.

FREUD, Sigmund. (1912). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: **ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996. v. XII, p. 123-133.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000. Série: Brasil.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação plena para os professores**. Fundação Carlos Chagas • Difusão de Ideias • dezembro/2006.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores**: Condições e problemas atuais. Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP – ISSN 1984-5332 - Vol. 1, n. 1, p. 90-102, mai. 2009.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO; Elba Siqueira de Sá. (Coord.). **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. Oito desafios da formação de professores. Gente que educa – **Revista Nova Escola**. 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/oito-desafios-formacao-professores-431364.shtml>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

GOERGEN, Pedro. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. **Em Aberto**, Brasília, ano 5, n. 31, p. 01-18, jul. 1986.

GOERGEN, Pedro. **Docência no ensino superior**: competências e responsabilidades para com a sociedade, o aluno e a instituição. 2001. Transcritora: Eliethe Xavier de Albuquerque. Disponível em: <periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducacao/.../298>. Acesso em: 18 ago. 2015.

GOMES, Luiz Fernando. **EAD no Brasil**: perspectivas e desafios. Avaliação (Campinas).vol.18. no.1. Sorocaba. Mar. 2013.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. Ecopedagogia e cidadania planetária. São Paulo: Cortez, 1999.

HAYATI, D; KARAMI, E. & SLEE, B. **Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty**. Social Indicators Research, v.75, p. 361-394, springer, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: Os projetos de trabalho. Porto Alegre, RS: Ed. Artmed, 1998.

HOROWITZ, Seth S. A ciência e a arte de ouvir. **Fundação Estudar**. 11 nov..2012. Disponível em: <<https://www.estudar.org.br/a-ciencia-e-a-arte-de-ouvir/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

LASZLO, Ervin. **El cosmo creativo**: hacia una ciencia unificada de la matéria, la vida y la mente. Barcelona: Kairós, 1997.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/midia/arquivos/2013/abr/proavi---lei-n-93941996.pdf>>. Acesso em 18 de jul. 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LYUBOMIRSKY, Sonja. A nova ciência da felicidade. **Revista época**. 07 abril 2006 – Edição nº 412. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0..EDG73766-6014.00-A+NOVA+CIENCIA+DA+FELICIDADE.html>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

MACIEL, Maria Inês Etrusco. **A pesquisa-ação e Habermans: um novo paradigma**. Belo Horizonte: Una Editoria, 1999.

MANES, Facundo. **Usar o cérebro: Aprenda a utilizar a máquina mais complexa do universo**. 1 ed. - São Paulo: Planeta, 2015.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. - São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: _____; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-72.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. Editora Pioneira Thomson Learning, 2002.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. **O Globo**. 20.08.2014. Disponível em: <http://www.frenteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: a escola mata a curiosidade. **Revista Escola**. 2012. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/escola-mata-curiosidade-425244.shtml>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

NARANJO, Claudio. **Mudar a educação para mudar o mundo**. Editora Esfera, 2005.

NARANJO, Claudio. Entrevista com Claudio Naranjo: "A educação atual produz zumbis". **Revista Época** – 31/05/2015a. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/claudio-naranjo-educacao-atual-produz-zumbis.html>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

NARANJO, Claudio. Entrevista com Claudio Naranjo: professor deve se dedicar ao desenvolvimento humano, não à incorporação de conhecimentos. **Revista Educação** – edição 218, junho/2015b. Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/textos/218/transformar-o-professorlevar-educadores-ao-desenvolvimento-de-competencias-humanas-para-354421-1.asp>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

OLIVEIRA, Daisy Lara de. **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Mediação, 1997. (Cadernos de Educação Básica 2).

PEREIRA, Iêda L. L.; HANNAS, Maria Lúcia. **Nova prática pedagógica: propostas para uma nova abordagem curricular**. São Paulo: Editora Gente, 2000.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano, in **CADERNOS CEDES**, 24, pg. 32 - 43, Campinas – São Paulo: Papirus, 1991.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROGERS, Carl. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

SENDKER, Jan-Philipp. **A arte de ouvir o coração**. tradução Carolina Caires Coelho, - 1ª ed. - São Paulo: Paralela, 2013.

SERRÃO Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, Maria Salette. A.; RUGGERI, Wilma. C. F. **Para que a minha vida se transforme**. Campinas, SP; Versus, 2001.

SUNDARAM, Sathya Sivam. **A vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba**. Rio de Janeiro: Fundação Sai, 2008.

TARDIFF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 13, jan/fev/mar/abr, 2000.

TEDESCO. Juan Carlos. Universidade e democratização do conhecimento. In: SPELLER, Paulo; ROBL, Fabiane; MENEGHEL, Stela Maria (Org). **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. – Brasília : UNESCO, CNE, MEC, 2012.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. **Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução**. Cad. Pesq., (49): 45-50, maio 1984.

VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. Contribuindo para a formação de professores universitários: relatos de experiências. In: MASETTO, Marcos (org.). **Docência na Universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 77-94.

ANEXO A – Recepção aos calouros 2016

Recepção calouros 2016 para os cursos Tecnologia em Fabricação Mecânica e Tecnologia em Projetos Mecânicos

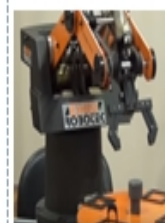
Recepção calouros 2016 para os cursos

TECNOLOGIA EM FABRICAÇÃO MECÂNICA E TECNOLOGIA EM PROJETOS MECÂNICOS



Fevereiro						
S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29						

- 03 – Início das Aulas
- 03 – Aula com Coordenador do Curso (presença obrigatória)
- 03 – Conhecer a estrutura dos laboratórios (presença obrigatória)
- 04 a 06 – Cursos em Tecnologia Avançada (presença obrigatória)
- 08, 09 e 10 – Não haverá aula – Carnaval/Cinzas
- 11 a 20 – Aulas de Matemática (presença obrigatória)



Os cursos de Tecnologia Avançada serão mini cursos realizados nos laboratórios de última geração nas áreas de: Automação e Robótica, Hidráulica e Pneumática, Usinagem CNC, Computação Gráfica, Metrologia, Projetos Avançados, CLP e Soldagem.

ANEXO B – Programação dos minicursos para recepção aos calouros

Programação dos minicursos para a recepção dos calouros dos cursos de mecânica, FATEC – Sorocaba.

A programação foi disponibilizada pelo professor/coordenador do curso de Projetos Mecânicos.

Planejamento dos Mini cursos para Recepção dos Calouros dos Cursos de Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos

Dividir os alunos de projetos e fabricação em 8 grupos

Dividir a turma de projetos em 3 turmas e fabricação em 7 turmas

Data	Dia da Semana	Nº Mini Cursos	Projetos Diurno	Projetos Noturno	Fabricação Mecânica Diurno	Fabricação Mecânica Noturno -A e B
04/fev quinta feira		1 PNEUMÁTICA	x	x		x
04/fev quinta feira		2 CLP			x	x
04/fev quinta feira		3 ROBÓTICA			x	x
04/fev quinta feira		4 METROLOGIA	x			x
04/fev quinta feira		5 TORNO CNC				x
04/fev quinta feira		6 FRESADORA CNC			x	x
04/fev quinta feira		7 CENTRO DE USINAGEM	x	x		x
04/fev quinta feira		8 TORNO CNC			x	x
04/fev quinta feira		9 SOLID WORKS	x	x		x
04/fev quinta feira		10 SOLDAGEM				x

Data	Dia da Semana	Nº Mini Cursos	Projetos Diurno	Projetos Noturno	Fabricação Mecânica Diurno	Fabricação Mecânica Noturno -A
05/fev sexta		1 PNEUMÁTICA			x	x
05/fev sexta		2 CLP	x	x		x
05/fev sexta		3 ROBÓTICA	x			x
05/fev sexta		4 METROLOGIA			x	x
05/fev sexta		5 TORNO CNC			x	x
05/fev sexta		6 FRESADORA CNC	x	x		x
05/fev sexta		7 CENTRO DE USINAGEM		*	x	x
05/fev sexta		8 TORNO CNC				x
05/fev sexta		9 SOLID WORKS	x	x		x
05/fev sexta		10 SOLDAGEM				x

Data	Dia da Semana	Nº Mini Cursos	Projetos Diurno	Projetos Noturno	Fabricação Mecânica Diurno	Fabricação Mecânica Noturno -A
06/fev sabado		1 PNEUMÁTICA				x
06/fev sabado		2 CLP				x
06/fev sabado		3 ROBÓTICA				x
06/fev sabado		4 METROLOGIA		x		x
06/fev sabado		5 TORNO CNC				x
06/fev sabado		6 FRESADORA CNC				x
06/fev sabado		7 CENTRO DE USINAGEM		x		x
06/fev sabado		8 TORNO CNC				x
06/fev sabado		9 SOLID WORKS		x		x
06/fev sabado		10 SOLDAGEM				x

ANEXO C – Programação da III SIPAT

Programação da III SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) 2016, da FATEC – Sorocaba.



Gestão 2015/2016

Comissão
É um grupo de pessoas trabalhando juntas, em equipe, para tratar de um determinado assunto.

Interna
É interna, mas pode atuar, dentro e fora da empresa.

Prevenção
O objetivo principal da CIPA é a prevenção, ou seja, atuar para que o acidente não ocorra.

Acidente
Acidente é qualquer acontecimento imprevisto que pode ocasionar dano ou prejuízo.

Fatec
Sorocaba
José Crespo Gonzales

III Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho

Programação:

	Manhã	Noite
Segunda: 02/05 Abertura: 08h00 Prof. Dr. Luiz Carlos Rosa Posse dos brigadistas	Palestra: 8h30 Objetivos e Desafios do Desenvolvimento Sustentável Prof. Dr. José Carlos Moura	Palestra: 19h30 Primeiros Socorros Bombeiro Pedro Luiz Carli
Terça: 03/05	Palestra: 8h30 Primeiros Socorros Bombeiro Pedro Luiz Carli	Palestra: 19h30 Objetivos e Desafios do Desenvolvimento Sustentável Prof. Dr. José Carlos Moura
Quarta: 04/05	Palestra: 8h30 DST/AIDS Bruna Valelongo Camila Lombardo	Palestra: 19h30 DST/AIDS Bruna Valelongo Camila Lombardo
Quinta: 05/05	Palestra: 8h30 Álcool e Drogas Cabo Fabiano C. M. de Oliveira	Palestra: 19h30 Álcool e Drogas Cabo Fabiano C. M. de Oliveira
Sexta: 06/05	Palestra: 8h30 Educação para o Trânsito Pietro F. Mazzulli	Palestra: 19h30 Ser Sustentável: O Olhar para o Outro Prof. Ma. Margly O. G. de Carvalho
Sábado: 07/05	Fechamento da III SIPAT às 8h30. Plantio de Árvores Frutíferas a partir das 9h00. Logo após haverá um piquenique comunitário.	

02 A 07 DE MAIO - NO AUDITÓRIO DO P7

ANEXO D – Slogan da III SIPAT

Slogan da III SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) 2016, da FATEC – Sorocaba.

A imagem foi disponibilizada pelo professor/presidente da CIPA (biênio 2015 e 2016), da FATEC – Sorocaba.



ANEXO E – Palestra realizada na programação da III SIPAT

Palestra realizada pela pesquisadora no evento da III SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) 2016, da FATEC – Sorocaba.

Local: campus da FATEC – Sorocaba no auditório do prédio 7. Participação de professores, coordenadores, alunos e funcionários.

O tema da palestra: Ser sustentável: o olhar para o outro.

A imagem foi disponibilizada pelo professor/presidente da CIPA (biênio 2015 e 2016), da FATEC – Sorocaba.



ANEXO F – Atividades da III SIPAT

Atividades desenvolvidas pela III SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) 2016, da FATEC – Sorocaba.

Programação de encerramento: plantio de árvores frutíferas e piquenique comunitário, com a presença de alunos, professores, coordenadores, funcionários e o diretor.

As imagens foram disponibilizadas pelo professor/presidente da CIPA (biênio 2015 e 2016), da FATEC – Sorocaba.













ANEXO G – Projeto Barco hovercraft e Drone

Projeto desenvolvido e apresentado em atividade da disciplina Física II do curso Projetos Mecânicos, FATEC – Sorocaba.

As imagens foram disponibilizadas pelo professor que desenvolveu a atividade. Participaram desse evento: professores, coordenadores e alunos dos cursos de mecânica.



Barco hovercraft sendo exibido no lago da FATEC – Sorocaba. O comando do barco é por controle remoto.



Barcos hovercraft sendo exibido no lago da FATEC – Sorocaba. Os comandos dos barcos são por controle remoto.



Professores, coordenadores e alunos na apresentação dos projetos: barco hovercraft e drone, no campus da FATEC – Sorocaba.



Drone – projeto desenvolvido e apresentado em atividade da disciplina Física II do curso Projetos Mecânicos – FATEC – Sorocaba.



Professor, coordenador e alunos na apresentação dos projetos: barco hovercraft e drone, no campus da FATEC – Sorocaba.

ANEXO H – Ata (22-02-2016)

Parte da ata da reunião ordinária da coordenação do curso superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos, FATEC – Sorocaba, realizada em 22-02-2016.

A ata foi disponibilizada pelo professor/coordenados do curso de Tecnologia em Projetos Mecânicos.

**ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA COORDENADORIA DO CURSO SUPERIOR
DE TECNOLOGIA EM PROJETOS MECÂNICOS
REALIZADA EM 22.02.2016**

1 Aos vinte e dois dias do mês de fevereiro de dois mil e dezesseis às onze horas e trinta
2 minutos no Laboratório Multidisciplinar 2, do prédio 5, teve início a Reunião Ordinária da
3 Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos, sob a Presidência
4 do Professor Samuel Mendes Franco, Coordenador. **1. VERIFICAÇÃO DOS**
5 **PRESENTES** – Estiveram presentes os membros: Antonio Garcia Netto, Antônio Accarini
6 Filho, Arthur Vieira Netto Junior, Benedito César Ferraz, Fausto Correa de Lacerda,
7 Francisco de Assis Tóti, Francisco Carlos Ribeiro, Gilvan Antônio Garcia, Helena Setsuko
8 Del Mastro Espindola, Heliane Aparecida Monti Mathias, Itália Aparecida Zanzerini Iano,
9 José Itamar Monteiro, José Carlos Moura, Lauro Carvalho de Oliveira, Luiz Alberto
10 Bálamo, Marcos Chogi Iano, Margarete Aparecida Leme Andrade, Maurício de Almeida
11 Machado, Mônica de Oliveira Pinheiro da Silva, Nelson Rampim Filho, Osni Paula Leite,
12 Paulo dos Santos, Samuel Mendes Franco, Sônia Maria de Pinão Godoy e Vitor Cássio do
13 Carmo. **Justificaram a ausência os membros:** Haroldo Uhon Hasegawa, Iberê Luis
14 Martins, José Antônio Esquerdo Lopes e Olívia Cristina Vituli Chicolami. **Não**
15 **compareceram:** Célio Olderigi De Conti, Cláudio Sérgio Sartori, Cláudio Roberto Uliana,
16 David Alcolá, Décio Cardoso da Silva, Elvio Franco de Camargo Aranha, Flora Cardoso da
17 Silva, Flívio Israel Aranda de Almeida, José Lázaro Ferraz, José Luiz Antunes de Almeida,
18 Mauro Pancera, Milton Fogaça de Almeida Filho, Paulo César Juliano, Walômar Bonventi
19 Júnior e William Fortunato da Silva. **2. LEITURA E APROVAÇÃO DA ATA DA**
20 **REUNIÃO ANTERIOR** – Ata da Reunião Ordinária realizada no dia catorze de dezembro
21 de 2015. Colocada em discussão e em votação, após a correção do sobrenome da Profa.
22 Heliane Aparecida Monti Mathias, a ata da reunião supracitada foi aprovada por
23 unanimidade. **3. ORDEM DO DIA – 3.1. Resultados dos minicursos e Semana Zero**
24 **para calouros:** O Prof. Samuel informa que no primeiro dia de aula, recebeu os alunos
25 com uma apresentação com a história do Centro Paula Souza, os Projetos, as Etes e por fim
26 a história da Fatec Sorocaba. Tudo com o objetivo de motivar os alunos e que inclusive
27 pretende disponibilizar essa apresentação para os professores, para que façam sugestões e
28 assim seja criado um vídeo institucional do curso de Projetos Mecânicos. Prof. Samuel
29 comenta que na matrícula foi distribuído aos calouros um folheto com informações e projetos
30 da Fatec, citou a foto do Prof. Arthur Vieira Netto Junior retratando seu Projeto de Pesquisa,
31 fotos de equipamentos e laboratórios, e informações sobre os minicursos e aulas de
32 matemática. Prof. Samuel lembra que na sua apresentação mostrou aos alunos fotos do
33 laboratório de CAD da Fatec e fotos de um laboratório em Harvard nos EUA, destacando a

**ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA COORDENADORIA DO CURSO SUPERIOR
DE TECNOLOGIA EM PROJETOS MECÂNICOS
REALIZADA EM 22.02.2016**

34 igualdade, e acrescentando que aqui eles terão aulas com professores especialistas que
35 transmitirão conhecimentos, entretanto caberá a cada um a busca pela habilidade e domínio
36 na profissão almejada. Lembra que os alunos fizeram um "tour" pelo campus e nos dias
37 seguintes participaram de minicursos e aulas de matemática para relembrar conceitos
38 importantes. Prof. Samuel destaca que os minicursos proporcionou uma integração entre os
39 alunos, de forma que trocaram ideias e discutiram os temas entre si, já que cada aluno foi
40 inscrito em cursos diferentes. Segundo o Prof. Samuel ainda, as aulas de matemática também
41 foram importantes meios para que os alunos interagissem entre si, além da revisão,
42 proporcionaram um acolhimento. Prof. Samuel observa que a turma de Projetos Mecânicos
43 noturno surpreendeu "eles acharam os exercícios fáceis". Prof. Garcia sugere para o próximo
44 semestre, que a divulgação dos minicursos seja feita por meio de cartazes, banners para um
45 melhor acesso à informação, pois sentiu que alguns alunos "estavam perdidos". Prof. Fausto
46 observou que a identificação dos prédios do Campus é um pouco "escondida", dificultando a
47 identificação pelos alunos ingressantes, que em sua maioria não conhecem a Fatec. **3.2.**
48 **Calendário Acadêmico:** Prof. Samuel destaca que haverá alguns feriados comprometendo
49 às aulas de quintas-feiras, sextas-feiras e sábados, portanto pede a colaboração dos
50 Professores no sentido de adequarem o conteúdo programático. **3.3. Colação de Grau para**
51 **Formandos 2º/2015:** Prof. Samuel comunica que a colação de grau acontecerá no dia 18 de
52 março de 2016 e que o Prof. Mauro Pancera será o paraninfo dos formandos de Projetos
53 Mecânicos. **3.4. V Semana de Iniciação Científica e Tecnológica:** Prof. Samuel informa
54 que a Semana de Iniciação Científica acontecerá nos dias 11, 12 e 13 de abril, e que as aulas
55 não serão suspensas, entretanto se algum professor estiver envolvido em um projeto, poderá
56 apresentá-lo e convidar os alunos a participar, e/ou ainda fazer a divulgação por meio de
57 banners. **Prof. Francisco Ribeiro** lembra que a Semana de Iniciação Científica está prevista
58 no calendário acadêmico, e diz ser preciso incentivar a participação dos alunos. **Prof. Garcia**
59 destaca que o assunto foi discutido em reunião de Coordenadores e decidido que as aulas não
60 serão suspensas. **Prof. Francisco Ribeiro** representando a equipe da Iniciação Científica
61 solicita o apoio dos membros da coordenação para a realização do evento. **Prof. Toti**
62 afirma que concorda que as aulas não devem ser suspensas, contanto que não prejudique os
63 alunos que participarão das atividades da Semana de Iniciação Científica, como
64 acontecimento de provas e trabalhos dentro do período. "Eu tenho duas alunas que
65 apresentarão trabalhos com banners". Alguns Professores comentaram que palestras no
66 saguão do prédio central de aulas prejudicam o andamento das aulas, em função do barulho e

Entre as linhas 24 e 47, da referida ata, está mencionada a programação especial de calouros. A palavra acolhimento está citada na linha 42.

ANEXO I – Ata (15-06-2016)

Parte da ata da reunião ordinária da coordenação do curso superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos, FATEC – Sorocaba, realizada em 15-06-2016.

A ata foi disponibilizada pelo professor/coordenador do curso de Tecnologia em Projetos Mecânicos.

29 **Ata da Reunião Ordinária do Curso Superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos**

30 **realizada em 15/05/2016 – Prédio Centra de Aulas – Sala: CA-16**

229 comentou que as salas reservadas para as provas do curso Gestão Empresarial,
230 modalidade Ensino a Distância, e pediu a colaboração dos professores para não
231 transferirem de sala sem aviso na Coordenadoria, em razão das reservas solicitadas.
232 O Coordenador informou que para o próximo semestre, na primeira semana de aula,
233 não serão oferecidos os cursos nos laboratórios e também o nivelamento de cálculo e
234 física. A professora Itália Aparecida Zanzarini Iano sugeriu para os calouros, pelo
235 menos uma visita aos laboratórios e algumas demonstrações preparadas pelos
236 auxiliares docentes, e comentou que existe divergência em relação as atividades
237 permitidas para os auxiliares docente, e esse tipo de atividades ele podem
238 desenvolver, comprovou em edital as atividades relacionadas aos auxiliares docentes,
239 eles não podem aplicar provas ou ministrar aula, devem desenvolver atividade de
240 apoio ao professor nas aulas práticas. O professor Francisco de Assis Toti sugeriu
241 alteração na nomenclatura, e a divulgação das práticas de laboratório como título
242 "Prática Operacional em Equipamento". O Coordenador Samuel Mendes Franco
243 informou que a professora Margly Octavia Genofre de Carvalho, docente da rede
244 estadual, cursando Doutorado na área de Educação, na instituição privada
245 Universidade de Sorocaba (UNISO), solicitou autorização à Diretoria da Fatec
246 Sorocaba, para desenvolver estudo relacionado ao tema do doutorado intitulado
247 "Escuta Sensível", utilizando o ambiente pedagógico para campo de pesquisa, e por
248 meio de entrevistas aos professores, reunir material de pesquisa para desenvolver seu
249 doutorado. O Coordenador Samuel Mendes Franco comentou, que conversou com a
250 professora Margly Octavia Genofre de Carvalho e informou que a Coordenadoria de
251 Projetos Mecânicos e agendou uma reunião no período da manhã, e a mesma
252 conversou informalmente com alguns professores a respeito do tema. O professor
253 Francisco de Assis Toti relatou que ele, os professores Antonio Garcia Netto, Cláudio
254 Siqueira Vieira e Milton Fogaça de Almeida Filho conversaram com a professora, e
255 relataram alguns procedimentos adotados, mediante algumas situações ocorridas no
256 semestre. Informou também que três alunos do curso, desenvolveram Iniciação
257 Científica e o trabalho foi encaminhado para Feira Tecnológica do Centro Paula Souza
258 (Fefeps) e aceito, acompanhará os alunos nesse evento. O professor Antonio Garcia
259 Netto sugeriu divulgação no jornal do Centro Paula Souza, a interação das pesquisas
260 dos professores Francisco de Assis Toti e Fausto Correa de Lacerda a forma de
261 aplicação na disciplina que ministra. O professor Paulo dos Santos informou que tem

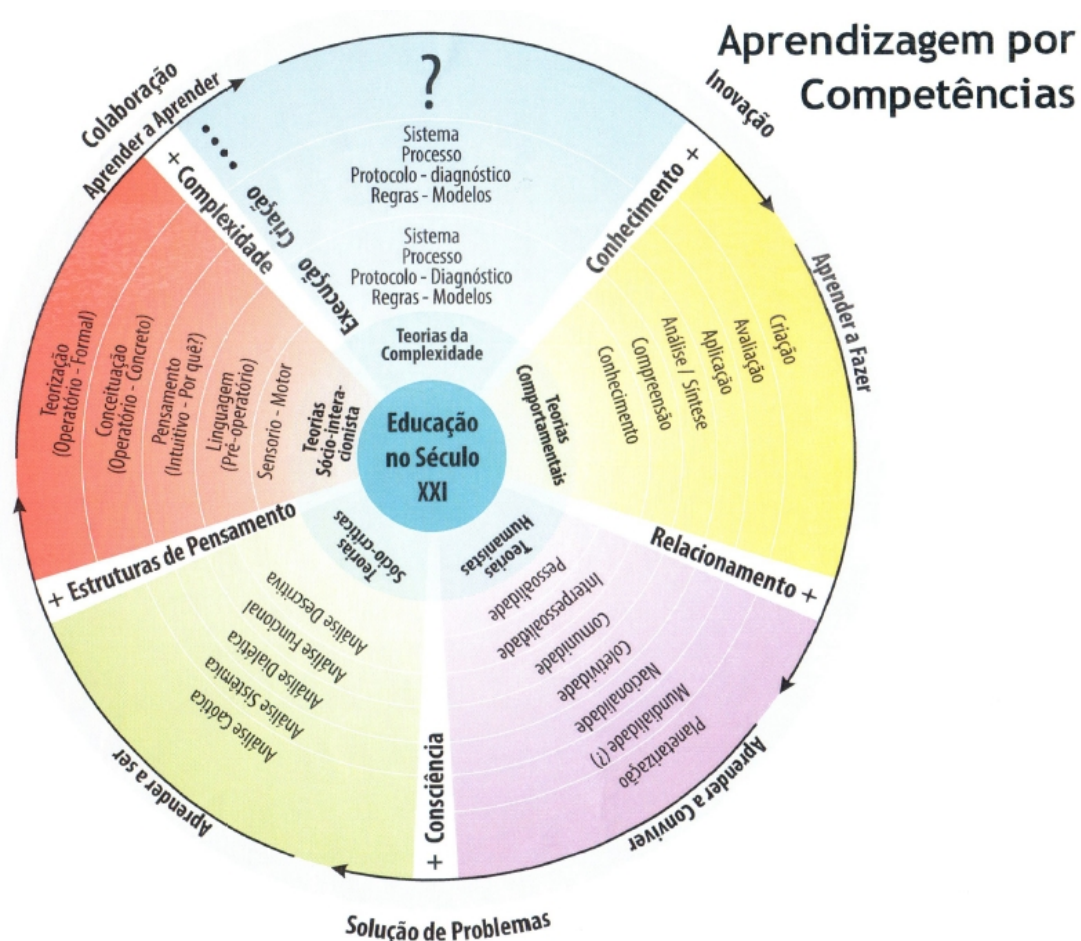
33 **Ata da Reunião Ordinária do Curso Superior de Tecnologia em Projetos Mecânicos**
34 **realizada em 15/06/2016 – Prédio Centra de Aulas – Sala: CA-16**
262 interesse em relatar suas experiências em sala de aula, e contribuir com o trabalho da
263 professora Margly Octavia Genofre de Carvalho. O professor Ivar Benazzi Junior
264 comentou que o Grupo de Apoio a Pesquisa e Extensão (GAPE) da Fatec Sorocaba
265 realizou uma pesquisa no MEC (Ministério da Educação) e no Regimento Unificado do
266 Centro Paula Souza, e concluiu que existe divergência na interpretação para o
267 oferecimento de cursos e emissão dos certificados, disse que o Curso de Extensão é
268 caracterizado para participação da comunidade externa. Informou que os auxiliares
269 docentes questionaram o motivo de não receberem os certificados, eles não podem
270 ministrar cursos, podem auxiliar, e esse auxílio está incluído nas atividades de
271 trabalho, participam dos cursos auxiliando o professor responsável, dentro do horário
272 de trabalho. O professor José Carlos Moura comentou que atendeu alguns alunos com
273 dúvidas em elaborar o Trabalho de Graduação, dúvidas relacionadas a formatação e
274 sequência dos tópicos, concluiu que falta um eixo ergonômico, um modelo para os
275 alunos seguirem e escreverem a pesquisa realizada. O professor Milton Fogaça de
276 Almeida Filho agradeceu a Coordenadoria e Diretoria pelo apoio e empenho para a
277 realização da visita técnica à Feira da Mecânica, no recinto Anhembi em São Paulo,
278 relatou que participaram da visita aproximadamente 40 (quarenta) alunos dos cursos
279 Eletrônica, Automotiva, Fabricação Mecânica e Projetos Mecânicos, e que foi
280 importante a interação de alunos de vários cursos e após a visita o feedback foi
281 positivo, os alunos relataram que gostaram e aprenderam com a exposição das
282 máquinas em funcionamento e alguns nunca tinham tido a oportunidade de visualizar
283 uma máquina funcionando, pediu que sempre que possível a possibilidade de realizar
284 visitas técnicas, justificou que agregam muito conhecimento ao aluno. Comentou ainda
285 que atividade "Barquinho Pop Pop" desenvolvida com os alunos, no semestre
286 passado, repercutiu até em outras unidades, houve uma visita na Fatec e perguntaram
287 onde estavam os barquinhos. O professor Artur Roberto M. O. Mandl que está
288 ministrando a disciplina Metrologia (FMT002) do curso Projetos Mecânicos, período
289 diurno, de titularidade do professor Samuel Mendes Franco, e disse que gostou da
290 turma, agradeceu a oportunidade de retornar a ministrar aula no curso Projetos
291 Mecânicos, explicou que ministra a mesma disciplina em outros cursos também. Nada
292 mais havendo a tratar, o Coordenador Samuel Mendes Franco agradeceu a presença
293 de todos e encerrou a reunião, da qual eu Diana da Silva Oliveira, Assistente

Entre as linhas 242 e 256, da referida ata, está mencionado o desenvolvimento da pesquisa "Escuta Sensível". E entre as linhas 261 e 263, temos a manifestação e o interesse de um professor em colaborar com a pesquisadora na investigação.

ANEXO J – Conecta Docente

Material compartilhado na atividade Conecta Docente: Aprendizagem por Competências e A Roda da Pedagogia V4.0, em que o professor/coordenador do curso Tecnologia em Projetos Mecânicos participou e socializou com a pesquisadora ao fazer referência à escuta sensível do docente em uma instituição de educação superior.

Material disponibilizado pelo professor/coordenador do curso Tecnologia em Projetos Mecânicos, FATEC – Sorocaba.



A Roda da Pedagogia V4.0

<http://tinyurl.com/posterV4>

Como utilizar a Roda da Pedagogia: Tudo não passa de Grades de Massa Cinza

Um método para obter os melhores resultados com esse modelo de ensino.



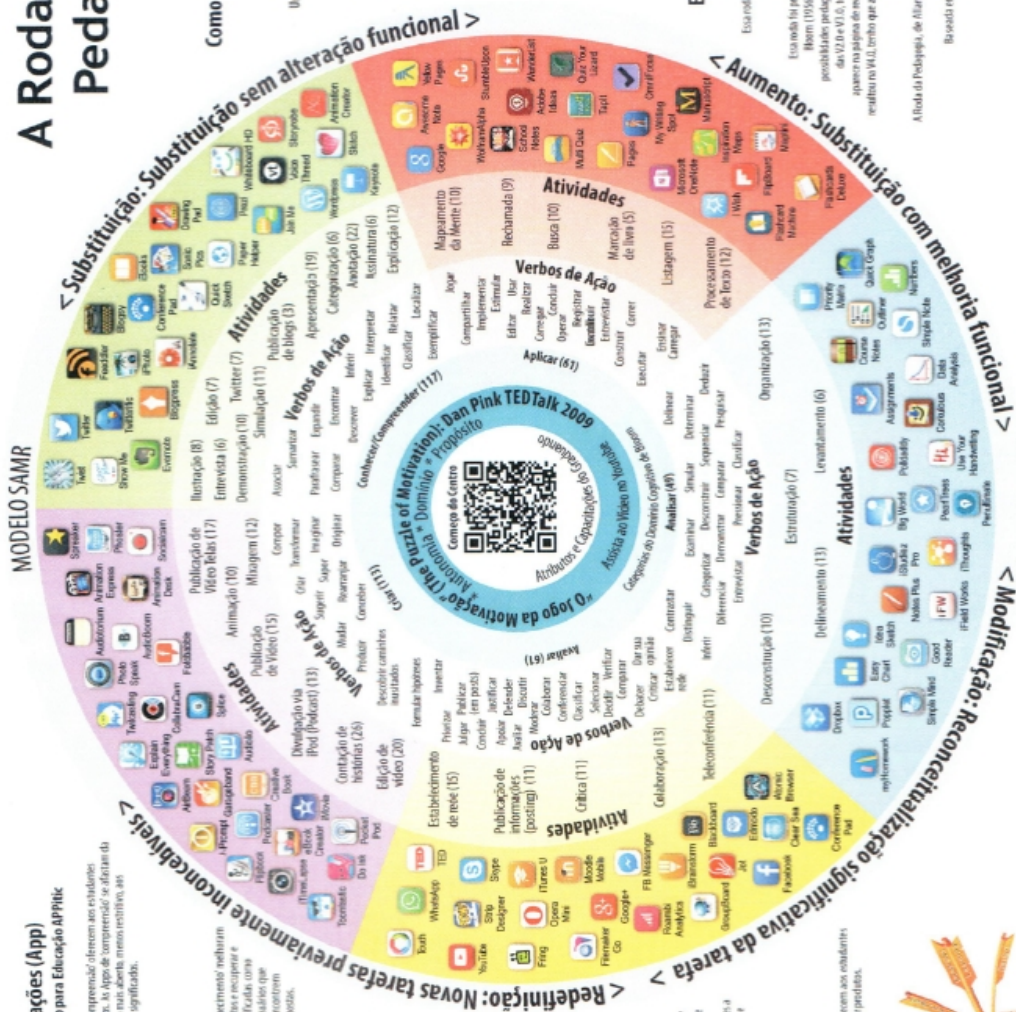
Lista de APPs para a educação e um catálogo em rede de aplicativos para educação, abrangendo a área de Educação Infantil, Educação Básica e Educação Superior. A lista de aplicativos é organizada em categorias e subcategorias, com links para cada aplicativo. A lista de aplicativos é organizada em categorias e subcategorias, com links para cada aplicativo.



Em Pé Nos Ombros de Gigantes

Essa roda pedagógica, com as aplicações, foi desenvolvida, pelo projeto APPiC, no âmbito do projeto de pesquisa "Aprendizagem e Avaliação em Ambientes Digitais", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Ministério da Educação (MEC). A roda pedagógica é organizada em categorias e subcategorias, com links para cada aplicativo.

A Roda da Pedagogia, de Alan Carrington, está licenciada sob os termos da Creative Commons Attribution 3.0 Unported License. Disponível em <http://tinyurl.com/roda>



Critérios de Seleção de Aplicações (App)
a partir da Página de Rede de Listas de App para Educação APPiC

Compreensão: App que se ajusta ao estágio de compreensão, oferecem aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de compreensão se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.

Critérios de Compreensão

Compreensão: App que se ajusta ao estágio de compreensão, oferecem aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de compreensão se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.

Critérios de Conhecimento

Aplicação: App que se ajusta ao estágio de conhecimento, oferecem aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de conhecimento se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.

Critérios de Aplicação

Aplicação: App que se ajusta ao estágio de aplicação, oferecem aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de aplicação se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.

Critérios de Análise

Aplicação: App que se ajusta ao estágio de análise, oferecem aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de análise se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.

Critérios de Avaliação

Aplicação: App que se ajusta ao estágio de avaliação, oferecem aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de avaliação se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.

Critérios de Criação

O aprendizado por criação, oferece aos estudantes oportunidades para que explorem suas ideias e conceitos. As Apps de criação se ajustam da escolha de uma resposta "certa" e apresentam um formato mais aberto, menos restrito, aos estudantes, quando solicitado, respondem e trabalham significativamente.



Simulações são pedagogias mais eficazes para desenvolver habilidades de avaliação e aprendizagem em ambientes digitais, assim como para abordar a redefinição. Por favor, note os benefícios de aprendizagem por simulação, que o ajudará a conectar e construir conceitos de aprendizagem na experiência.

<http://tinyurl.com/4LMsimulations>